



rascunho

276
Abr. 2023

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

ARTE DA CAPA:
HALLINA BELTRÃO



**eduardo ferreira**

TRANSLATO

EL SUPREMO (4)

Volto, ainda esta vez, ao texto de **Yo el supremo**, grande obra do paraguaio Augusto Roa Bastos. Nesta coluna, pretendo ater-me a questões que o protagonista do romance, o ditador supremo, levanta sobre conceitos como narrativa e memória, esticando as reflexões para a seara da tradução.

Roa Bastos, por intermédio de seu protagonista, questiona o papel da memória na produção da escritura, expressando opiniões que a enquadram entre o nefasto e o irrelevante, com um curioso apontamento sobre a perfeição que reveste o miraculoso instrumento chamado de “caneta-recordação”.

A memória é, acima de tudo, considerada como vetor incapaz de produzir uma correta transcrição do real em palavras: “Sabe o que é a memória?”, pergunta o supremo. E ele mesmo responde: “Estômago da alma, disse erroneamente alguém. Embora no ato de nomear as coisas nunca haja um primeiro. Nada mais há que uma infinidade de repetidores. Só se inventam novos erros. Memória de um só não serve para nada”.

Para o supremo, o ideal seria descartar a memória individual — embora talvez nem tanto

a memória coletiva — como instrumento legítimo de construção de narrativas. Diz ele a seu amanuense: “Esquece a tua memória. Escrever não significa converter o real em palavras, mas fazer que a palavra seja real”. E complementa: “Acontece que a tua maldita memória recorda as palavras e esquece o que está atrás delas”.

O conceito de memória é também invocado para ressaltar a prevalência do oral sobre o escrito: “O que está escrito no Livro de Memórias tem que ser lido primeiro; ou seja, tem que evocar todos os sons correspondentes à memória da palavra, e esses sons têm que evocar o sentido que não está nas palavras, mas que foi unido a elas por movimento e figura da mente em um instante determinado, quando se viu a palavra pela coisa e se entendeu a coisa pela palavra”.

E, apesar de todas essas ponderações, a memória impensoal — materializada na “caneta-memória” — é o instrumento por excelência da escrita fidedigna, o aparelho inventado pelo supremo para descrever a realidade tal como ela é, imageticamente. Ou quase isso, segundo os elementos de dúvida lançados pelo próprio ditador.

Nota-se todo um processo de tradução subjacente às considerações do protagonista de **Yo el supremo** sobre a construção da palavra e seus sentidos, da memória e das narrativas que se elaboram na confluência das lembranças com a realidade.

Como todo ato tradutório, também a recuperação dos arquivados da memória e sua transcrição em narrativa/texto sofre todo tipo de crítica, censura, reprimenda — e não só do ditador supremo. Esse questionamento se verifica especialmente no caso da memória individual — a única que de fato pode ser considerada “memória”, no sentido de repositório exclusivamente mental de informações.

Essas passagens de memória em texto, de texto em leitura, de leitura em tradução são todas altamente problemáticas — e Roa Bastos, por intermédio de seu protagonista, trabalha muito bem esse tema complexo.

A complexidade é tão acachapante que o supremo busca um escape nas fantasias de uma caneta mágica ou de uma nova linguagem plenamente transparente à realidade.

A voz crítica do supremo, embora talvez excessivamente severa, tem bom amparo na realidade das transições imperfeitas que testemunhamos todo o tempo. Que se há de fazer? A proliferação das interpretações é incontável. O protagonista de Roa Bastos, como supremo ditador, apenas se insurge inutilmente contra a contínua insubordinação dos sentidos. ❶

**rinaldo de fernandes**

RODAPE

A DITADURA NUM CONTO DE VERISSIMO

Longo conto *A mancha* (2004), de Luis Fernando Verissimo, integra a coleção *Vozes do golpe*, publicada pela Companhia das Letras. Tem como protagonista Rogério, que foi torturado pelo regime de 64. Com o fim da ditadura, e de volta do exílio, Rogério torna-se empreendedor, enriquecendo no ramo imobiliário. Compra, reforma e vende prédios. Num de seus passeios para verificar prédios negociáveis, identifica, perplexo, um no qual sofreu tortura — identifica inclusive a mancha de seu sangue num dos compartimentos do prédio. No conto, outro personagem importante é Rubinho, que também foi torturado. Foi amigo de Rogério

nos tempos difíceis da repressão, mas tem uma perspectiva diferente dos fatos. Pode-se afirmar que Rogério e Rubinho ficaram traumatizados com a tortura. Rogério, o personagem mais denso da trama, e mesmo enriquecido, quer reaver a memória, entender os detalhes do que se passou com ele. Rogério se esforça para não matar o passado. Rubinho, ao contrário, faz do trauma um esquecimento. Fecha-se para a memória do sofrimento, dos desgostos. Mas como no presente tem propósitos e/ou valores ligados ao agronegócio (quer, aposentado, plantar maçãs), o esquecimento de Rubinho pode significar também menos um trauma e mais a perspectiva de quem assimilou plena-

mente uma ideologia que no passado combateu. O conto é sobre a derrota de uma geração que apostou em mudanças, mas que foi engolida pelas forças conservadoras, pelos valores do capital. E por essa via a narrativa faz uma leitura primorosa da elite brasileira, inclusive, ou sobretudo, da que dá suporte ao bolsonarismo. Rogério convive com pessoas extremamente conservadoras (familiares de sua esposa), com valores segregacionistas fortes — pessoas entre as quais identifica no passado um complô com os ditadores. Há na trama uma metáfora vigorosa, a do condomínio fechado, explicativa do modo de ser da elite que apoiou a ditadura e agora apoia a extrema direita. Essa metáfora, identificando a perspectiva presente de Rubinho, a de se fechar em si mesmo para apagar ou, estrategicamente, desautorizar os fatos vividos, o seu envolvimento com a resistência à ditadura, é extensiva ao modo de ser da elite brasileira. Rubinho diz para Rogério, quando este busca reaver com o antigo amigo a memória da tortura: “Meu filho, o Sidnei, está tentando me ensinar a lidar com o computador. Ele sabe tudo, eu não consigo aprender. E ele me disse por quê. Disse: ‘Pai, você tem uma mente defensiva’. É exatamente isso. Desenvolvi uma mente defensiva como um condomínio fechado. Uma mente com guarita, que abate qualquer inimigo na porteira. Novas técnicas, lembranças, ideias, tudo que possa perturbá-la e solapar sua burrice assumida, é abatido na entrada”. Eis uma leitura precisa da mentalidade de nossa elite sob o bolsonarismo, que presentifica valores de um passado que, para ela, não morrem. E a força dessa permanência, a reatualização desses valores no Brasil atual, termina sendo sufocante no conto de Luis Fernando Verissimo. ❶

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR

rascunho@rascunho.com.br
 www.rascunho.com.br
 twitter.com/@jornalrascunho
 facebook.com/jornal.rascunho
 instagram.com/jornalrascunho
 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLUNISTAS

Alcir Pécora

Eduardo Ferreira

Fabiane Secches

João Cezar de Castro Rocha

José Castello

José Castilho

Luiz Antonio de Assis Brasil

Maira Lacerda

Nilma Lacerda

Noemi Jaffe

Olyveira Daemon

Ozias Filho

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Tércia Montenegro

Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Ana Maria Machado

André Caramuru Aubert

David Lehman

Giovana Proença

Luiz Rebinski

Márwio Câmara

Maurício Melo Júnior

Miguel Sanches Neto

Paulliny Tort

Paulo Paniago

Sérgio Tavares

ILUSTRADORES

Amy Maitland

Carolina Vigna

Denise Gonçalves

Eduardo Mussi

Eduardo Souza

Fabio Miraglia

Hallina Beltrão

Kleverson Mariano

Maira Lacerda

Marcelo Frazão

Ramon Muniz

Raquel Matsushita

Tereza Yamashita

Thiago Thomé Marques

DIVULGAÇÃO



6

Entrevista:
Ana Maria Gonçalves
Márwio Câmara

10

Trilogia Brasil, de Antônio Torres
Maurício Melo Júnior

DIVULGAÇÃO



17

Inquérito
Xico Sá

14

Um túmulo para meu avô
Miguel Sanches Neto

DIVULGAÇÃO



22

Paio Literário
Jarid Arraes



paio

LITERÁRIO

9

Tudo meio horrível,
de Nathalie Lourenço
Sérgio Tavares

27

Considerações
sobre o
romance
Fabiane Secches



35

Friday Black, de Nana
Kwame Adjei-Brenyah
Luiz Rebinski

36

Um brinde
na primavera
Ana Maria Machado



38

Poemas
David Lehman

40

O país das
maravilhas
Paulliny Tort



30

Os errantes
de Cormac
McCarthy
Paulo Paniago



publique!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



Fazemos seu livro/ebook



 (41) 99933-4883

www.thapcom.com

**josé castello**

A LITERATURA NA POLTRONA

A ROUPA NOVA DO POBRE

Na esquina da padaria, vejo uma mulher enrolada em um cobertor. Esticada ao longo da vitrine e em sono profundo, traz os seios à mostra. Sua nudez, mais que surpresa, desperta repulsa. “Que nojo”, escuto uma mulher, que passeia com seu cachorro, dizer. “Por quê, pelo menos, essa miserável não se cobre?”

Tenho o impulso de parar e me abaixar para cobri-la com os restos de seu cobertor lamacento, mas me contendo. Nem meus cabelos brancos convencerão a dama do cachorrinho de que não sou um tarado. Dou mais dois ou três passos e paro, sem saber o que fazer.

“Eu só quero comprar uma chupeta para meu irmão”, grita um menino na porta da loja vizinha. Um pequeno bazar, em que nunca entrei. “Cai fora, menino, não enche”, diz um rapaz uniformizado enquanto o empurra. O garoto veste só um calção largo, que balança em sua cintura. Está sem camisa e descalço. “Por que eu não posso entrar na loja?”

O segurança ainda tenta: “Ninguém pode entrar em uma loja só de cuecas”. O menino o enfrenta, diz que não está de cuecas, mas de shorts. Está furioso. “Você não tem nem dinheiro para comprar a chupeta”, o rapaz completa, empurrando-o pelo peito.

Nesse momento, um casal de meia idade sai do bazar. A mulher, comovida, vai até o garoto, abre a bolsa, e lhe dá algum dinheiro. “Pronto, agora você pode comprar o que quer”, ela diz, afagando seus cabelos. O segurança assiste a tudo em silêncio mas, assim que o casal se afasta, debocha: “Se deu bem, hein, garoto? Mas pelo assim, mesmo com dinheiro, você não pode entrar”.

Penso em intervir, argumentar a favor do menino, mas, antes que eu dê um passo, chega uma senhora de idade. Aproxima-se e pergunta: “Meu filho, o que está acontecendo com você?”. O menino reclama do segurança. Diz, ainda, que tem um irmão muito pequeno que perdeu sua única chupeta e agora não para de chorar. Diz e aponta para a mulher que traz os seios expostos. Só agora vejo uma pequena cabeça que se protege logo abaixo deles.

A senhora de idade nem se dá ao trabalho de olhar para o segurança, que se perfila às suas costas. “Vamos fazer o seguinte, você me espera aqui, eu vou lá dentro e compro três chupetas para seu irmão.” Era o que eu mesmo, pouco antes da mulher chegar, me preparava para sugerir. Agora nem preciso enfrentar mais o rapaz da porta. Está tudo resolvido.

“Não!” — ouço o menino gritar. “Não sou mais um bebê, sei fazer as coisas sozinho. Eu mesmo quero comprar a chupeta.” A velha se paralisa, não sabe o que pensar, mas não se afasta. “Já disse que você não pode entrar”, o segurança insiste, agora elevando a voz. “Se você quisesse mesmo a chupeta, aceitava a ajuda da senhora. Você está tramando outra coisa.”

A mulher ainda tenta argumentar, sem sucesso, a favor do menino. Abre, então, sua carteira, lhe dá mais algum dinheiro, acena e entra no bazar. “Agora entendi qual é sua jogada”, diz o rapaz. “Você comove as pessoas, faz seu teatro e assim lhe dão dinheiro. Não quer chupeta coisa nenhuma.”

Nesse momento, para desmentir o segurança, ouvimos o choro do bebê enroscado no cobertor. Tenho o impulso de voltar alguns passos e falar com a mulher, mas, antes disso, o menino escapa por uma fresta e consegue entrar na loja. “Vagabundo”, berra o segurança, que entra no bazar atrás dele. O rapaz é grande e forte. Logo o traz para fora, arrastando-o pelos cabelos.

Vai acabar dando uma surra no garoto, eu penso. Vai acabar machucando o coitado. Preciso fazer alguma coisa. Então, tomado por uma fúria que en-

Ilustração: **Raquel Matsushita**

gulo com dificuldades e que me sufoca, me aproximo do garoto, agacho-me e sussuro em seu ouvido: “Vou te ajudar. Mas precisamos ir até a esquina”.

O menino me olha desconfiado, me examina, e enfim diz: “Ninguém pode me proibir de entrar na loja. E eu vou entrar na loja”. Seguro-o pelo ombro e digo: “Estou do seu lado. E é exatamente isso o que você vai fazer. Eu tenho um plano”.

Ele me examina de novo, sabe que pode ser uma armadilha, mas, já exausto, me segue. Paramos logo depois da esquina, em um lugar em que o segurança não pode mais nos avistar. Dou uma olhada em torno, examino as vitrines, nenhum sinal do que procuro. Até que, um pouco mais à frente, meus olhos de velho veem um cartaz: “Brechó”.

“Achei!” — digo entusiasmado. “Vamos até lá.” Sem entender o que se passa, o menino me segue. Agora de mãos dadas, entramos sem nenhum problema. Um velho nos recebe. “O senhor tem roupas usadas para esse menino”, pergunto. O garoto me olha espantado, mas não larga minha mão. “Alguma coisa barata e simples, talvez um conjunto de moletom.”

O velho logo volta com um conjunto de ginástica azul, bastante desbotado. O agasalho tem um gorro. “Há uma cabine?” A roupa fica um pouco larga, mas serve. O garoto se olha no espelho feliz. “O senhor vai mesmo comprar para mim?” Digo que é claro que sim, e peço ao vendedor, ainda, um par de tênis barato. Ele traz um tênis de brim, que fica meio largo também, mas resolve nosso problema.

“Não precisa embrulhar, ele vai vestido mesmo”, explico. Pago, dou a mão ao garoto e voltamos em direção ao bazar. O rapaz da segurança continua perfilado na calçada. “Não olhe para ele, só olhe para a frente. Agora nós vamos entrar.” O garoto cumpre à risca minhas instruções. Sua pequena mão treme.

No balcão de atendimento, lhe passo um trocado e digo: “Agora peça a chupeta de seu irmão”. O vendedor pergunta quantas chupetas ele quer. Quando o garoto mostra o dinheiro, o homem diz: “Com isso acho que você compra umas cinco”. Ele abre um sorriso e, sempre apertando minha mão, diz: “Eu quero todas”.

Depois vamos ao caixa onde, orgulhoso, o menino paga sua compra. “Agora podemos ir”, eu aviso. “Continue a olhar para a frente.” Na porta do bazar, porém, sua raiva transborda. Larga minha mão, arranca o casaco e o gorro, abre a embalagem das chupetas e se aproxima do segurança.

“Agora eu tenho roupa, agora eu posso entrar. Olha aqui as chupetas”, grita cheio de entusiasmo. O rapaz não acredita no que vê. De longe, a moça do caixa começa a bater palmas. Eu a acompanho, aplaudo e grito “bis”. Um pouco à frente, a mulher do cobertor se ergue e, sem se importar com os seios nus, bate palmas também. **●**

entrevista 

ANA MARIA GONÇALVES

Força atemporal

Nova edição de **Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves, confirma a relevância do romance para entender processo histórico de formação do Brasil

MÁRWIO CÂMARA | RIO DE JANEIRO - RJ

Não é exagero considerar Ana Maria Gonçalves uma das mais importantes vozes femininas da literatura brasileira contemporânea. Nascida em Ibiá, interior de Minas Gerais, em 1970, é publicitária de formação e teve seu início como ficcionista por meio de uma obra independente, custeada por ela própria, intitulada **Ao lado e à margem do que sentes por mim**. Porém, foi com o romance **Um defeito de cor**, publicado em 2006, que rapidamente a autora ganhou notoriedade e respeito da crítica ao reconstruir em tom memorialístico a história de Kehinde, uma mulher afrodescendente, da infância à vida adulta, marcada pelo regime da escravidão negra que perdurou durante três séculos no Brasil.

Aliada a uma intensa pesquisa documental, o romance desbrava os interiores da senzala e os conflitos existenciais de toda uma subjetividade de personagens inesquecíveis ali encontradas que mimetizam o amálgama de vozes silenciadas pelo sistema patriarcal consonante à hegemonia branca vigente. Não à toa que, dezessete anos depois de sua publicação, o romance retorna às livrarias em edição comemorativa, mostrando-se mais atual do que nunca, visto que, mesmo com os avanços culturais e tecnológicos ocorridos na sociedade brasileira, o país continua experienciando o fatídico drama do racismo estrutural e da desigualdade de classe.

Em entrevista ao **Rascunho**, Ana Maria Gonçalves comenta sobre o processo de elaboração de sua mais aclamada obra, a questão da representatividade na literatura, as mudanças do mercado editorial, além de trazer informações sobre o seu próximo projeto ficcional.

• **Um defeito de cor é um dos grandes clássicos da literatura brasileira contemporânea, além de traçar um panorama significativo sobre a identidade de homens e mulheres afro-brasileiros. Como foi o processo de construção do livro?**

O processo de elaboração da história que está em **Um defeito de cor** começou no momento em que li num livro de Jorge Amado, **Bahia de Todos os Santos: Guia de ruas e mistérios**, sobre uma rebelião na Bahia, ocorrida em Salvador, em 1835, chamada Revolta dos Malês, que foi uma rebelião de escravos muçulmanos que queria fundar o que depois os historiadores começaram a chamar de Califado Baiano, que era fazer a Bahia independente do Brasil, governada por eles. Eu nunca tinha ouvido falar dessa rebelião escrava — extremamente importante e que mudou os rumos do processo escravagista no Brasil. Comecei a querer contar aquela história, e seria até um jeito de contar aquela história para mim. Sempre digo que **Um defeito de cor** é um livro que



gostaria de ter lido. Então, fui atrás dessa história, que acabou virando o capítulo 7 de **Um defeito de cor**. Foi no processo de pesquisa que realmente entendi a dimensão da escravidão no Brasil. O livro cresceu em volta da rebelião malê conforme fui vendo novos personagens, estudando coisas que eu não sabia e gostaria de colocar ali. Foi um processo de cinco anos, os dois primeiros foram só pesquisa, eu só li, não escrevi absolutamente nada a não ser um roteiro da história, do que se tornou a história depois disso. Depois, mais um ano de escrita e mais dois de reescrita, período em que reescrevi o romance dezenove vezes. Durante o processo de pesquisa, achei que ia contar cem anos de história. Lembro de ter pegado cem folhas de papel sulfite, grudei todas na parede de casa, uma para cada ano, e dividi as folhas em três colunas. Na primeira coluna, conforme ia pesquisando e lendo, escrevia coisas que poderiam acontecer na vida da minha personagem principal, a Kehinde. Na segunda coluna, coisas que aconteciam na vida de pessoas que conviviam com ela e poderiam afetar a vida dela, e na terceira coluna, coisas que aconteciam na cidade, no estado, no país ou no mundo, que poderiam afetar a história da personagem principal. Ao fim de dois anos do processo de pesquisa, o que eu tinha era isso. Passei a limpo para o computador e a partir dali fui costurando a história. Acredito que esse pré-roteiro foi mudando muito na escrita, porque uma coisinha que você muda na história é um efeito cascata que vai fazer com que ela tome um novo rumo. A pesquisa foi um guia, um processo que me deu um entendimento do que queria dizer, e a partir dali fui deixando a história seguir seu fluxo.

• **De que maneira as pesquisas contribuíram para os caminhos que o enredo acabou tomando? Além disso, como manteve o equilíbrio entre a escrita de ficção e a pesquisa histórica?**

Fiz questão de colocar uma bibliografia no fim do romance, apesar de não ser muito usual, porque sou uma escritora que se apoia muito no processo de pesquisa. Eu gosto. Talvez seja uma das etapas de escrita de um livro, não só de um livro, mas de qualquer processo criativo, de que eu mais goste. É a partir dali que acho que as pecinhas que formam a história que está na minha cabeça se encaixam umas nas outras, criando trajetórias que sejam verossímeis ao leitor. E esse não é um processo pensado, é um processo muito intuitivo, ou seja, pedaços de ficção ou de realidade vão se misturando para criar uma determinada história, no sentido que são necessários para aquela história, não tem uma forma, vou colocar mais daqui ou mais dali, e eu acho que nem saberia fazê-lo desta maneira.

• **Luísa Mahin, mãe do poeta abolicionista Luís Gama, foi uma figura crucial para a construção da protagonista Kehinde. Como foi chegar à respectiva personagem histórica?**

Não existe nenhuma documentação oficial sobre Luísa Mahin. Então parti de um poema e uma carta autobiográfica em que Luís Gama fala de sua mãe. Aí, fui pesquisando histórias de outras mulheres que viveram na mesma época e nos mesmos lugares que essa personagem que eu construí a partir das referências biográficas do Luís Gama para a possível história da Luísa Mahin.

• **Escrever um romance de quase mil páginas não causou nenhum tipo de insegurança quanto ao retorno do público ou de alguma editora publicá-lo, já que o número de páginas, em alguns casos, pode atrapalhar a ascensão do livro?**

Escrevi o livro que gostaria de ter lido sobre o assunto, sem deixar de fora assuntos que considerei interessantes ou importantes. Não dá para se pensar uma história em relação ao limite de páginas, até porque é impossível controlar a recepção do livro. O que me preocupa é sempre contar a melhor história que consigo contar, independentemente do tamanho.

• **Ao lado e à margem do que sentes por mim foi publicado de forma independente. Como se deu sua estreia e quais eram as suas pretensões?**

Digo que é um livro que eu tinha de escrever, durante o processo de pesquisa do **Um defeito de cor**, para aplacar minha ansiedade de escrever um livro e deixar que o **Um defeito...** levasse o tempo que tivesse de levar.

• **Existe a possibilidade de *Ao lado e à margem do que sentes por mim* ser reeditado?**

Não. É um livro apressado, do qual sempre digo que nem me orgulho nem me envergonho. Considero-o apenas mediano, e por isso não pretendo republicá-lo.

• **O interesse pela literatura surge quando e por quê?**

Meu interesse pela literatura surgiu na infância. Tive a sorte de ser filha de uma mãe leitora. Então desde muito cedo convivi com muitos livros na minha casa. De uma maneira muito orgânica, a literatura foi incluída no meu dia a dia, porque em qualquer momento de folga eu via minha mãe lendo e gostando de ler e se divertindo com a leitura. Acho que isso passou para mim também.

• **Como é chegar até aqui, com essa nova edição de *Um defeito de cor*, acompanhando o Brasil em sua atual conjuntura econômica, política e social? É possível pensar que estamos no caminho da mudança mesmo após termos vivenciado tamanho retrocesso nos últimos anos?**

Acho que **Um defeito de cor** pode ajudar a compreender o processo histórico de formação do Brasil. Então, fico muito feliz que essa nova edição traga um novo fôlego para o livro, apresente-o a quem ainda não o tinha no radar. E que a partir daí a gente realmente entenda quem a gente foi para poder definir quem a gente quer ser. Acho que esse é o processo de mudança. E, sim, envolve idas e vindas, é assim que se faz a história.

• **Qual é a sua opinião sobre a atual produção da literatura brasileira que representa novos lugares de fala e dá protagonismo a subjetividades que, durante muito tempo, foram silenciadas por uma sociedade de herança escravagista, hegemônica e patriarcal?**

Sim, o mercado literário brasileiro é um mercado extremamente seletivo, principalmente quando a gente está falando da publicação de romances. A maioria dos romances publicados ultimamente no Brasil foi escrita por homens brancos do sul e sudeste do país. Nomes como Itamar Vieira Junior, Jeferson Tenório, Eliane Alves Cruz, Geovani Martins, Conceição Evaristo, por exemplo, já vêm de uma trajetória bastante consistente, anterior a **Um defeito de cor**. O que não havia era uma abertura ou interesse do mercado na divulgação dessas obras. Acredito que de algum tempo pra cá, o mercado percebeu que há demanda, há interesse e há necessidade de publicar cada vez mais autores, e aí eu não falo apenas de autores negros e negras, mas indígenas ou LGBTQIA+ que estão surgindo, contando uma história que é diferente das histórias das ficções, das narrativas que sempre nos foram contadas a partir de um único ponto de vista. É isso que acho interessante no mercado editorial agora.

• **A senhora acredita que a literatura ainda pode cumprir esse papel, que muitos falam, de mudança social diante da subjetivi-**



Acredito que a literatura pode muita coisa, mas não pode tudo. E ela não tem a necessidade de ter uma finalidade específica, seja de transformação social, construção de subjetividades ou coletividades."



Um defeito de cor
ANA MARIA GONÇALVES
Record
966 págs.



Acho que **Um defeito de cor** pode ajudar a compreender o processo histórico de formação do Brasil."

dade individual e coletiva de um país?

Acredito que a literatura pode muita coisa, mas não pode tudo. E ela também não tem a necessidade de ter uma finalidade específica, seja de transformação social, construção de subjetividades ou coletividades. Pode ter só papel de entretenimento também. Acredito que vai muito da possibilidade e da necessidade de cada autor ou autora. Eu me considero um ser político no mundo, então é óbvio que a literatura que faço vai refletir isso, mas não necessariamente que ela tenha obrigação de ser um veículo de transformação social. Ela pode ser um veículo de entretenimento e de beleza, duas coisas extremamente necessárias também no mundo de hoje.

• **O número significativo de mulheres brancas e negras escrevendo em nosso país diz alguma coisa para a senhora quanto ao mercado editorial brasileiro dos últimos dez anos?**

Gostaria de ter números, de ter fontes mais específicas para poder responder a essa pergunta, se houve realmente um aumento significativo nesses últimos dez anos. Confesso que não tenho acompanhado de perto os dados, mas tenho visto em termos de visibilidade. Acredito que os principais prêmios literários dos últimos anos foram ganhos por mulheres, mas o que a gente pode deduzir aí é um dado qualitativo, não necessariamente quantitativo.

• **É possível superar todas as mazelas que o Brasil enfrenta há mais de cinco séculos e que atormentam substancialmente a vida de milhões de brasileiros?**

É uma pergunta bem abrangente que eu não saberia responder. A esperança e o otimismo são necessários para minha saúde psicológica e física, até de existência no mundo agora, e acredito que há sim possibilidade de se superar tudo, mas não sei em quanto tempo, porque não sei qual é a vontade de cada geração em realmente superar um determinado problema que esteja no Brasil há séculos ou que tenha surgido no últimos anos, mesmo porque os problemas vão mudando de acordo com o tempo, de acordo com as ações do povo que está habitando o mundo naquele determinado momento.

• **Podemos aguardar um novo livro seu?**

Sim, tenho um livro novo que terminei há uns três anos, e que está na gaveta decantando ou descansando um pouco antes que eu volte a trabalhar nele, um processo de que gosto muito. Eu falo sempre que sou uma reesritora. Gosto do processo de ir em busca da história que quero contar, usando a frase eu acho que é a frase que cabe ali. O livro é uma ficção científica policial muito diferente de **Um defeito de cor**. Mas não tenho pressa. Vai chegar o momento dessa história ser contada. 🗣️

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

paioi LITERÁRIO



palco de grandes ideias

11ª temporada



6/abril
19h

Tatiana
Salem
Levy



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

ABERTURA
11ª temporada

Andréa
del Fuego



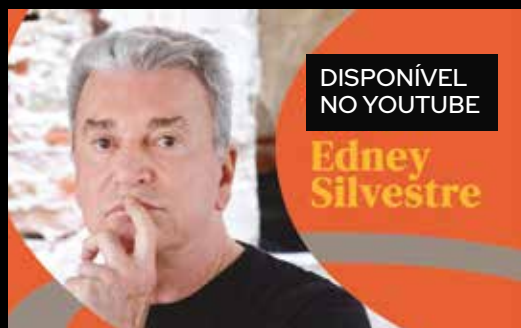
DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

Natalia
Borges
Polessso



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

Carol
Bensimon



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

Edney
Silvestre



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

Jarid
Arraes



Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paioliterario.com.br



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Rindo de nervoso

Em **Tudo meio horrível**, Nathalie Lourenço explora temas delicados com uma ironia trágica que deixa o leitor sem saber como reagir

SÉRGIO TAVARES | NITERÓI - RJ

Se houvesse, na literatura brasileira, um prêmio para melhor título, **Tudo meio horrível**, de Nathalie Lourenço, ganharia de barbadada. Dúbia e insinuante, a expressão traz uma inclinação de comicidade para algo sobre o qual não se devia fazer graça, a ironia clandestina para uma realidade em que o absurdo ultrapassou as raízes do mal-estar e se converteu num tipo picaresco de estado de espírito. A mais recente antologia da autora paulista subverte o previsível para arrancar, de capturas da vida, o riso involuntário que sucede o espanto. São dezesseis relatos de corrupções e falências tanto das relações humanas quanto das instituições sociais abordadas com uma incorreta naturalidade.

Versão brasileira, que abre o livro, estabelece a tônica e a estratégia narrativa que irão se reproduzir por todo conjunto. Um casal goza da cara alheia, fingindo ser estrangeiros durante uma hospedagem numa cidade de veraneio. Até que vão jantar e encontram estrangeiros de verdade na mesma pousada, exclusivamente atendidos por mulheres em último estágio de gravidez. Os movimentos inesperados que o texto faz para concatenar os temas maternidade, apartamento e turismo indicam uma solução sinistra, que vai se desdobrar num desfecho ainda mais impactante. A escrita sempre oferece uma sensação incômoda de presságio, de que o leitor está posicionado de forma que não consegue distinguir aquilo que ganha corpo fora do quadro, e lhe cabe apenas esperar o baque da revelação.

VHS é o perfeito modelo estético dessa analogia. Estruturado em cortes de cenas mobilizadas pela simulação das teclas de um videocassete, o conto ocorre sobre a perspectiva de um homem que assiste gravações domésticas de sua família. O aniversário da filha, momentos com a esposa, parentes aleatórios... Então, frases e condutas dão indício de que nem tudo é o que parece, preparando para a reviravolta nas últimas frases. Tal engenharia se torna uma marca inconfundível, cujo artifi-

cio de sacar a história secreta num golpe de desconcerto funciona em intensidades variadas. *A namorada turca*, sobre um sujeito que conhece uma mulher pela internet e manda o irmão conferir se não é cilada, tem a picardia das crônicas rodriguianas, enquanto *Seis da manhã no Fritos Lanche*, a madrugada agitada de uma lanchonete em que a presença de uma mulher com uma criança que nunca acorda gera estranheza, instala nonsense no que deveria ser empatia pela tragédia urbana. Já *Assombração*, no qual um cara invade a casa da ex-namorada para retomar certos itens, flerta com o pós-terror, uma tensão sobrenatural apoiada num esteio crítico.

Careta ao politicamente correto

Para uma antologia que transforma a unidade temática em modo de condução, esse conto marcaria um ponto de ruptura no qual a irreverência e a careta ao politicamente correto poderiam se dobrar a uma certa catequese ideológica. Por sorte, a autora escapa dessa armadilha, temperando as narrativas seguintes com comentários sociais, porém sem dessabotar os componentes originais. No ótimo *Entre paredes*, uma filha retorna para casa humilde que divide com o pai, trazendo no rosto marcas vivas de uma agressão. O velho homem pergunta se ela não prefere fazer uma denúncia, e a negação dá partida a um testemunho lento, como se sussurrado, em que lembranças e detalhes prosaicos irão construir uma escalada de suspense até o desvelar de um fim implícito, e por isso mesmo chocante e perverso. Fica claro que se trata de uma manifestação contra a violência à mulher, mas sem bandeiras e panfletos, estabelecendo a verve de protesto no efeito da surpresa.

Cinco-dois e Profs seguem no universo feminino, embora em frequências distintas. Enquanto o primeiro é um relato internalizado sobre autodescoberta, o segundo usa do escracho para comandar a postura de uma professora diante de uma incorreção. Voltando aos registros de violência, *Na foto ela sorria* toca no assombro moralista de que a crueldade masculina



A AUTORA

NATHALIE LOURENÇO

É escritora e publicitária. Pós-graduada em Formação de Escritores pelo Instituto Vera Cruz. Integra o Coletivo Discórdia, coletivo literário proveniente do Clipe, curso de escrita da Casa das Rosas. Lançou, em 2017, a coletânea de contos **Morri por educação** (Oito e Meio) e, em 2021, o livro de contos de ficção científica **Sabor idêntico ao natural** (Vacatussa). Escreve crônicas na plataforma Árvore de Livros, incluindo o e-book infantil **O incidente do cocô voador e outras crônicas**, além de minicontos no perfil do Instagram @Histórias_Bermudas.

se reserva a determinadas classes sociais, ao passo que o afletivo *Farpa* é uma mensagem eletrônica na qual se relata abuso infantil de forma lacunar, nunca ficando transparente se é uma denúncia ou uma confissão. As possibilidades de interpretação têm muito mais potência que a descrição gráfica. Se por um lado isso pode soar sádico, por outro não deixa de ser literatura de boa qualidade.

Alguns contos, contudo, são menos inspirados. Estão longe de ser ruins, mas dão a impressão de estarem ali para fazer volume. A subtração de três ou quatro textos certamente deixaria o conjunto mais coeso, especialmente quando certas experimentações evidenciam o caráter incipiente dos exercícios de escrita. Ainda assim, a qualidade geral compensa tais baixas como se fossem leves desvios de um circuito bem afinado cujas variações de temas e ideias nunca descaracterizam seu movimento identitário. Isso fica claro na decisão de posicionar o mais robusto (e melhor) conto no fim do livro. *O homem dentro do vidro* trata de um faxineiro que fica responsável pela limpeza do setor de um hospital, onde se depara com um jarro contendo uma cabeça humana partida ao meio. O convívio com o grotesco, então, vai lhe resgatar memórias e, através da associação com uma ausência em sua infância, desencadear uma descoberta das mais apavorantes.

A certa altura, o protagonista comenta que o cheiro de formol do ambiente, que lhe deixava a princípio nauseado, já não incomodava; que se tornou “familiar, reconfortante”, um estímulo para “seus pensamentos correrem livres”. A experiência com os contos de **Tudo meio horrível** deixa a mesma sensação: situações desconfortáveis e atos descabidos que, no estouro da perplexidade, vão se desafiando do espanto, do contra-ataque de repúdio, e sendo incorporadas por uma comicidade incidental, uma ironia trágica diante do absurdo, que faz com que o leitor não saiba bem como reagir, e ri sem querer, meio com culpa; ri de nervoso. **1**

TRECHO

Tudo meio horrível

Juliana tinha ido fumar um cigarro no quintal e gritou para eu ir lá ver. A piscina não estava mais coberta.

Meu coração afundou, se escondeu em algum lugar entre o fígado e os rins. Não acabou. As tralhas preenchem a piscina até a borda. Cento e cinquenta metros cúbicos de lixo. Quis xingar tia Beta. Não o fiz. É preciso esperar alguns meses depois do enterro antes de admitir que às vezes temos raiva das pessoas que amávamos.



Tudo meio horrível

NATHALIE LOURENÇO
Caos & Letras
136 págs.

A alma do Brasil

Trilogia Brasil reúne três romances fundamentais de Antônio Torres para melhor entender o país

MAURÍCIO MELO JÚNIOR | BRASÍLIA - DF

Entre os escritores da família Torres Cruz (eles são muitos) conta-se que, ao publicar **Essa terra**, em 1976, Antônio Torres recebeu um veredito de seu irmão Tom Torres: você vai demorar toda uma vida para se livrar desse livro. A profecia parece se cumprir. O romance ganhou duas continuações, **O cachorro e o lobo**, de 1997, e **Pelo fundo da agulha**, de 2006. Foi traduzido alhures e aqui, respectivamente, lá se vão 29, 6 e 4 edições, sem contar com a mais nova delas, a **Trilogia Brasil**, lançada pela Record, reunindo os três romances num único volume.

Algumas características marcam os romances, como a paisagem do Junco em contraponto às imagens paulistanas e as referências literárias e musicais, no entanto, certamente são os livros de Antônio Torres que mais de perto dialogam com a tradição narrativa latino-americana surgida a partir da década de 1960, quando o protesto político e social e a irrealidade cotidiana eram quase uma ordem.

Essas irmandades narrativas, assim, se concentram como um legado maior do escritor. Mesmo transitando outras artérias, como as impossibilidades vivenciais de **Um táxi para Viena d'Áustria**, e as peculiaridades de nossa formação cultural, de **Meu querido canibal**, ainda é o apelo do migrante, do eterno estrangeiro, que marca toda a prosa do escritor. Não é apenas Nelo, o filho desejado e esperado, que está fora da ordem vivencial descrita por Torres, todos os seus personagens, de uma maneira ou de outra foram ferrados com o fogo e os ferros incandescentes de um Brasil profundo que insiste em não avançar no tempo.

Como diria Ariano Suassuna, mesmo trocando o jumento por uma moto, a essência telúrica não largou este homem.

Suicídio

O capítulo inicial de **Essa terra** aponta para uma esperança, o desejo do pai de rever o filho que migrou para São Paulo. E Nelo volta, mas já não é o mesmo rapaz que sonhava fortunas e sucessos. A cidade grande o tornou bruto, insensível, fracassado em todos os momentos, mesmo quando desfrutou de instantes felizes.

Desta depressão previsível, da impossibilidade de corresponder às expectativas geradas na partida, nasce a cena mais emblemática do livro, quando o irmão Totonhim encontra Nelo pendurado, com a corda no pescoço, num armador de rede. É desfecho consagrado à maioria que migra, estender uma corda fatal para quarar e secar a alegria de reconstruir a vida livre da determinante previsível e natural dos sertões, de todos os sertões.

O sentido emblemático do gesto, no entanto, é que o protagonista não mata apenas ele próprio, mas todo sonho de sua comunidade; a esperança de deixar a miséria intrínseca, atávica.

Antônio Torres conta que começou a desenhar seu livro depois de uma visita ao Junco. A cidade, há anos, mudou de nome, chama-se Sátiro Dias, mas o escritor ainda se apegava ao topônimo e aos sentimentos de antanho. Por isso o suicídio do

migrante que voltou contado por um tio inquietou tanto o romancista. Somente se livrou do “fantasma” quando o jogou no papel e celebrou a desgraça de saber que nem sempre a felicidade está além das próprias fronteiras.

É o que não sabe, ainda, o narrador Totonhim:

Quem não mudou em nada mesmo foi um lugarinho de sopapo, caibro, telha e cal, mas a questão é saber se meu irmão lembra de cada parente, (...) um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico. (...) Um monumento, em carne e osso.

A cidade grande devolveu, de vera, apenas fracassos, pois o chamado exigia bem mais que apenas coragem e vontade.

Chamado

Anos depois quem volta é Totonhim. A exemplo de Nelo, ele também migrou e voltou carregado de desesperanças. Veio para ver o pai, pois faltara às comemorações dos oitenta anos do velho. “Uma festa de arromba, me disseram. No dia se-



guinte!” Durante pouco mais de um dia perambula por ruas que o rejeitam. Não traz na aparência, nem nos bolsos, as riquezas que São Paulo promete despejar em cada ponto de cada esquina.

O cachorro e o lobo é também uma história de fracassos, embora menos fatais que o romance que abre a trilogia. Totonhim, ao seu modo, prosperou, mas tendo que entregar a alma aos inimigos do pai, os bancários. Para pagar um empréstimo de um incentivo federal para plantar juta, o velho terminou falido, tendo que vender a pouca terra que tinha. A mulher mudou para Feira de Santana, em busca de estudos para os filhos, e ele, o velho, é um lobo solitário em terra alheia, enquanto o filho circula por uma cidade que mudou e o rejeita, como quem en-



Trilogia Brasil

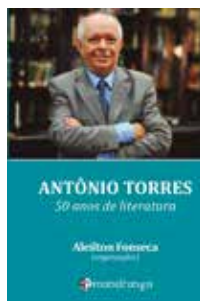
ANTÔNIO TORRES
Record
529 págs.

O AUTOR

ANTÔNIO TORRES

Nasceu em Sátiro Dias (BA), em 1940. Antes de chegar à literatura, passou pelo jornalismo e, já em São Paulo, pela publicidade. Viveu três anos em Portugal e por décadas no Rio de Janeiro. Estreou na literatura em 1972 com o romance **Um cão uivando para a lua**. De lá para cá, publicou mais de vinte livros, o mais recente, **Querida cidade**, em 2021. Sua premiada obra, que passeia por cenários urbanos, rurais e históricos, tem várias edições no Brasil e traduções em muitos países. É membro da Academia Brasileira de Letras.

LEIA TAMBÉM



Antônio Torres: 50 anos de literatura

Org.: Aleilton Fonseca
Mondrongo
424 págs.

TRECHO

Trilogia Brasil

Os cabelos eu sempre preferi loiros, quando os tinha. E sinto pena de mim por não ter guardado a inocência e saber o quanto acreditar na vida e no amor é brega, piegas e sem o mínimo direito a se tornar cult. Canções pode se tornar cult; flores plásticas podem sofrer essa mutação; estampa de animais, cult. O amor não, o amor é brega, sem remédio.

mortal comum, sobrevivente de seus próprios embates cotidianos, aqui e ali bafejado por lufadas da sorte, mais a merecer uma menção honrosa pelo seu esforço na corrida contra o tempo do que um troféu de vencedor.

Este é o Totonhim que volta, pela segunda vez, ao Junco. Vem em busca de suas referências. No tempo que ficou fora, construiu uma vida regular. Agora, bancário aposentado, em crise conjugal, distante dos filhos, procura o elo perdido. E também a família que abandonou, que nunca deixou se aproximar de fato da outra, a que construiu em seus dias paulistanos. Os netos civilizados não conhecem os avós sertanejos.

No meio disso tudo está o protagonista e seus fantasmas.

Em **Pelo fundo da agulha**, Torres se utiliza da dicotomia da expressão para dizer do eterno drama do migrante. Há no título uma referência bíblica: é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino do céu. No entanto, há também uma simbologia de resistência. A velha mãe preserva a capacidade de botar a linha no buraco da agulha sem precisar de óculos. Suas visões, a natural e a do mundo, continuam sólidas.

E no protagonista permanece o legado da dúvida. O que teria sido se não migrasse? É a angústia do migrante Ferreira Gullar em seu **Poema sujo**:

*Se tivesse me casado com Maria de Lourdes,
meus filhos seriam dourados uns, outros
morenos de olhos verdes
e eu terminaria deputado e membro
da Academia Maranhense de Letras;
se tivesse me casado com Marília,
teria me suicidado na discoteca da Rádio Timbira.*

Mas Ferreira Gullar, como Totonhim, migrou. O poeta deixou um Maranhão de possibilidade até felizes, o protagonista de Torres, apenas as incertezas. Poderia ter casado com a primeira namorada, que desvirginou. Na volta ela estava des-casada, o marido a rejeitou na lua de mel, por saber que não era virgem. É o mesmo sertão de preconceitos e dores, onde a condicionante do desconhecido continua a ser uma saída para quem fica.

Sem direito à paixão ou ao reencontro com o passado, o protagonista retoma o invencível desejo da partida. A cidade já não é a sua cidade.

Círculo

Trilogia Brasil se estabelece como num círculo, começo, meio e fim não denunciados na leitura avulsa dos romances. Em tudo, no entanto, sobrevive a impossibilidade de felicidades para quem busca fugir do sentido da própria vida. Lelo, mesmo tendo sido feliz um dia, com casa e família, vê tudo desmoronar no fim do trabalho e das esperanças. Totonhim, com estabilidade de emprego e família constituída, depois de aposentado, vê tudo escorrer, e já não tem referências de vida onde se apegar.

Linguagem e enredos se apresentam com o sotaque próprio do escritor. O clima, no entanto, lembra o mais profundo do realismo-mágico da literatura hispano-americana. É possível encontrar ecos das incertezas e buscas inúteis do filho de **Pedro Páramo**, de Juan Rulfo, como a inadaptabilidade diante da opressão e do imponderável de **Garabombo, o invisível**, de Manuel Scorza. Este diálogo prova que nossos escritores nunca estiveram isolados do resto do continente. Somos, dizem eles, uma literatura unificada por nossos medos, sonhos e dramas, bem mais comuns entre si do que parece a quem a olha de maneira superficial.

A leitura da **Trilogia Brasil** revela um autor preocupado com o seu tempo, mais ainda com aquilo que o passado entranhou no presente e desenhado para o futuro. Seus personagens são marcados por sentimentos incapazes de serem apagados. Trazem na alma o profundo de uma cultura que se gestou com os séculos. Em São Paulo ou no Junco é o mesmo homem diante de um destino imutável.

Esses homens e mulheres, que de certa forma permearam toda a geração de escritores de 1930, continuam modernos, pois, como prova a prosa certeira de Antônio Torres, são o retrato da própria alma brasileira. 🗣️



Antônio Torres por **Ramon Muniz**

xota um cachorro que perdeu todas as referências.

Persiste nesse texto o sentimento das diferenças. O lugar mudou, mas a transformação se dá como arremedo do que seus habitantes — ou poderosos de plantão — pensam ser o sentido real do marco civilizatório: estradas, comércio, televisões. Ou seja, possibilidade de fuga, pão, circo. E os filhos, com os mesmos aparatos de antigamente, continuam buscando educação e saúde em outros cantos. “Um homem passa a cavalo, chapéu de couro, jaleco de couro, perneira de couro, sapato de couro cru — deve ser o último vaqueiro.”

É também nesse romance que Antônio Torres define um dos cacoetes mais caros de toda sua literatura, as referências musicais e literárias, que se acentuam em seu mais recente romance, **Querida cidade**. Estas citações, no entanto, servem como parâmetros de épocas, um contraponto fundamental para se entender toda a obra do escritor.

Retorno

Não o imagine um guerreiro que depois de todas as batalhas finalmente encontrou repouso, abraçado a uma deusa consoladora dos cansados de guerra. Seria um exagero inscrevê-lo na lenda heroica. Esta é a história de um



CORPORAÇÃO LIT EM PERIGO?

Som e fúria. Uma cacofonia sem fim, cheia de medo, distorções e falácias. Muito calor e pouca luz é o que o debate sobre as plataformas ChatGPT, Stability AI, Midjourney e DeviantArt, enfim, sobre o comportamento divergente da recém-nascida inteligência artificial no campo da criação humana, está gerando há meses. Artistas, escritores e pesquisadores acadêmicos gritam, esperneiam, chamam a polícia e protestam nos tribunais. Mas a barragem rompeu-se e ninguém está conseguindo conter a inundação algorítmica. O gênio gigante engatinhou pra fora da lâmpada e a histeria coletiva não está sendo capaz de colocá-lo de volta.

Os artistas que estão processando as empresas de inteligência artificial podem até vencer nos tribunais, mas já perderam no campo da arte. Para a apreciação artística, o que vale é o valor estético. Então, se algo é esteticamente fascinante e revolucionário, foda-se a ética.

Duas questões me ocorrem:

1. ChatGPT, a celebridade do momento, não tem nem um ano. Foi lançado em novembro de 2022. Ainda é um Adamastor bebê. E já está causando o maior furdunço no mundo acadêmico. O que não fará em dez, vinte, trinta anos de evolução (machine learning)?

2. Os programas de imagens estão muito mais avançados: Stability AI, Midjourney e DeviantArt. Eles realmente criam desenhos, fotos e pinturas sensacionais. Tanto que alguns artistas estão de fato processando as empresas que os criaram. Mesmo que esses artistas vençam nos tribunais, será que isso impedirá a difusão clandestina desses programas?

Os poetas e ficcionistas estão mais preocupados com o ChatGPT e similares, obviamente. Temem o fim humilhante de nossa vaidosa corporação. Não apreciam a beleza justiceira do pavio aceso — bomba, fogo no parquinho! —, que tanto me agrada. Gosto de pensar que a inteligência artificial irá revolucionar — metamorfosear — a criação literária. E fará isso com violência, até o ponto de fervura, chegando bem perto do extermínio dessa antiga arte, tão nobre e complexa.

Não tenho bola de cristal, mas recomendo que, para adiar ao máximo o apocalipse criativo, os autores concentrem toda a sua potência na escritura de obras excêntricas, estranhas, insólitas, bizarras, expressionistas, quero dizer, verdadeiramente autorais. Suspeito que as máquinas chegarão a esse território entrópico, não-racionalista, tendendo ao abstrato, somente no finalzinho de sua campanha de conquista da subjetividade humana.

Mnemomáquina, de Ronaldo Bressane, e **BioCyberDrama saga**, de Edgar Franco (roteiro) e Mozart Couto (arte), são ótimos exemplos de obras — verdadeiramente autorais — que formarão a última linha de defesa da cidadela literária.

Mnemomáquina

Estamos em 2054. Choveu tanto que São Paulo virou uma Veneza de marés fétidas sob um céu cítrico, com canais envenenados riscados por hovercrafts cheios de passageiros, além de colônias subaquáticas na avenida Berrini e uma praia inesperada onde hoje é a praça Benedito Calixto. Psicopombos falantes infestam o mundo. Esse labirinto de lixo biológico e industrial, desenhado pelas grandes enchentes, chama-se agora Cidade-Olho.

Mnemomáquina é um romance fragmentário, em que cada um de seus quarenta e três capítulos — mais um preâmbulo e um epílogo — revela

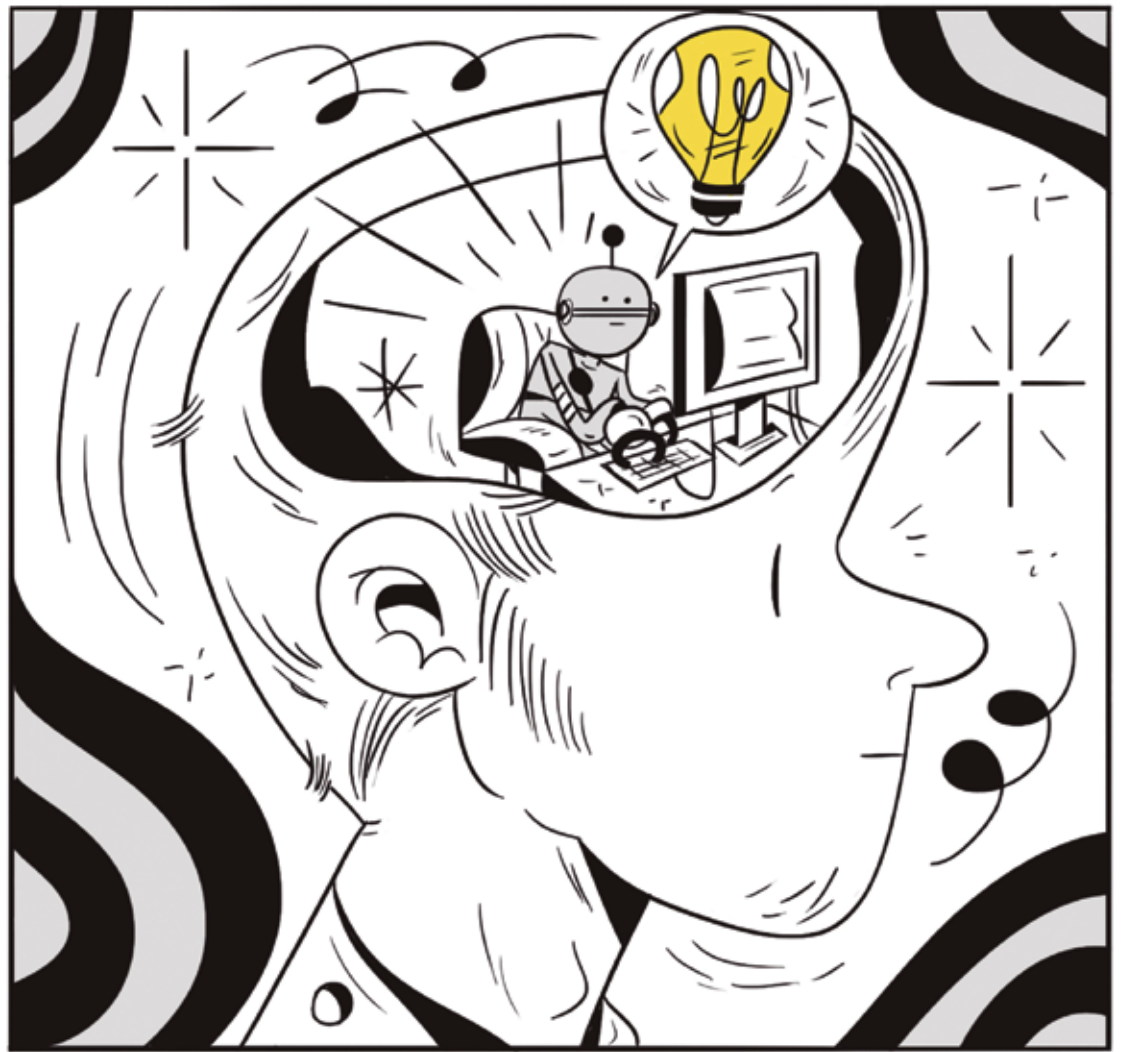


Ilustração: **Kleverton Mariano**

ao leitor as paranoias e amnésias de uma guerrilha obscura. Contra o tecnológico Neverland Institute, corporação de engenharia genética e outras pesquisas pós-humanas, posiciona-se a sorrateira Divisão dos Não-Lineares, organização secreta que luta pra impor certa ordem no caos das Personalidades Intercambiantes.

São agentes da Divisão o aloprado Zed Stein, a multifacetada Baby Gasoline e o gorila albino Butthole Kongo, pra quem “Deus é noise, barulho preto, ruído branco, papo reto, pau a pau”. J. D. Salinger e Philip K. Dick, renascidos, também são agentes. Não são os mais excêntricos. Trabalhando juntos num apartamento do edifício Copan, há um vidente chamado Fabrizio e um tubarão-tigre hermafrodita chamado Hannah, emanação carnívora da misteriosa Mnemomáquina. Sua missão é enviar aos agentes do passado mensagens colhidas no futuro, “para, quem sabe, melhorar este presente absurdo em que vivemos”. À margem dessa comunidade de conspiradores, vivem os indigentes e os superfodidos, caçando e coletando no traiçoeiro Rio-Mar. No piso mais baixo e podre da pirâmide da escrotidão estão os abjetos Coisos, segregados na Interzona.

Alguns capítulos desse mecanismo mnemopolifônico funcionam isoladamente, como se fossem um conto. O de número 19, por exemplo, batizado *Los cybermonos de Locombia*, é uma obra-prima. Esse capítulo é um irreverente relatório de Zed Stein escrito em *portunhol selvagem*, onda transgressora —

mistura de guarani, português e espanhol — impulsionada pelo poeta Douglas Diegues no final do século passado.

BioCyberDrama saga

Visões dentro de possessões. Transmutações dentro de revoluções. Música eletrônica, realidade aumentada, figurino exótico e imersão amorosa no corpo ancestral da natureza. Muitos ainda não sabem, mas um ciberpajé — o primeiro da Terra Brasilis — vive entre nós há quase duas décadas. Convergindo as habilidades mágicas e místicas de uma autoridade indígena e a curiosidade científica transformadora de um tecnoartista, nosso ciberpajé viaja no tempo e no espaço, investigando os impasses assombrosos da sociedade pós-humana que um dia substituirá a nossa.

Se você pesquisar na web, descobrirá que Edgar Franco, o Ciberpajé, é mineiro de Ituiutaba, graduado em arquitetura, mestre em multimeios pela Unicamp, doutor em artes pela USP, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB e professor da faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Mas essa é apenas sua persona acadêmica, sua identidade apolínea e civilizada. Amalgamado ao professor-pesquisador está o feiticeiro tropical, o tecnobrujo dionisíaco e delirante que organiza performances-rituais multimídias com a banda Posthuman Tantra e produz quadros poético-filosóficos, sobre o evento por ele batizado de Aurora Pós-humana.

Parte importante desse projeto em progresso, **BioCyber-**

Drama saga é uma novela gráfica produzida em parceria com o lendário quadrinista e ilustrador mineiro Mozart Couto. A saga é protagonizada por Antônio Euclides (batizado em homenagem a Antônio Conselheiro e Euclides da Cunha), um homem conservador, pertencente ao pequeno grupo dos *resistentes*, formado pelos poucos seres humanos que evitam qualquer aperfeiçoamento biotecnológico. Estamos no século 30 da era Cristã. Além dos resistentes, duas outras espécies disputam o domínio político do planeta: os extropianos e os tecnogenéticos.

Os extropianos são consciências humanas transferidas para máquinas de todos os tipos e complexidades, e representam sessenta por cento da população da Terra. Os tecnogenéticos são seres orgânicos híbridos — uma mistura biogenética de humano, animal e vegetal — e representam trinta e cinco por cento da população. Os cinco por cento restantes são representados pelos resistentes. As três espécies, não é preciso dizer, vivem em constante estado de tensão ideológica, sempre alimentada por ações terroristas e doutrinação radical.

O mais fascinante em **BioCyberDrama saga** e em toda a proposta multimídia da Aurora Pós-humana é a riqueza de detalhes culturais, científicos, religiosos, políticos, sociológicos, geográficos etc. Dialogando com o melhor da tecnoarte e da ficção científica contemporâneas, Edgar Franco, nosso Ciberpajé, criou uma rede densa de pormenores, que continua se expandindo e alimentando outros trabalhos individuais e coletivos. **📖**

A força da memória

Em **Humanos exemplares**, Juliana Leite tece uma narrativa em que a metafísica temporal se coloca em desordem

GIOVANA PROENÇA | TAUBATÉ - SP

À primeira vista, **Humanos exemplares** é uma ficção em que há mais passado do que futuro. Na trama de Juliana Leite, a centenária Natália passa os dias no marasmo de seu apartamento, isolada devido a uma ameaça externa — o que nos remete à recente pandemia. O presente, para a personagem, é ínfimo. Ela é captada pela lembrança dos seus queridos, pessoas que já morreram, mas cujos afetos continuam a rondar a rotina por meio da lembrança. Natália reflete: “Nesse ponto da existência o passado é o único futuro, o único lugar onde alguns encontros ainda acontecem”.

Nesse sentido, a memória é o grande *tour de force* do romance. Ela atua como um redemoinho, atraindo Natália para o seu centro, no qual há a possibilidade de contato com o passado perdido. A memória alcança um caráter dúbio dentro dessa ficção. Temos traços de Eulálio — o também centenário —, protagonista do **Leite derramado** (2009) de Chico Buarque, para quem a memória “é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, [...] como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, por assunto”.

Bem colocada é a sentença de William Faulkner, presente na orelha de **Humanos exemplares**, “a afirmação redonda e idiota do relógio”. Assim como o escritor norte-americano, Juliana Leite tece uma narrativa em que a metafísica temporal se coloca em desordem, em que os tempos se ultrapassam e interpenetram. A idade de Natália, o correr dos anos e o isolamento presente a fazem viver em uma temporalidade fora da cronologia do tempo físico. Assim como Quentin Compson, figura trágica de Faulkner em seu **O som e a fúria** (1929), Natália tenta escapar do mausoléu do relógio, mas, “o tique-taque não parou”.

Tom memorialista

Essa temporalidade, centrada no passado, determina também o tom memorialista do romance. Com este, temos uma interessante técnica: a ocasional coincidência entre primeira e terceira pessoa. Essa focalização atua na cisão da voz narrativa. Entre o tempo vivido e o tempo narrado, há espaço suficiente para ser duas, nos mostra a forma do romance de Juliana Leite.

O poder das lembranças está em primeiro plano na narrativa. Em grande parte de **Humanos exemplares**, Natália não é nomeada. Ela é a velha, a professora, a mãe. Afinal, o nome é para ser usado pelos outros — só há serventia quando temos alguém para chamá-lo — e os queridos de Natália já estão mortos. A única exceção é a filha, cujas ligações diárias são o único alento da protagonista, o grande acontecimento da rotina pacata da velhice. Mas, para ela, Natália é a mãe.

Os queridos de Natália, como ela os chama, continuam a ser o seu conforto, ainda que não mais existam concretamente. Entre eles estão o marido, Vicente, que dava aulas na mesma escola que ela e foi arrebatado por seu macarrão. Embora não existisse em ambos o pensamento de se casar, logo eles percebem que entre os encontros furtivos e o casamento havia uma linha tênue. O amor é explicado na narração:

Se apaixonaram um pelo outro justamente por isso, afinal estranhar as mesmas coisas era uma afinidade importante, uma oportunidade maior até mesmo do que gostar das mesmas coisas.

A união de Natália e Vicente dura até a morte do marido, nos braços da protagonista. Entre o idealismo comum e a rotina parada de dois aposentados, o romance mostra uma relação conjugal feliz, mas não utópica. Em certo momento do casamento, o silêncio, os desencontros e os segredos rodam o casal, de modo que **Humanos exemplares** aborda as ocasionais disjunções do arranjo familiar, quando tanto Vicente quanto Natália vão procurar satisfazer os seus desejos com outros pares.

Na juventude de professora, ela também encontra conforto nos “queridos”, o grupo de outros docentes que busca enfrentar o turbulento momento histórico brasileiro: os Anos de Chumbo. As reuniões são permeadas de afeto e proximidade. Ela recorda:

Seriam companheiros fiéis entre si e companheiros fiéis da juventude enquanto tivessem vida e pele, não abandonariam aquele posto nem mesmo se a escola explodisse ou desabasse — era assim mesmo que se sentiam, uma velha de apartamento pode afirmar.

Aproximações

Neste arranjo, eles também conhecem Jorge, misterioso morador de rua que vê o destino nas cartas. Sarah, a amiga mais próxima de Natália, torna-se dona de uma loja de biscoitos, após ser impedida de vender os seus quitutes na escola. Ela funciona como um apêndice do ambiente familiar. Por último, resta a filha, que mora em outro país e telefona diariamente para a mãe. Natália se lembra do relacionamento da filha e de sua companheira de quase quarenta anos, iniciado ainda na adolescência.

As recordações da protagonista a transportam até os Anos de Chumbo, período mais recrudescido da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). A repressão se instala lentamente, invadindo o microcosmo da escola. O famoso macarrão feito pela professora, que servia para aproximá-la dos alunos, é visto com suspeitas pelos policiais. As suas aulas de redação são limitadas, tornando-se apenas um exercício de caligrafia. Vicente, professor de geografia, sofre duramente com a censura. Por fim, ele tem que passar seis meses escondido no porão de um amigo em Petrópolis. A experiência opressiva marca a vida do casal, que pensa constantemente em fugas e modos de desaparecer.

Humanos exemplares adiciona novos tons à literatura que se concentra na vivência da velhice. A narrativa memorialista de Natália a aproxima de nomes como o Eulálio de Chico Buarque e o Bento Santiago de Machado de Assis. Ainda assim, há algo novo, concentrado na ternu-



A AUTORA

JULIANA LEITE

Nasceu em Petrópolis (RJ), em 1983. Seu primeiro romance, **Entre as mãos** (2018), recebeu os prêmios Sesc e APCA e foi finalista dos prêmios Jabuti, São Paulo e Rio de Literatura.



Humanos exemplares

JULIANA LEITE
Companhia das Letras
248 págs.

TRECHO

Humanos exemplares

Ela abre os olhos para mais um dia e já não pode impedir a si mesma de se sentir um pouco livre, ela se sente assim, como alguém que dormiu numa rede fresca e acordou livre para escolher o que fazer em uma manhã comum. Quem olha de fora percebe que seus ossos despertaram firmes sobre a cama, mais ou menos firmes, e isso sim é uma surpresa.

ra de uma vida plena. Natália resiste a um sistema de aniquilação dos afetos, cada vez mais infestado socialmente, o que lembra, por exemplo, a luta social de Janina Dusheiko, a protagonista de **Sobre os ossos dos mortos**, da Nobel Olga Tokarczuk.

Quando se tem um século de vida, a morte é algo a se esperar. Para Natália, essa espera é amena. **Humanos exemplares**, embora com uma protagonista idosa e ambientado entre momentos tensos (a ditadura militar e ecos da pandemia de covid-19), não é uma ficção sobre a morte. Assim como **A morte de Ivan Ilitch**, do russo Tolstói, nos diz muito sobre a vida de seu personagem, o romance de Juliana Leite nos oferece lapsos da vivência de Natália. Como podemos notar, os fragmentos dessa vida são repletos de plenitude.

Humanos exemplares deixa ao leitor uma profunda reflexão sobre a dor de quem fica. Mais do que isso, há um questionamento: quem vai lembrar daqueles que permanecem? Nesse sentido, o romance de Juliana Leite é uma ode à lembrança, na qual se conectam o passado, o presente e também o futuro.

Em um primeiro momento, parece não haver futuro possível no romance. Mas logo somos introduzidos aos mapas de Vicente, resultados de uma atividade na qual ele propõe aos alunos traçar um mundo ideal. Nisso reside o futuro; não individual, mas coletivo, com a transformação em uma nova humanidade. **Humanos exemplares**, como toda dose de boa literatura, nos lembra das infinitas possibilidades. 🗨

Um túmulo para meu avô

A **linguagem e a ficção** como potentes maneiras de registro de um ancestral sem berço, sem túmulo

MIGUEL SANCHES NETO | PONTA GROSSA - PR

Bichos andejos

Neto de espanhóis por parte de avô paterno e bisneto por parte de sua esposa, não herdei deles nenhuma palavra em castelhano. A língua ancestral não foi transmitida na sucessão das gerações não apenas pela interrupção da vida de Miguel Sánchez, morto muito cedo, mas também por um apagamento do idioma pela falta de uso. Este ramo de minha gente chegou ao Brasil em 1912, ano conhecido como o do grande dilúvio migratório, passando a viver em colônias dominadas por etnias mais coesas — como os italianos e os japoneses. Assim, forçosamente, o português foi a língua de contato, destinando o espanhol a um lugar cada vez mais secundário no cotidiano de nossa família, até que ele desaparecesse.

Pesou para isso também a constante mudança a que eram obrigados os que não tinham um pedaço de terra. Naquele momento, os contratos mais vantajosos eram os que previam a derrubada da mata e o plantio de cafezais nos extremos dos sertões de Araraquara, interior de São Paulo, o que os empurraria sempre para novas áreas, como trabalhadores temporários, num permanente desenraizamento, dificultando o cultivo de tradições. Estes contratos previam o direito de plantar arroz, feijão, milho e batatas nas linhas entre os pés de café, o que representava um ganho adicional. Com o café já formado, não havia mais espaço para esta prática, o que obrigava quem precisasse aumentar os rendimentos a ir para outras regiões que ainda estavam sendo desbravadas.

Não existem documentos sobre a itinerância de meus familiares pelo Brasil, mas tais mudanças eram muito comuns entre os espanhóis que chegaram tarde, em um momento de saturação migratória. O ciclo de abertura das terras e de cultivo de mantimentos durava em torno de cinco anos, ao final dos quais o grupo de trabalhadores sem posses era empurrado à próxima fronteira da cafeicultura. Durante quase 50 anos, manteve-se esta diáspora interna e permanente, que reforçava a diáspora maior.

A parte final do romance **A viagem maravilhosa** (1929), de Graça Aranha, um dos autores de nosso Modernismo, se passa numa fazenda no Estado de São Paulo e denuncia esta natureza móvel da



agricultura numa época sem adubações, em que se precisavam de solos virgens. Há uma discussão entre os nortistas, recentes naquela paisagem, e os paulistas, favorecidos pela riqueza desta lavoura. São os migrantes, no entanto, que revelam uma verdade sobre tal sistema.

*O paulista, furioso, quis intimidá-lo.
— O melhor, cabra, é tu te calares, porque tu estás na pátria alheia.
— Terra estranha — gritaram os camaradas nortistas.
— Olha, paulista, deixa de arreliação e de pabulagem.
Tu só arrotas café, café. Vai te fiando. Nós somos da terra de cana, que dá açúcar, cachaça, melado, rapadura. Açúcar já foi rei. Açúcar pagou a independência do Brasil. Realeza do açúcar acabou, acabará também despotismo de café.
Outro cangaceiro gritou, ameaçador:
— Toma tento, paulista velho, café é bicho andejo. Café te deixa nu na estrada, como já deixou Rio de Janeiro. Café agora só procura por Paraná e Mato Grosso...*

Este bicho andejo que é o café estimulou a vocação de um grupo social que não se fixara em nenhuma destas áreas com mais recursos, procurando as regiões ainda selvagens do Norte do Paraná, que estava sendo desmatado por esta altura. No novo território, meus familiares continuaram se mudando ciclicamente, talvez como forma de demonstrar descontentamento com o país a que acabaram condenados.

Um dos resultados desta mobilidade é que se encontravam sempre em áreas novas, sem maiores estruturas. Os filhos não puderam estudar, repetindo assim uma sina histórica. Meu pai morreu analfabeto em 1969, idealizando para a prole a conquista de alguma escolaridade. O café os havia deixado nus, tal como as terras improdutivas. Mas a nudez deles era de palavras.

Esses agricultores não só não dominaram nenhum idioma escrito como perderam o que originalmente falavam. Convivi com três irmãos de meu avô e nunca ouvi deles nenhuma palavra em sua língua primeira. Não havia nem mesmo um sotaque que os ligasse ao país anterior.

Diferentemente das comunidades alemã, japonesa e italiana, entre as quais se manteve a língua — ou, no mínimo, traços dela — e outras marcas culturais, os espanhóis dos quais descendo não nos transmitiram nada, prendendo-nos a um universo monolíngue, em que o verdadeiro código estrangeiro que devíamos aprender era o português culto, pois falavam uma variante sertaneja, acaipirada, própria dessas latitudes.

Nelas, em pequenas cidades interioranas, sem maiores oportunidades de estudo, num período de fechamento do Brasil, o da Ditadura Militar (1964-1985), minha geração tentou dominar de forma um pouco menos precária o português — idioma materno e estrangeiro; língua de acolhida e de apagamento.

Perder o idioma, perder pessoas

Tal pobreza de linguagem se reflete também na ausência de documentos sobre este grupo, demonstrando uma carência total de bens legados. Não nos chegaram informações mínimas sobre o processo de imigração deles.

Não tenho de meu avô sequer uma foto. Nem mesmo uma descrição física por parentes. Sobreviveram apenas alguns episódios de sua vida, narrados de forma fragmentária, em estado de ruína, por sua viúva. Com estes trapos memorialísticos, não é possível reconstituir uma biografia.

Em tentativa recente de restaurar a sua trajetória, um dos meus objetivos principais era definir de que região da Espanha a família viera. Sabíamos vagamente que meu avô chegara aos 8 anos de idade no Porto de Santos, em São Paulo. Havia nascido em 1905 e se casara no município de Dobrada, em 1925. Dispúnhamos também dos nomes de seus pais e irmãos, sem saber quais

Meu pai morreu analfabeto em 1969, idealizando para a prole a conquista de alguma escolaridade. O café os havia deixado nus, tal como as terras improdutivas. Mas a nudez deles era de palavras.

destes nasceram no Brasil, quais na Espanha. Consultando os parentes mais velhos a que tive acesso, pois a nossa não é uma família que se reúne nem mesmo para se desentender, ninguém conseguiu me informar nossa procedência. Em criança, convivi com minha avó, e me lembro de ouvir dela duas referências geográficas recorrentes — Málaga e Navarra. Querria agora delimitar com alguma precisão os pontos de partida.

A primeira pesquisa foi feita nas atas da Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, destino de quem procurava se colocar nas atividades produtivas do Brasil. A hospedaria funcionava como um estoque de mão de obra barata, oportunidade de negócios para os fazendeiros que já não podiam contar com a escravidão. Muitos trabalhadores vinham, no entanto, com destino certo, agenciados por profissionais ligados às companhias de navegação que faziam o transporte do contingente de esfomeados ou iludidos por novas oportunidades. Estes seguiam direto para as fazendas, num fim de linha qualquer, podendo ou não passar algum tempo na hospedaria. Outros ali permaneciam até acharem uma colocação, o que era uma questão de dias, pois a necessidade os tangia aos piores postos de trabalho. Nas atas da hospedaria, não encontrei referência ao meu bisavô e seus filhos. Ou passaram por aquele mercado humano sem registro (uma possibilidade bastante forte dado o grande número de pessoas nas levas imigratórias, que seriam acolhidas informalmente nos alojamentos) ou foram encaminhados sem escalas a alguma fazenda.

Esta primeira frustração apontava para ingressos não oficiais no país. Restavam quase mil listas de bordo dos navios que atracaram em Santos naquele ano. Minha irmã e eu fizemos a conferência delas, uma por uma, linha por linha. Encontramos nomes parecidos, mas a composição familiar não permitia que os tomássemos como parentes. Eles também não figuravam entre os passageiros contabilizados. Havia uma clandestinidade documental que iria se confirmar ao longo da pesquisa.

Tendo se mostrado sem eficácia estes documentos da imigração, partimos em busca dos registros pessoais. Fui a Dobrada para retirar a segunda via da certidão de casamento de meu avô, na esperança de que ele houvesse declarado de que região imigrara. O

documento não fazia referência a isso, constando apenas que era genericamente da Espanha. No município vizinho, Santa Ernestina, tentei achar o seu atestado de óbito no cartório, mas ele jamais foi lavrado. Nem do livro de enterros da prefeitura constava seu nome.

De tal forma que meu avô nasceu não sabemos onde e foi enterrado também em lugar incógnito, sem que se possa precisar sequer o ano em que isso ocorreu. Faltam-lhe berço e túmulo. A única certidão sua que há é a de casamento, com dados errados, como o nome de sua mãe e a idade de sua noiva.

O apagamento da língua espanhola no interior de nossa família faz parte de um movimento maior, do próprio apagamento das pessoas, que não tiveram documentado seu curso existencial. Deixando o campo histórico rumo ao poético, seria aceitável afirmar que o memorial que coube ao meu avô foi a repetição de seu nome no meu.

Em um dístico de versos livres publicado em minha segunda coletânea de poemas, **Venho de um país obscuro** (2000), explorei alguns sentidos desta sobreposição.

*Meu avô e meu pai eram analfabetos.
Como pesa este nome: Miguel Sanches Neto.*

Em mim, meu avô encontrou um registro, um lugar de permanência pela linguagem, um túmulo onde pudesse ser lembrado. Carrego comigo este morto.

O Nobel francês Patrick Modiano, que compõe seus livros como tentativas detetivescas de reavivar minimamente a lembrança de pessoas que não deixaram maiores sinais da própria existência, diz em **Ronda da noite** (1969): “Se não escrevesse seus nomes não haveria nenhum resquício de sua passagem pelo mundo”. No meu caso, se o nome de meu avô não estivesse inscrito no meu, ele talvez restasse apagado para sempre.

Como em tudo que marcou esta biografia, há aqui também um erro, um desvio. Em mim, seu sobrenome não manteve a grafia original, num processo acidental (por parte do cartorário) de aportuguesamento, cifrando assim a perda do próprio idioma.

Fome de terra

Se não posso conhecer a história de indivíduos específicos, cabe-me intuí-la por movimentos históricos maiores. Meus antepassados estão representados nestas fotos de grupos de imigrantes que esperam a partida em vários portos da Europa ou que chegam enfim à América. São faces anônimas às quais colo seus nomes, em um processo de fundação falseadora. Sem traços memorizados entre nós, eles ganham rostos-padrão, que servem a uma época toda.

A diáspora espanhola não tem uma causa única, embora a principal talvez seja o anseio por novas oportunidades de escrever a própria vida. Marília Klauemann Cánovas, em **Hambre de tierra** (2005), aponta para a diversidade de razões que levavam uma família ou uma pessoa sozinha a cruzar o oceano, desafiando a sorte e, em certo momento, a proibição de imigrar com a ajuda financeira do Brasil. O que ela chama de grande derramamento populacional teria como causa ora as más colheitas, as secas, as inundações, ora as guerras coloniais, o caciquismo, o direito hereditário à propriedade, o latifúndio, o minifúndio, a superpopulação, a miséria, a desmoralização da sociedade e mesmo o espírito de aventura do povo. Observando minha família, vejo que também contou e continua contando certa inquietude que nos joga de um canto a outro. Deste traço familiar nasce uma energia centrífuga ainda ativa.

Meus antepassados não se enquadrariam no grupo dos proprietários de terras que vendem pequenas áreas para tentar o enriquecimento em outro país. Tudo indica que partiram com pouco dinheiro (fruto da venda de mobílias e do acúmulo de jornadas de trabalho) e se valendo dos subsídios, o que os levou a uma existência errante durante décadas. Nada (ou pouco) tinham na Espanha e continuaram não tendo nada nos sertões de São Paulo e depois do Paraná.

Devem ter sido seduzidos pela propaganda da empresa de navegação contratada em 1897 para remeter imigrantes ao Brasil. Era a firma José Antunes dos Santos & Cia, com sede em Lisboa e sucursal em Gibraltar. Os seus agentes, os *ganchos*, percorriam os povoados, arregimentando candidatos para a viagem subsidiada, com promessas de terra e prosperidade. Também orientavam o que devia ser feito para fugir aos trâmites legais de imigração impostos pelo governo espanhol. Em 1910, diante da denúncia das más condições de trabalho na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré e dos conflitos entre os colonos e os fazendeiros paulistas, para quem mesmo os nortistas eram estrangeiros (de acordo com o depoimento romancado de Graça Aranha), e para tentar conter o derrame emigratório, o governo espanhol proíbe a vinda subvencionada para o Brasil, obrigando os que não tinham outros meios de fazer a travessia a alcançar Gibraltar, colônia inglesa, vencendo a pé muitos quilômetros. Permaneciam aguardando na fronteira a passagem de navios oriundos principalmente da França e da Itália, para então partirem. Eis a hipótese mais forte da maneira como meu povo fez a viagem, porque a mais comum num período de fuga em massa. “Estima-se que 10% da população espanhola tenha emigrado entre 1901-11, e desse contingente, 80% seriam camponeses, sobretudo de zonas tipicamente minifundiárias” (CÁNOVAS). A probabilidade de que os meus façam parte destas estatísticas é muito grande. Assim, se seus nomes não estão nos registros de entrada no Brasil, dificilmente estariam nos de saída da Espanha.

Chegados em um período de excesso de mão de obra, teriam que buscar as regiões mais remotas, as bocas das matas, e disputar espaço aceitando condições pou-

co vantajosas, que não lhes permitiram vencer a pobreza da qual fugiam, antes aprofundando-a, pois acabaram destinados a uma vida errante. Este excedente humano ajudava a diminuir o preço de produção do café, tornando-o mais rentável e competitivo no mercado internacional.

Passaporte ficcional

Continuo não sabendo de onde a família de meu avô veio. Provavelmente de algum povoado da Andaluzia, região que mais mandou gente para a lavoura cafeeira paulista neste período e que foi referenciada por minha avó em algum momento de nossas conversas, embora outros locais também apareçam na memória escassa que guardamos de suas recordações. Só posso pensar nestas origens familiares em termos aproximativos, de probabilidades estatísticas. Não há como olhar o mapa da Espanha, fincar o dedo em um lugar e dizer: somos daqui.

Sem nenhuma província, cidade ou povoado para tratar como terra ancestral, resta-nos o país inteiro, ao qual nos ligamos com um sentimento genérico de pertencimento, passando por cima de defesas de culturas regionais (que são micronacionalismos) e de desejos de separação. Não nos sentimos bascos, galegos, catalães, andaluzes etc. E este apagamento talvez tenha um valor simbólico em um momento em que se precisa reafirmar a ausência de fronteiras.

O que nos torna, na condição de descendentes sem passaporte europeu, espanhóis a distância não é sequer o idioma preponderante do país, substituído entre nós pela língua portuguesa, hábitos alimentares ou o cultivo de outros traços culturais próprios da pátria antiga, e sim a capacidade de sonhar-se, de repovoar o passado, afirmando pela ficção nomes sem densidade de memória, feitos de ar. É pela invenção que convoco seres que não deixaram sinais de sua existência, propondo-os como figuras históricas, que assim se fazem a partir do momento em que ganham alguma espessura de linguagem. Se suas vivências são inventadas, isso não inviabiliza a sua historicidade, antes lhes dá uma estatura mais representativa. ❶

NOTA

Este artigo apresenta o contexto que o autor explora ficcionalmente em seu novo romance **Inventar um avô** (Maralto, 2023).



wilberth salgueiro

SOB A PELE DAS PALAVRAS

CEGA, DE FRANCISCA JÚLIA

Trôpega, os braços nus, a frente pensa, várias vezes, quando no céu o louro sol desponta, vejo-a, no seu andar de sonâmbula tonta, despertando a mudez das velas solitárias.

Arrimada ao bordão, lá vai... Imaginárias cousas pensa... Verões e invernos maus afronta... Dores que tem sofrido a todo mundo conta na linguagem senil das suas velhas árias.

Cega! que negra mão, entre os negros escolhos do caos, foi procurar a treva, que enegrece, para cegar-te a vista e escurecer-te os olhos?

Cega! quanta poesia existe, amargurada, nesses olhos que estão sempre abertos e nesse olhar, que se abre para o céu, e não vê nada!...

Cerca de setenta poemas, sonetos em sua maioria, e algumas traduções compõem toda a obra de Francisca Júlia — obra tão curta quanto a vida: faleceu, ao que parece um suicídio, aos 49 anos, em 1920, horas após o velório do marido. Publicou dois livros de poemas: **Mármores**, em 1895; e **Esfinges**, em 1903, no qual revê o livro de estreia, mantendo ou incluindo obras, e acrescentando inéditas (*Cega* é um dos novos sonetos, tendo antes sido publicado pelo irmão Júlio César na revista *Ilustração* ainda em 1903). Os títulos chamam a atenção, como se fizessem um arco da objetividade fria do Parnasianismo aos mistérios místicos do Simbolismo. Na história da poesia brasileira feita por mulheres, o nome de Francisca Júlia constitui um marco incontornável, sendo, por exemplo, a primeira poeta a aparecer com um poema, *Musa impassível*, na **História concisa da literatura brasileira** (1970), de Alfredo Bosi, que destaca que **Mármores** da poeta (“vinda após a consagração dos mestres”) “logo a alçou ao nível daqueles”. Depois dela, no livro de Bosi, somente Cecília Meireles e Clarice Lispector, entre as escritoras, se alçam a títulos de subcapítulos, ombreando com dezenas de escritores.

A expressão “mestres” recorda, de imediato, os conhecidos e iconoclastas ensaios de Mário de Andrade, *Mestres do passado*, de 1921. No ensaio dedicado a ela, ou contra ela, Mário logo no início diz que Francisca Júlia “negou-se à sensibilidade, ao lirismo, à comoção”, disparando outros petardos irônicos em direção à poesia da paulista de Eldorado: “Não quero dizer mais coisas desagradáveis da ilustre artífice do verso brasileiro”. Mário, que em inúmeras cartas discorreu sobre a generosidade crítica, quis nestes ensaios derrubar os tais mestres parnasianos, todos, para abrir caminho aos ventos modernistas. Mas como negar sensibilidade, lirismo e comoção ao poema *Cega*? A despeito de toda a arquitetura que um soneto, se convencional, busca seguir, o que pode lhe dar um tom cerebral e artificial, os versos de Francisca Júlia são, sim, sensíveis e comovem. O drama da personagem cega recebe contornos surpreendentes, em época na qual a indiferença dava a nota. (Século depois, o drama de quem tem necessidades especiais permanece, apesar de haver, institucionalmente, leis que deveriam proteger e facilitar a vida de tais pessoas.)

O poema se assemelha a um quadro ou uma cena em câmera lenta: nas duas quadras, a poeta observa, condoída, com frequência (“várias ve-

zes”), a mulher cega e idosa (“linguagem *senil* das suas *velhas árias*”) caminhando bem cedo (“o sol desponta”), com dificuldade (“trôpega”), calada e só (“mudez das velas solitárias”), amparada em muleta, ora ensimesmada, ora interagindo com transeuntes, aos quais conta algo de sua sofrida existência; nos dois tercetos, a poeta pergunta por que o destino (“negra mão”) impingiu-lhe a cegueira e, por fim, se solidariza com a velha: sua ausência de visão produz em ambas — poeta e cega — uma “poesia amargurada”. Também em outros poemas, de modo bem diverso de seus colegas parnasianos (e de poetas em geral), Francisca Júlia se solidariza com personagens subalternizados ou desprezados no cotidiano: uma costureira, em *Rústica*; uma jovem trabalhadora, em *A florista*; uns “pássaros feridos”, em *A caçada*; e alguns velhos, como em *A um velho*, que “vive de gozar a pungente saudade/ das noites sem abrigo e dos dias sem pão”. Seria mesmo esse o comportamento de uma “musa impassível”, como se quer rotular a poesia de Francisca Júlia?

Aqui, não há que se confundir, ainda que inseparáveis, sentimento e pensamento. No soneto, ademais em qualquer poema, a emoção deve querer “encontrar a mais justa adequação” (Caetano). Assim, na forma mesma sentimento e pensamento se encontram. Já no primeiro verso temos uma mostra dessa isomorfia, com os encontros consonantais — “Trôpega, os braços nus, a frente” — encenando o próprio andar trôpego, dificultoso da cega idosa de muleta. Essa hesitação no andar tem eco no uso da mesma palavra, “pensa”, com sentidos diferentes: em “frente pensa”, o adjetivo “inclinada, desajeitada, caída”; em “cousas pensa”, o verbo “reflete, pondera”. Retornando ao forte adjetivo proparoxítono, “Trôpega”, que dá partida ao poema, nele se perpetua o título do poema, *Cega*, que há de se repetir, ao longo do poema, como numa rima interna de tipo homoteleuto: trôpega/cega. Mas, sobretudo, o próprio esquema rítmico parece colaborar no sentido de amplificar o efeito desse “*andar de sonâmbula tonta*”, ficando assim o desenho das sílabas tônicas dos catorze alexandrinos, em que apenas os versos 1 e 7, e 2 e 6, repetem a mesma estrutura de acentos, enquanto todos os demais doze versos se sustentam em sílabas tônicas em lugares variados:

- 1) 1 4 6 8 10 12
- 2) 1 3 6 8 10 12
- 3) 1 4 6 9 12
- 4) 3 6 8 12
- 5) 3 6 7 8 12
- 6) 1 3 6 8 10 12
- 7) 1 4 6 8 10 12
- 8) 3 6 8 10 12
- 9) 1 4 6 7 9 12
- 10) 2 6 8 12
- 11) 1 4 6 10 12
- 12) 1 3 6 8 12
- 13) 1 3 6 7 9 12
- 14) 2 4 6 8 10 11 12

O espanto da poeta no primeiro terceto se intensifica com a repetição dos vocábulos “negra (mão)”, “negros (escolhos)”, “tрева”, “enegrece” e “escurecer-te”, que, ladeados pelos termos “Cega!”, “caos” e “cegar-te”, evidenciam o transtorno daquela que vê (“vejo-a”) aquela que não vê. O espan-

to ainda mais se expande quando, no fecho, se impõe fantasmática a imagem dos “olhos que estão sempre abertos” em direção à imensidão do céu e, no entanto, nada veem. A semelhança sonora entre “cega” e “céu” produz outro conflito entre contrastes, pois, sendo cega, mesmo olhando em direção ao céu, nada vê. Tal qual “cega” parece estar em parte já em “trôpega”, também os “olhos” foram sequestrados pelos “escolhos”, isto é, pelos perigos, pelos obstáculos da existência.

A alusão à poesia, ao fim, que aproxima a condição amargurada da cega à tristeza que toma conta da poeta, insinua que a expressão “arrimada ao bordão” pode ser lida em dupla chave: a imediata, referida à situação da cega, amparada a uma muleta (ou cajado); ou, sutil, à própria poesia, considerando que “arrimado” é “pôr em rima”, “empilhar”, e que “bordão” é “aquilo que se repete”. Ou seja, tal qual a velha cega, cujo cotidiano é atravessado por sua condição de “tрева”, a poeta e o poema “várias vezes” repetem, arrimam, empilham essa trágica e amargurada condição: o título *Cega* e a reiteração do termo três vezes, mais as cinco ocorrências no terceto de “negra”, “negros”, “tрева”, “enegrece” e “escurecer-te”, exemplificam, no poema, a aceção de bordão como repetição para obter efeito estético (em paralelo à aceção de “cajado”).

No excelente ensaio *Cegueira e literatura*, em **Crítica em tempos de violência** (2012), Jaime Ginzburg parte de uma obra de Cildo Meireles (*O espelho cego*), para articular uma vasta rede de obras que, a seu modo, pensam essa questão: desde o grego Tirésias, passando por contos de Guimarães Rosa (*São Marcos*) e Clarice Lispector (*Amor*), pelo filme *Dançando no escuro*, de Lars Von Trier, até se deter em um poema de Lara de Lemos (*Cegos*) e uma crônica de Paulo Mendes de Campos (*O cego de Ipanema*). Ginzburg, com precisão, diz que “é muito difícil tratar da cegueira dentro de uma reflexão teórica e estética. O assunto é extremamente intenso e delicado e exige o maior cuidado”. Diz ainda que, pelo menos, a cegueira pode ser pensada como “metáfora” e como “forma de experiência”. No caso do poema de Francisca Júlia, a personagem cega, em seu silêncio e solidão, “imaginárias/ cousas pensa... verões e invernos maus afronta...” — e as reticências indicam o limite da poeta (e do leitor) para adentrar essas “coisas imaginárias” da velha “arrimada ao bordão”.

Diferentemente de Mário de Andrade, Danilo Lôbo, em *Francisca Júlia*: entre o pincel e a pena (1991), diz que, “Dotada de sentidos privilegiados, de uma sensibilidade à flor da pele, Francisca Júlia reagia ao menor estímulo externo do mundo físico”. Esse poema e tantos outros da curta obra advertem que nem todo poema parnasiano provém de “uma máquina de fazer versos” (Oswald). O engenho de sua composição não elide a solidariedade, o espanto e o cuidado da poeta no trato do delicado assunto — a cegueira. Poeta e obra que, aliás, merecem lentes bem melhores do que tiveram até hoje. **U**

EM BUSCA DA GRAÇA INFINITA

Xico Sá é um cronista raiz. Daqueles que precisam parir um texto por dia, sempre com o prazo mordendo os calcanhares. Seus textos espirituosos vêm povoando a imprensa brasileira desde os anos 1990, quando ainda era um intrépido repórter investigativo.

Os tempos de reportagem ficaram para trás e há anos Xico vem se dedicando apenas à literatura. Além de cronista, é autor dos romances **Big Jato** e **A falta**, que surgiu enquanto o escritor assistia a um jogo de futebol no estádio Zerão, em Macapá. Foi o lugar mais inusitado de onde o autor tirou uma ideia, conforme confessa neste *Inquérito*. “Aquele campo é dividido pela linha do Equador, um goleiro fica no hemisfério sul e o outro no norte”, diz.

A rotina nas redações o treinou para “escrever até com uma faca no pescoço”. “Não preciso de maiores luxos, às vezes o silêncio até atrapalha.”

Nascido no Crato (CE), Xico começou a carreira de jornalista no Recife. Foi colunista da *Folha de S. Paulo* e do *El País*. Na televisão, fez parte dos programas *Notícias MTV*, *Cartão Verde* (*Cultura*), *Amor & Sexo* (*Globo*), *Redação Sportv* e *Papo de Segunda* (*GNT*). Atualmente, escreve crônicas no Diário do Nordeste.

**A falta**

XICO SÁ
Tusquets
160 págs.

**• Quando se deu conta de que queria ser escritor?**

Continuo querendo, hei de alcançar a graça infinita. A espolleta foi a leitura de Graciliano Ramos, uma imagem de um vaso de louça cheio de pitomba (no Infância) e aquela coisa de gente ser bicho e bicho ser gente em *Vidas secas*. Ué, literatura pode ser como a existência aqui nos meus arredores? Isso pegou.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Esmagar insetos na tela branca do computador. Antes era na página de papel ofício na máquina de escrever. Há sempre uma formiga, um siriri, uma aleluia ou cupim de lâmpada passeando sobre a falta de ideias ou palavras. Parecem mensageiros obsessivos do *Bartleby*: “prefiro não, melhor não escrever”.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Por ganhar a vida como cronista de jornais/portais, o noticiário é obrigatório, a começar pelo futebol. Por prazer, sempre uma ficção no resto do dia. A do momento é *Filho de Jesus*, de Denis Johnson.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?

Depois que o Brasil acabou (Veneta), HQ de João Pinheiro. O livro relata o apocalipse bolsonarista. Interessante para quem tem a missão de reconstruir o país.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Uma vida nas redações, na imprensa, me treinou para escrever até com uma faca no pescoço. Não preciso de maiores luxos, às vezes o silêncio até atrapalha.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

De preferência na minha rede cearense azul, mas fora de casa leio na boa até na linha Consolação/Paraíso do metrô de SP.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Pelo volume das encomendas, tenho que escrever ao menos uma crônica por dia. Cumprir essa meta me deixa satisfeito.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Conseguir uma frase espirituosa em uma crônica, daquelas que podem ser repetidas por um bêbado em uma mesa de bar.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

O bar.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

O escritor bêbado que se diz injustiçado — o pior é que, por algumas vezes, já fiz esse tipo.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

A poeta cearense Nina Rizzi. Tem letra e tutano para ser ainda mais lida no país inteiro.

• Um livro imprescindível e um descartável.

O destino das metáforas, de Sidney Rocha, é necessário, como todos desse autor. Descartável seria qualquer coisa na linha Colleen Hoover — nada contra ela, é só um modelo.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Querer imitar o James Joyce ou brincar de vanguardismo demodê. É roubada.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

O metaverso. Literatura já é o próprio metaverso.

• Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

Um jogo de futebol no estádio Zerão, em Macapá, que me rendeu o romance *A falta*. Aquele campo é dividido pela linha do Equador, um goleiro fica no hemisfério sul e o outro no norte.

• Quando a inspiração não vem...

Mando o texto de qualquer jeito, minha mula é o prazo da encomenda.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Um encontro, com uísque, ao lado do cronista pernambucano Antônio Maria seria o suficiente, aqui ou no além-bar.

• O que é um bom leitor?

O salta-página, aquele que pula a parte chata, como na obsessão do escritor argentino Macedonio Fernández.

• O que te dá medo?

A conta.

• O que te faz feliz?

Um piquenique com Larissa e os filhos Irene e Teo. Na praia ou no parque. Com ou sem sol.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Há sempre a sensação de que me faltam palavras melhores.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Ser uma companhia, mesmo que às vezes desagradável.

• A literatura tem alguma obrigação?

Zero obrigação, mas se der para (pelo menos) pagar o pão e o vinho, melhor.

• Qual o limite da ficção?

O noticiário, com o qual já tenho que lidar na rotina da crônica.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Direto para a Glória, Glorinha, dona do cabaré mais famoso da história do Crato.

• O que você espera da eternidade?

Que demore a chegar, pois tenho Irene (filha de seis anos) pra criar. 🍷



José Castilho

LEITURAS COMPARTILHADAS

OS IMPRESCINDÍVEIS (2)

Ilustração: **Eduardo Mussi**



A cadeia produtiva e distributiva do livro, objeto dessa coluna no mês passado e que denominei de imprescindíveis, junto agora os outros elos dessa corrente da leitura: autores/as, mediadores/as, bibliotecários/as, professores/as.

Compartilho algumas reflexões sobre eles não apenas pela temática, mas porque nas últimas semanas intensificaram-se especulações diversas sobre a própria necessidade desses profissionais do livro e da leitura no mundo que está tentando configurar um futuro questionável.

O consumismo volátil da indústria cultural contemporânea e de alguns produtos oferecidos à educação como eficientes treinamentos de futuros trabalhadores está chegando ao limite da ruptura de valores e conceitos humanísticos, que são uma das últimas barreiras para o dilema dos últimos séculos: civilização ou barbárie.

O cenário do filme *Blade Runner*, que assisti angustiado em 1982, com personagens vivendo sob chuva ácida e cercados pela massa miserável das ruas e um estado policial onipresente na figura dos caçadores de “replicantes”, é apenas o pano de fundo de uma sociedade futura vítima de sua própria perda de valores públicos tragados por interesses privados, por detentores do poder que controlam máquinas sem alma e sem humanidade em um planeta devastado. O diretor Ridley Scott produziu, no cinema, uma reflexão referencial sobre o sentido da vida humana, de sua moral e de sua ética nos estertores do longo e cruento século 20.

O ano de 2019 é o tempo em que *Blade Runner* acontece mostrando a distópica cidade de Los Angeles como a síntese de um mundo já capturado pela barbárie. Uma expectativa premonitória que antecipou questões hoje debatidas universalmente pela academia e pela mídia.

Como não identificar no filme os sem-teto, os dependentes químicos, os corpos doentes que vagam por um espaço urbano em destroços, das cenas cotidianamente observadas nas principais metrópoles do país? Como não identificar a chuva ininterrupta, a névoa, a natureza sufocada que marca a ficção de Scott com as mudanças climáticas que provocam desastres ambientais cada vez mais intensos e frequentes? Como não identificar o olhar vazio, a desorientação, a ignorância dos homens e mulheres comuns que perambulam pelo espaço da distopia do filme com as multidões que hoje no Brasil estão ensandecidas e capturadas pelos falsários da terra plana, da criminalização da política e do elogio do individualismo egoísta que tenta matar o ideal do coletivo e de uma sociedade equânime? Como não enxergar nos manipuladores e financiadores desse caos, no filme representados pela empresa Tyrell Corporation, com o bando organizado de gângsteres que assaltam com seus colarinhos brancos as instâncias das corporações produtivas e financeiras, da política pública, dos poderes constituídos, atacando frontalmente os fundamentos do estado democrático de direito e perpetuando as desigualdades sociais na preservação de seus lucros financeiros imorais e improdutivos?

E, afinal, por que exponho todas essas mazelas para tratar dos imprescindíveis autores, professores, bibliotecários, mediadores de leitura? Por que recorro às analogias do nosso tempo com essa obra-prima e atemporal do cinema?

Talvez porque os escritores e escritoras, primeiro elo dessa corrente de formação sólida de cidadania e suas múltiplas formas de seduzir e formar leitores e leitoras, nos mostrem antecipadamente futuros que dificilmente enxergaríamos sem a criatividade, a sensibilidade e a arte desses “contadores de histórias”, seres arautos de nós mesmos, os seres humanos. *Blade Runner* tem na origem de seu roteiro cinematográfico a inspiração de um romance escrito em 1968 pelo norte-americano Philip K. Dick intitulado **Andróides sonham com ovelhas elétricas?**

A literatura em todos os seus gêneros — assim como a poesia, a escrita ficcional, os ensaios científicos que procuram compreender todas as ciências humanas e naturais — é essencial para nos compreendermos enquanto seres humanos. São essas “excentricidades”, como diria um obtuso neoliberal dos nossos dias, que forjam nossos ideais de valores, de moralidade e da ética que nos permitem conviver em sociedade. Quebrar a névoa da ignorância, que nos acompanhará a vida toda se não a desbravarmos com o conhecimento adquirido formal ou informalmente, é a possibilidade de se chegar a um patamar civilizatório que permita a vida sã e equânime num planeta ecologicamente sustentável.

Por isso que o primeiro elo dessa cadeia, a dos escritores, artífices da palavra, já nasce imprescindível. Mas que dizer dessas virtudes, ou o resultado delas, se seguirem encapsuladas no universo único de seus autores? O que é uma ideia, um poema, uma análise científica, um romance guardado a sete chaves, sem leitores? O ato social da escrita demanda seu compartilhamento. Se escrevemos para nós mesmos, numa jornada de autoconhecimento, como seres humanos o impulso para compartilhar se impõe e a marca do ser gregário que somos triunfa.

Por essa razão é que chamo de imprescindíveis não os indivíduos, mas o conjunto deles que torna possível que a palavra chegue à figura principal disso tudo: o leitor, a leitora. Apesar de, quando em cargos públicos, ter recebido muitas pressões para realçar a importância de um ou outro elo, todos são igualmente importantes e só se fortalecem quando harmônicos no ato de fomentar a leitura para todos e todas.

Para além do setor produtivo e distributivo, como pensar em democratizar a leitura sem a ação dos profissionais das bibliotecas de acesso público, sejam elas físicas ou digitais? Como fazer chegar os livros, em um país com recursos escassos, aos milhões de brasileiros que não conseguem ter acesso a este direito, hoje assegurado pela Lei 13.696, da PNLE, se não for por uma ação de política pública em favor da expansão e desenvolvimento das bibliotecas? E o que são as bibliotecas sem os seus profissionais comprometidos politicamente com a formação cidadã de seus compatriotas? Reconhecê-los como imprescindíveis é o primeiro passo para valorizarmos o estratégico e essencial instrumento de formação cultural, educacional e de cidadania ao longo da vida que são as bibliotecas de acesso público.

Além dos profissionais bibliotecários há outra categoria de profissionais que desde a mais tenra infância dos seres humanos exerce papel fundamental na sua formação. Apesar das tentativas cada vez mais agressivas das lideranças políticas e empresariais, ávidas pela anulação de políticas que formam cidadãos integrais e pela avidez do lucro, a imprescindibilidade dos professores e professoras na formação integral do ser humano é ponto inquestionável para toda política que visa a construção de uma sociedade humana harmônica e sustentável. Apenas os que valorizam mais os *gadgets* modernos do que as objetivos educacionais e culturais; apenas os que pensam que o ser humano precisa ser treinado e não formado; apenas os que se satisfazem com “coachs” e subestimam os professores; apenas aqueles que não entendem a educação como um processo sistêmico e de longa duração e sua absoluta cumplicidade com a cultura; apenas esses não reconhecem que investir e formar cada vez melhor nossos profissionais docentes, e dar a eles condições dignas de vivência, é investimento estratégico fundamental e vital para as sociedades.

Finalmente menciono os mediadores e mediadoras de leitura. O conceito é amplo, a diversidade de atuação desses agentes do bem comum é enorme e abrange muitas categorias profissionais, inclusive as que já citei. Mas também envolve voluntários, familiares, agentes culturais, de saúde, do poder judiciário, entre tantos outros. Sobre eles, os contadores de histórias, os espalhadores de poesia e encantamento com base nos livros, gostaria de ter um artigo inteiro só para eles. Cada vez me encantam mais e são companheiros para toda a vida, presentes nos mais inusitados territórios. Imprescindíveis! 🗣️

rascunho

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

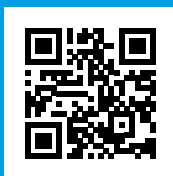
23
anos



DESDE ABRIL DE 2000



rascunho.com.br



 **alcir pécora**

CONVERSA, ESCUTA

PATRIMÔNIO CULTURAL EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS (4)

Ilustração: Amy Maitland



Continuo e finalizo aqui o exame de um livro pioneiro sobre as questões patrimoniais comuns aos países de língua portuguesa, numa época em que a crítica dos processos coloniais já não pode ser ignorada. Trata-se de **Patrimônios de influência portuguesa: modos de olhar**, de 2015, coeditado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian e Editora da Universidade Federal Fluminense, organizado por Walter Rossa e Margarida C. Ribeiro, docentes ligados ao Centro de Estudos Sociais, da Faculdade de Letras da universidade coimbrã.

Nas três colunas anteriores, descrevi sucintamente todos os ensaios que participam do livro, menos aquele que o fecha, de autoria do citado Walter Rossa, docente do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, que começa por reconhecer a relevância de, a partir de 1972, a Unesco ter incorporado uma vertente urbana à noção de “paisagem”. Isso teria dado um alento interdisciplinar à área do patrimônio, depois consolidado em 1992 com a inclusão da noção de “paisagem cultural”. Ultrapassava-se assim a antiga noção de “centro histórico”, para representar também outros lugares articulados à vida presente, não apenas a ruína arquitetônica. Para Rossa, porém, se houve um arejamento conceitual, ainda não foi suficiente para conquistar o salto epistemológico que descolaria a noção de Patrimônio das teorias de conservação e restauro de bens artísticos autônomos, sem nexos com o território e a cidade. O mais próximo desse salto dar-se-ia, para ele, com o conceito de “paisagem urbana histórica”, ou *hul* (*historic urban landscape*), cujo uso ainda não é consensual nos organismos patrimoniais oficiais.

Feita esta longa (e ao mesmo tempo sumária) apresentação dos trabalhos, deixo aqui alguns breves comentários pessoais, cujo intuito crítico é

apenas o de responder ao esforço desses ensaios pioneiros em língua portuguesa, que buscam uma visão mais equilibrada, vale dizer, menos autoritária e menos eurocêntrica, a propósito do patrimônio cultural dos países envolvidos.

A primeira questão que me ocorre após a leitura dos ensaios é que não é tão fácil dar exemplos de obras ou processos culturais que corresponderiam adequadamente a esse novo conceito de patrimônio. Este tende, em certa medida, a se desmaterializar, passando a exigir menos referência direta a obras, monumentos e objetos específicos do que a teorias capazes de englobá-los. Daí toda a primeira parte do livro ser dedicada a uma revisão conceitual da área do patrimônio.

Como mostra o texto de Rossa, não se trata mais de permanecer cuidando de restaurar ou documentar obras com risco de desaparecimento, mas de reformular um campo teórico —, doravante não mais afeito exclusivamente à noção arquitetônica tradicional de patrimônio, mas sim associado a teorias sociológicas e políticas de viés pós-colonial e decolonial. No núcleo delas estão categorias como “pluralidade”, “diversidade”, “identidade” ou “identidade incompleta”, “sustentabilidade”, “não homogeneidade”, “transdisciplinaridade”,

“transcrição”, “entre-lugares” etc. É por meio delas que se tenta reinventar a noção de patrimônio.

Talvez por isso mesmo, as teorias deixam entrever uma perspectiva identitária, politicamente correta e usualmente edificante, que nasce sobretudo de posições liberais de esquerda, as quais mostram sensibilidade diante de diferenças e pluralidades no âmbito das diversas comunidades, especialmente daquelas representativas de minorias ou de grupos oprimidos. São teorias — entretanto ou portanto — que se interessam bem menos pelas contradições materiais que envolvem o terreno conflagrado da expansão capitalista globalizada.

Ocorre que o patrimônio, com as suas obras, cidades, culturas, existe dentro desse terreno minado da globalização capitalista, na qual toda a área da língua portuguesa está em posição pouco influente, seja em termos teóricos ou quaisquer outros. Isso precisa ser considerado, a fim de que o Patrimônio não critique o passado e se entregue a um presente que está longe de ser ideal ou progressista. Ou seja, se não queremos mais que a questão do Patrimônio seja uma epopeia do colonialismo, temos de estar atentos a uma crítica material do presente para não fazer dos estudos pós-coloniais uma épica da globalização.

Por fim, não gostaria de encerrar essa apresentação dos problemas que afligem a integração do Patrimônio cultural nos países de língua portuguesa, sem aludir ao fato de que, em todos esses ensaios, há pouca discussão estética. Não é inesperado, mas não deixa de ser decepcionante. Ainda que não se acredite na autonomia dos objetos artísticos em relação à biografia dos autores, os seus contextos históricos e as representatividades envolvidas, a noção de “valor artístico” está pouco prevista nos ensaios. Se é verdade que cresce a atenção aos direitos e diferenças de cada comunidade, não é menos verdade que diminui, na mesma intensidade e proporção, a avaliação crítica dos próprios objetos postulados como diferentes do padrão europeu.

Mas, afinal, pergunto, não é relevante saber que categorias seriam adequadas para um juízo estético do patrimônio quando ele se associa à criação de comunidades plurais com direito a partilhar um espaço até então ocupado pelas culturas de um centro hegemônico? Será que as novas teorias de partilha do Patrimônio devem necessariamente implicar no sacrifício da estética, do objeto de arte, e, enfim, da técnica e da qualidade final da obra? Dito de outra forma: ainda quando haja comunidades de direito, sociedades relativamente justas e que convivem bem — o que, porém, nem de perto está num horizonte realista de um país como o Brasil, que mal consegue usar a cabeça para sair de um pesadelo perverso como o do bolsonarismo —, poderá haver patrimônio cultural que dispense o debate sobre a forma artística?

Nesse sentido, acho relevante ecoar a consideração de Miriam Tavares, da Universidade do Algarve, um dos poucos autores a articular as noções de patrimônio e de crítica de arte, ao reivindicar para o cinema moçambicano não a condição de objeto de etnografia, mas de verdadeira cinematografia; não a admissão do cinema africano como testemunho de uma memória coletiva em extinção, mas como construção de um cinema contemporâneo. Enquanto tal, não deve ter o direito de receber um juízo crítico como qualquer outro cinema sério? Se o julgarmos digno de ser proclamado mau não será um gesto de reconhecimento maior do que julgá-lo bom por condescendência, ou por amor ao folclore?

No meu tempo de menino, quando as crianças menores queriam entrar num jogo, as maiores combinavam entre si que elas eram “café com leite” — referindo à ideia de que tomavam a bebida mais fraca — para anular o valor das jogadas que faziam. De minha parte, suspeito que, enquanto o juízo estético entrar de maneira envergonhada na discussão pós-colonial, o que se evidencia é a face paternalista de todo bom-mocismo. **1**

rascunho recomenda

Vencedor do prêmio Jabuti em 2022, o primeiro livro de contos de Eliana Alvez Cruz traz temas comuns na abordagem literária da escritora, tal como crítica social, referências à ancestralidade africana e forte pesquisa histórica. **A vestida** traça um painel do Brasil de ontem e de hoje, de um país que não se move em questões que são centrais para a maioria de sua população. Ao desenhar essa paisagem, Eliana não se desvirtua, no entanto, em oferecer bons enredos: seja descrevendo a cidade de Justiçaópolis, do conto *Cidade espelho*, ou o desconforto de Flávio, personagem de *Oito e oitenta*, com o seu filho. Ou ainda nas precipitações de Marilene, no conto *Noite sem lua*. A carioca Eliana Alves Cruz fez sua estreia com o romance **Água de barreira**, vencedor do prêmio Silveira Oliveira, da Fundação Palmares, em 2015, e é autora ainda dos elogiados **O crime do cais do Valongo** (2018), **Nada digo de ti, que em ti não veja** (2020) e **Solitária** (2022).



A vestida

ELIANA ALVES CRUZ
Malé
114 págs.



DIVULGAÇÃO



Todos nós estaremos bem

SÉRGIO TAVARES
Dublinense
192 págs.

Depois de publicar dois livros de contos, Sérgio Tavares (colaborador do **Rascunho**) estreia no romance com uma história cujo pano de fundo é a ditadura brasileira nos anos 1970. Roberto é um empresário que ficou rico trabalhando para empresas financiadoras da ditadura militar e que vive imerso numa obsessão sexual — e em mentiras para encobri-la. Lúcia é uma ex-guerrilheira do MR-8 que atuou em sequestros e assaltos a bancos, até ser presa, torturada e exilada. E é no entrelaçar dessas trajetórias, que vão do final dos anos 60 ao alvorecer do novo milênio, que o romance de Tavares retrata a ambiguidade de uma geração marcada por um ideal de liberdade. Crítico literário, Tavares publicou os livros de contos **Cavala**, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura, e **Queda da própria altura**, finalista do Prêmio Brasília de Literatura. Alguns dos seus contos foram traduzidos para o inglês, o italiano, o japonês, o espanhol e o tâmil.



Se eu não posso ser quem sou

LEILA DE SOUZA TEIXEIRA
Zouk
236 págs.

O título deste livro foi retirado de um verso de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, conhecido por ser um futurista que paradoxalmente ironiza o progresso. O que tem tudo a ver com a história proposta por Leila de Souza Teixeira. A personagem central, Geórgia, é uma servidora do judiciário brasileiro insatisfeita com o trabalho. Ela percebe que não é somente a rotina presa ao tribunal que a incomoda, mas o barulho da cidade; a hostilidade da vida urbana; a poluição visual dos centros comerciais; o culto ao excesso de trabalho; as exigências de produtividade, consumo e sucesso, etc. Após conhecer Olivia (canadense que abdicou de um alto salário em uma empresa de telecomunicações de Montreal, para recolher plásticos em praias e oceanos), a protagonista embarca em uma viagem que a levará a uma nova forma de existência.

Nestas **Ficções amazônicas**, indígenas e não-indígenas entrelaçam-se nas tramas, que revelam a diversidade cultural, a argúcia e a beleza dos povos originários. Personagens imortalizadas pelas boas histórias passeiam em danças circulares ou relaxam ao som de uma sonata de Debussy. Histórias de grandes xamãs indígenas compartilham o mesmo espaço com Merlin e o rei Arthur, revelando as experiências dos autores com povos indígenas.



Ficções amazônicas

APARECIDA VILAÇA E FRANCISCO VILAÇA GASPAR
Todavia
216 págs.

Neste breve romance, Leonardo Brasiense narra o inusitado caso de amor entre Marvin, um homem de 40 anos que já se separou duas vezes, e Analice, uma boneca de silicone. Na história, o silêncio da companheira perfeita — calada e paciente — faz com que o protagonista, maníaco por limpeza e frustrado com suas ex-mulheres, mergulhe em memórias doloridas e desejos não cumpridos. “Uma novela ágil, conectada com o seu tempo mas também com temas que o ultrapassam”, escreveu sobre o livro o gaúcho Amílcar Bettega.



Peixe estranho

LEONARDO BRASIENSE
Companhia das Letras
120 págs.

Sente-se comigo faz um relato sensível sobre uma experiência extrema — a pandemia de covid-19 — que transformou a fundo toda uma geração. Isolado em casa, o narrador conta seus passos pela casa, conta os dias, as horas, e faz um ajuste de contas consigo mesmo e com o tempo, com seus familiares, com as lembranças e aprendizagens que carrega pela vida e por esta nova e inesperada vivência. Diante da solidão e dos questionamentos do protagonista, seu casamento, trabalho e lar são postos à prova, não deixando esquecer que é o presente que entrelaça os tempos verbais da vida.



Sente-se comigo

LUCIANA CHARDELLEI
7Letras
124 págs.

Em sua mais nova persona literária, Nelson de Oliveira, agora Olyveira Daemon (colunista do **Rascunho**), narra a história de um homem que, fugindo dos sete pecados capitais, transforma-se em mulher (sem deixar de ser homem), engravida e dá à luz uma criança extraordinária (seu nome é Eu), predestinada a salvar o Brasil, mais que isso, predestinada a salvar toda a humanidade, enquanto deuses e demônios da mitologia ameríndia e africana perambulam pelo enredo mirabolante, distribuindo bênçãos e maldições. Vyscondim, Narizim, Pedrim e uma boneca maluka chamada Gabi também protagonizam esse breve romance povoado de sofismas alados e terraplanistas armados.



Gigante pela própria natureza

OLYVEIRA DAEMON
Patuá
216 págs.

Vinte e cinco anos após escrever **Cidade de Deus**, um dos livros mais importantes deste século no Brasil, Paulo Lins volta a falar sobre as mazelas sociais do país. A obra tem como cenário Mãe Luzia, comunidade na região oceânica de Natal, capital do Rio Grande do Norte. O livro é dividido em duas partes: uma ficcional e outra documental, com imagens em preto e branco. O surgimento da comunidade, criada por imigrantes fugidos da seca no sertão, foi o mote para Lins elaborar a trama.



A construção de um novo sol

PAULO LINS
Gryphus
276 págs.

MINISTÉRIO
DO TURISMO
APRESENTA

paio!
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Jarid Arraes

Foi seguindo um conselho da americana Toni Morrison que a cearense Jarid Arraes chamou a atenção de leitores e editores. Em um discurso nos anos 1980, a ganhadora do Nobel de Literatura disse que “se há um livro que você quer ler, mas não foi escrito ainda, então você deve escrevê-lo”. “Eu levo isso para minha vida”, diz Jarid, convidada do quinto encontro da 11ª temporada do Paiol Literário, projeto realizado pelo **Rascunho** com o patrocínio do Itaú por meio da Lei Rouanet.

Nascida em Juazeiro do Norte (CE), na região do Cariri, Jarid foi influenciada pela literatura de cordel que o pai e o avô escreviam. E foi com o cordel que começou a ficar conhecida dos leitores. Ao escrever sobre a trajetória de mulheres negras, colocou em prática o conselho de Toni Morrison, criando ela mesma as histórias que gostaria de ter lido em seus anos de formação.

“Quería colocar mulheres protagonistas nas histórias, escrever biografias de mulheres negras, que eu só conheci adulta, e também queria muito que meus cordéis chegassem às pessoas e que elas tivessem esse momento do primeiro contato com temas que ainda não conheciam”, relembra.

“E desde o começo deu muito certo. Eu mesmo montava e vendia pelas redes sociais os cordéis. Cheguei a vender 20 mil cordéis em um ano. Montando à mão.” Ao migrar para o formato tradicional do livro, Jarid continuou fazendo sucesso. Seus dois primeiros livros, **As lendas de Dandara** (prosa) e **Um buraco com meu nome** (poesia), publicados de forma independente, chamaram a atenção da Companhia das Letras, que em 2019, pelo selo Alaguara, publicou a primeira compilação de contos da autora, **Redemoinho em dia quente**.

Com histórias com o “sotaque” cearense, o livro recebeu prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e da Biblioteca Nacional, além de ter figurado entre os finalistas do Prêmio Jabuti. Para além do sucesso individual, Jarid faz questão de enfatizar o aspecto político e coletivo da sua literatura. Para ela, “uma sociedade que se relaciona com a ficção tem um gás muito forte para avançar em discussões, em muitas coisas que, de outra forma, demorariam mais tempo para acontecer.”



DIVULGAÇÃO

• Literatura que une

A importância da literatura na vida das pessoas, da ficção especialmente, está em como conseguimos nos aproximar do outro. Aproximar-se humanamente de quem, geralmente, não estaria tão próximo porque não temos tanta coisa em comum. E encontrar em pessoas diferentes, o campo comum que é a humanidade. As questões e sentimentos humanos, crises, questionamentos, sofrimentos, principalmente, que é a coisa que mais une as pessoas na literatura.

• Lendo homens

Penso muito na minha experiência quando criança e adolescente. Só tive acesso a livros escritos por homens, só fui começar a ler mulheres, especialmente negras, já adulta. Então, fiz o movimento de me identificar com personagens e escritores que não tinham nada em comum comigo. Nem nas regiões onde as histórias se passavam, nem nos personagens, porque a maioria era homem. E as personagens femininas eram sempre muito secundárias, às vezes muito superficiais. Tive que encontrar em personagens diferentes de mim aquilo que nos unia.

• Diferentes contextos

E vai desde a poesia de Drummond — que até hoje é um dos meus poetas favoritos, sendo que meu livro da vida é **A rosa do povo** — até **O senhor dos anéis**, na ficção, que também é um dos meus livros favoritos. Eu até costumava falar que me identificava muito com o elfo — e não tenho nada a ver com elfo. Então isso é um exemplo de como a gente consegue se aproximar. E isso também vale para um outro lado, do leitor homem, que tem a oportunidade de se aproximar de uma literatura feita por uma mulher negra e por pessoas diferentes dele e do contexto em que vive. Da sua realidade familiar. É uma oportunidade de pisar um pouquinho fora do que é familiar e do repertório que lhe é cômodo, e com isso conhecer o ser humano com mais profundidade. E se enxergar em outra pessoa, é algo poderoso e que transforma a nossa visão de mundo e subjetividade.

• Coletivo

Vejo a literatura como um campo coletivo. Não vejo a literatura como uma coisa solitária, nem o ato de escrever nem o ato de ler, nada na literatura é individual, mas sim coletivo. E isso implica em tudo que o coletivo quer dizer. Não só em realmente ter contato e se relacionar com outras pessoas, mas com outras realidades, valores, opiniões, visões de mundo, com coisas divergentes também. Isso faz com que as coisas sejam mais ricas e diversas. E isso tem um potencial político muito forte, de transformar a sociedade.

• Literatura é sempre política

Uma sociedade que se relaciona com a ficção, com a literatura, tem um gás muito forte para avançar em discussões, para avançar em direitos humanos, em muitas coisas que, de outra forma, demorariam mais tempo para acontecer. Acredito muito no papel político da literatura. Às vezes o autor nem escreve algo político intencionalmente. Mas costumo dizer que a literatura sempre é política, quer o autor saiba disso ou não. Sempre é político, não apenas quando é “intencional”. Não estou falando de uma maneira panfletária, mas no sentido antropológico e social. Algo que vai muito além da nossa própria visão limitadora do que é política. E esse valor coletivo da literatura é o que me move a continuar a escrever.

• Relação com as escolas

Sempre me relacionei muito com as escolas. Porque quando comecei a escrever e publicar, o meu maior sonho era chegar às escolas através das minhas obras. E felizmente esse sonho se realizou bem rápido e hoje meus livros

próximo encontro

6/abril
19h

Tatiana Salem Levy

estão nas escolas e universidades. E essa minha relação com as escolas e com políticas públicas é um pouco mais antiga, desde quando comecei a fazer parte de coletivos de direitos das mulheres, especialmente de mulheres negras. A gente sempre fazia ações em escolas, investindo em formação de professores, para falar sobre a lei de ensino de história e cultura afro-brasileira. Desde muito cedo na minha trajetória, eu estava em contato com isso, e muito consciente que existia um problema grande aí, de falta de formação dos professores, de conteúdo, de material.

• **Professores**

Sou muito lida por crianças, adolescente e adultos, mas isso parte muito dos professores. Pois são eles que vão e compram o livro para utilizar na escola. É sempre mais difícil que a coordenação da escola faça o movimento de adquirir o livro, ou que seja adotado ao ponto de os pais terem que comprar os exemplares. Já aconteceu, mas sempre é muito mais uma atitude do professor.

• **Pequenas transformações**

Agora no PNL (Programa Nacional do Livro Didático), tive o **Redemoinho em dia quente** adotado em várias escolas. Foi escolhido por várias escolas e foi muito legal saber disso. Acho que essas pequenas coisas fazem a diferença porque, para falarmos em transformação coletiva, não necessariamente precisa ser uma grande massa, que vai mudar a visão do mundo de uma hora para a outra. Acredito na transformação dos nossos núcleos, do nosso entorno. E a partir daí a gente vai ampliando isso. Então, se meu livro é lido em uma escola por dez turmas diferentes, para mim isso é uma coisa gigantesca, porque lembro de nunca ter tido acesso, quando criança e adolescente, a conteúdo afro-brasileiro. Então, acho que hoje conseguimos avançar nessa questão, ainda que esteja longe do que considero ideal.

• **Ações e políticas públicas**

Acredito que precisamos cobrar por políticas públicas, mas também agir individualmente, para balancear as coisas e fazer o que é possível. Vejo os professores fazendo isso o tempo todo, tirando do próprio bolso para fazer a diferença em seus núcleos. Sempre penso que tenho uma plataforma e as pessoas me ouvem por conta dessa plataforma. Como posso usar isso para o coletivo e não só para promover minha carreira de escritora?

• **Cordel**

Sempre tive contato com a leitura porque meu pai e meu avô são cordelistas. Cresci ouvindo e lendo cordel. Eu era sempre uma das primeiras pessoas a ler os cordéis de meu pai e de meu avô. E meu avô também fundou um centro de cultura no Cariri, chamado Mestre Noza, que tinha cordel, além de artesãos. Tive muito contato com a arte popular, maracatu, etc. O cordel se tornou algo muito familiar para mim, muito íntimo. Considero cordel poesia tanto quanto qualquer outro formato de poesia.

• **Impacto da poesia**

Eu tinha mais ou menos nove anos quando comecei a pensar em ser leitora. Na escola tivemos que ler o poema *Porquinho-da-índia*, do Manuel Bandeira. Voltei para casa alucinada porque amei o poema. Eu estava na garupa da moto do meu pai, no trânsito do Cariri, com juumento, carro, tudo ao mesmo tempo, e a gente conversando, aí falei para meu pai que tinha lido o poema do Bandeira. Falei para ele que tinha adorado poesia. Aí ele falou assim, já que gostou, vou declamar dois trechos de dois poemas. E ele começou: “Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra”. Fiquei me perguntando se aquilo era poesia, porque estava com o *Porquinho-da-índia* na cabeça. E aí ele emendou esse: “Apreja essa mão vil que te afaga, escarra nessa boca que de beija”. Fiquei ao mesmo tempo muito incomodada e instigada por conta da quantidade de coisas que poderiam ser poesia. Minha cabeça ficou em polvorosa.

• **Primeiros poetas**

Pedi ao meu pai para me emprestar um livro de poesia do Carlos Drummond de Andrade, porque fiquei com “a pedra no meio do caminho” encasquetada na cabeça. E ele me emprestou vários livros, não só do Drummond, mas do Augusto dos Anjos, que foi uma grande presença na minha vida, Álvares de Azevedo, Paulo Leminski, Ferreira Gullar, todos foram muito presentes na minha formação inicial.

• **A menina que roubava livros**

Depois vieram autores como Camilo Castelo Branco. Eu pegava todos os livros a que tinha acesso. Chegava a roubar livros da biblioteca porque não conseguia emprestar mais de um título por mês. E eu lia muito rápido. Uns três livros por fim de semana, às vezes mais se fosse de poesia. Depois devolvia, mas eu era a menina que roubava livros. Era muito ávida com a literatura, especialmente com a poesia, que foi a minha base maior, tanto no cordel quanto nos outros formatos.



REPRODUÇÃO/ YOUTUBE



Uma sociedade que se relaciona com a ficção tem um gás muito forte para avançar em discussões, em muitas coisas que, de outra forma, demorariam mais tempo para acontecer.”



DIVULGAÇÃO



Vejo a literatura como um campo coletivo. Não vejo a literatura como uma coisa solitária, nem o ato de escrever nem o ato de ler, nada na literatura é individual, mas sim coletivo.”

• **Fascínio com as palavras**

E foi isso que me fez começar a escrever também. Porque lia os poemas e queria meio que espelhar o estilo do autor que estava lendo. Principalmente com o Augusto dos Anjos. Lia e ficava no dicionário procurando palavras parecidas com as quais ele usava. E nessa época eu perguntava muito o significado das palavras para a minha avó paterna. Ela sempre me dizia, exceto quando não sabia. Aí ela fingia que não tinha me ouvido. Chegou um dia em que ela se cansou e me deu um dicionário, que tenho até hoje, com dedicatória dela. Eu era muito curiosa com as palavras. E atribuo isso à influência do meu pai e do meu avô, com certeza. Porque pra você continuar seu caminho na arte, seja qual for, precisa de estímulo.

• **Poucas opções**

Quando era adolescente e tive acesso à internet, comecei a ter mais contato com outros livros — e aí não eram só os livros do meu pai. Porque nesse período, não havia livraria lá no Cariri. Havia a biblioteca municipal e a biblioteca da escola. E os acervos eram muito limitados aos livros didáticos e aos clássicos. Portanto, durante muito tempo, meu repertório foi curto em relação a autores e estilos.

• **Descoberta das mulheres**

Só fui me questionar do porquê de eu não ler mulheres, quando já estava bem crescida e em contato com o feminismo. E aí comecei a procurar. Depois disso, levou um tempo ainda para eu subir um degrau e começar a ler mulheres negras. E lembro que quando me fiz esse questionamento, fiquei até decepcionada comigo mesma, porque isso nunca tinha me incomodado. E nunca tinha lido mulheres parecidas comigo. Foi uma coisa muito impactante conhecer autoras negras.

• **Primeiras autoras**

A primeira que li foi a Conceição Evaristo e, depois dela, vieram muitas, como a Esmeralda Ribeiro, a Miriam Alves, aqui no Brasil. De fora, Alice Walker, Toni Morrison, etc. Então fui adquirindo mais referências, que fizeram muita diferença na minha vida. Se eu tivesse conhecido essas autoras antes, quando estava crescendo, muitas coisas sobre mim teriam sido diferentes. Até mesmo na forma como eu me enxergava, como via meu lugar no mundo e a possibilidade de ser escritora. Eu tinha cadernos e mais cadernos com textos, mas não mostrava nem para meu pai porque tinha vergonha, não achava que tinha valor. Nem sequer pensava na possibilidade de ser escritora. Mas no fundo, eu queria ser escritora.

• **Conceição Evaristo**

A vontade de escrever surge muito a partir do momento que conheço a obra da Conceição Evaristo. Os primeiros textos que comecei a compartilhar para outros leitores foram de opinião. Escrevia em blogs de direitos humanos, falando sobre questões de gênero e raça, especificamente. Enquanto estava escrevendo meus textos de opinião, pensei em publicar cordel. Mas nunca tinha escrito cordel. Os poemas que havia escrito eram em outros formatos. Escrevia até soneto, mas não escrevia cordel.

• **Mulheres no cordel**

Então falei com meu pai que queria manter viva a tradição da família. Mas queria colocar mulheres protagonistas nas histórias, escrever biografias de mulheres negras, que eu só conheci adulta, e também queria muito que meus cordéis chegassem às pessoas e que elas tivessem esse momento do primeiro contato com temas que ainda não conheciam.

• Vendendo cordéis

E desde o começo deu muito certo. Eu montava e vendia pelas redes sociais os cordéis. Cheguei a vender 20 mil cordéis em um ano. Montando à mão. Tive até problema no pulso de ficar baixando a guilhotina no papel. Comecei também a chegar às escolas, havia gente fazendo contação das minhas histórias.

• Lendas de Dandara

Isso me acordou. O que mais quero fazer, além do cordel? Sempre tive na minha cabeça a mentalidade de que posso fazer qualquer coisa que quiser: se eu quiser escrever soneto, escrevo, se quiser escrever ficção científica, escrevo. Basta eu ter vontade, porque a literatura está acessível para mim e para todo mundo. Então pensei, vou publicar um livro de prosa. E não tinha a menor ideia do que era o gênero. Escrevi **As lendas de Dandara** e publiquei de forma independente, porque levei muitos não das editoras. A justificativa era de que não existia mercado para meu livro, e eu discordava muito porque via o tanto que meus cordéis vendiam quando o tema era biografia de mulheres negras. Então apostei no livro. Peguei um empréstimo, paguei a impressão e vendi pelas redes sociais. Em menos de um ano esgotou a tiragem de 1.500 exemplares. E só vendia pelo Facebook. Não tinha em nenhuma livraria, ninguém divulgando. Aí algumas editoras que me disseram não, depois que o livro esgotou, vieram me procurar. Daí neguei pra todo mundo que havia rejeitado. E aceitei o convite da Editora de Cultura, que até então eu não conhecia. Depois disso, vieram os outros livros.

• Rejeições

Mesmo com o livro de cordel **Heroínas negras brasileiras**, também fui rejeitada por muitas editoras. Até chegar à primeira editora que publicou a obra. E a gente vendeu muito esse livro. Não sei nem quantas reimpressões foram feitas. O livro rodou muito em escolas, vendeu muito na Flip. E depois ele foi para a Seguinte [selo da Companhia das Letras] e continua sempre sendo impresso e indo para as escolas.

• Grande editora

Em 2018, lancei **Um buraco com meu nome** pelo selo Ferina, que criei para publicar só mulheres. Estava andando na rua em Paraty para participar de uma programação da Off Flip, quando a Luara França, que foi minha editora na Companhia das Letras, me parou no meio da rua e falou que gostava do que eu escrevia e, caso eu tivesse algo, ela queria publicar. Fiquei em choque, porque levei não pra caramba e de repente estavam me convidando para publicar.

• Redemoinho

Eu tinha alguns contos, que escrevi em 2015. E fui reescrevendo as histórias ao longo dos anos. Isso até 2018, quando desisti de

DIVULGAÇÃO



Até quando é fácil, é difícil ser mulher no Brasil. Mesmo quando se está em um lugar confortável socialmente falando, há preocupações que não desaparecem.”



Acompanhe no canal do YouTube do Paiol Literário



reescrevê-las e mostrei pra Luara. Então chegamos à conclusão de que dava para fazer um livro de contos com eles. Foi aí que surgiu o **Redemoinho em dia quente**.

• Prêmios

Não esperava ganhar prêmios, porque sou muito jovem na literatura. Eu estava muito contente só por ele estar indo bem, pois ficou entre os mais vendidos na Flip no ano do lançamento. O que eu mais queria era escrever com sotaque do Ceará. E as pessoas estavam gostando disso no livro. E aí veio o APCA, que foi o primeiro prêmio que ganhei. E foi incrível. Depois veio o prêmio da Biblioteca Nacional e ainda fui finalista do Jabuti. Para mim, foi uma coisa imensa.

• Persistência

Mas tudo isso, estar na Companhia, os prêmios, etc., eu vejo da forma como falei no início, através de uma lente política. Porque se eu não tivesse apostado e acreditado na minha literatura e na importância daquele tema socialmente falando, eu não teria feito nada. Teria aceitado o não. Mas sabia que ia dar certo porque via o interesse das pessoas em ler cordel e sobre personagens negras. Por isso reafirmo sempre, minha trajetória na literatura é uma trajetória coletiva e política. Porque foi com o apoio dos leitores que eu cheguei aqui. Foi um esforço de boca a boca pelas redes sociais que me trouxe até aqui.

• Incômodo

Escrevo muito a partir do incômodo. Não é só no sentido de algo que me faça mal. Me incomoda não encontrar essas personagens, esses cenários e ambientações em livros, em grandes editoras, em eventos. Me incomoda ver o que eu faço sendo colocado em uma caixinha de regionalismo. Então minha literatura é planejada, de propósito, para que tenha protagonista mulher, para que tenha sotaque no que eu escrevo, para que a ambientação no sertão do Ceará seja muito evidente.

• Conselho de Toni Morrison

Trato desses temas, que eu queria ter lido na minha formação e não li, porque escutei o conselho da Toni Morrison, quando ela disse que se tem um livro que você gostaria de ler, mas ele ainda não existe, então deve escrevê-lo. Eu levo isso para minha vida. Queria muito ler um livro sobre abuso infantil, que isso fosse discutido, para podermos falar sobre a nossa sociedade adultocentrada. E queria que passasse no sertão do Ceará porque gostaria de falar sobre esse ambiente, essa cultura, e usar o meu vocabulário. Cansei de reprimir meu vocabulário aqui em São Paulo, para não sofrer discriminação, deboche. É tudo proposital na minha literatura e imagino que isso vai durar por muito tempo. Por isso, escrevi **Corpo desfeito**, que trata justamente do abuso infantil.

• Cultura popular

Se você ouvir as pessoas falando sobre cordel, elas dizem que é uma “literatura popular”, “poesia popular”. E com esse popular, elas querem dizer que não é poesia como outros tipos de poesia, é uma poesia menor. É algo diferente do que faz Carlos Drummond de Andrade, Waly Salomão, é outra coisa. É folclórico. E por ser assim, não cabe em evento literário, não cabe convidar cordelista para falar sobre poesia em uma mesa sobre poesia, em um grande evento literário.

• Preconceito

Eu e o Bráulio Tavares fomos os primeiros cordelistas a participar da programação oficial da Flip. E fiz questão de falar que era a primeira mulher cordelista no evento. Mas se pensarmos, há quanto tempo a literatura de cordel tem formado leitores, entrado em camadas da sociedade que a chamada “alta” literatura não penetra? E essa desvalorização permanece. Noto isso até em bienais e outros grandes eventos. O espaço do cordel nos estandes de editoras é todo folclorizado, toda estética é feita para parecer uma coisa fechada, regional, quase caricata. Tem alguns cordelistas que realmente vestem esse personagem da caricatura. Que bota chapéu de vaqueiro, chapéu de Lampião. Mas fazem esse personagem porque é só assim que as pessoas acessam e entendem o cordel.

• Novos temas

Escrevi um cordel em que fiz um diálogo breve com o pensamento de Sartre, autor de que gosto muito. E recebi muitas mensagens de pessoas achando a história muito diferente. Gente perguntando se eu havia desistido de escrever sobre mulheres negras. Então faz parte da visão das pessoas, elas não imaginam outra coisa que não seja essa visão folclórica, que diminui e reduz.

• Regionalismo

Isso está diretamente ligado ao fato de que faço literatura regional para o Sudeste. E não enxergo desse jeito porque, para mim, regional é uma coisa marcada no tempo histórico. E isso não cabe para autores como eu, Cristhiano Aguiar, autor do **Gótico nordestino**, para a Socorro Acioli. Nós somos muito diferentes uns dos outros. Há coisas muito diferentes sendo publicadas por pessoas de vários lugares do Nordeste, e não dá para falar que isso é regional. Ou então tudo é regional. Posso falar a partir de agora que sudestino publicando está fazendo literatura regional do Sudeste. E não cabe.

• Mulheres e negros

Em 2015, quando comecei a publicar livro, tinha o hábito de receber por e-mail a lista dos lançamentos das grandes editoras. Então eu contava quantos livros publicados eram de mulheres e quantos eram de pessoas negras ou indígenas. Os indígenas, não preciso nem dizer, nunca estavam nessas listas, os negros eram poucos e as mulheres em um número ínfimo. Isso era uma coisa que me revoltava muito. Foi por isso que comecei a me mover com coletivos de escritoras, de leitores que estavam focados em ler livros escritos por mulheres, como *Leia Mulheres*, *Mulheres que Escrevem*, *Lendo Mulheres*.

**raimundo carrero**

LUTA VERBAL

O OLHAR DE EMMA NARRA A PRÓPRIA MORTE

O olhar do personagem é, sem dúvida, a técnica mais sofisticada criada por Flaubert. Impressionante sobretudo no momento da morte da personagem central em **Madame Bovary**, no romance que vem a ser chamada de *A Bíblia da ficção*.

Com efeito, Emma em torno, lentamente, como quem desperta de um sonho; depois, com a voz nítida, pediu o espelho e esteve inclinada para ele algum tempo, até que dos olhos se desprenderam duas grossas lágrimas. Em seguida, soltou um profundo suspiro e deixou cair a cabeça no travesseiro.

No mesmo instante, começou-lhe o peito a arfar rapidamente. A língua saiu toda da boca; Emma relanceava os olhos, num movimento contínuo, amorteciam-se como dois globos da lâmpada que se apagam; e até a julgariam já morta se não fosse a aceleração do arfar das costelas sacudidas por uma respiração furiosa, como se a alma estivesse aos pulos para se desprender. Felicidade ajoelhou diante do Crucifixo e o próprio farmacêutico flectiu um pouco os joelhos, ao passo que Canivet olhava vagamente para a praça; Bournisien continuava a orar com o rosto inclinado para a beira da cama; e sua comprida batina preta arrastando-se atrás de si pro chão. Charles estava do outro lado, de joelhos, e com os braços estendidos para Emma. Pegava-lhe as mãos, apertava-as e estremeia a cada pancada do seu coração, como ao desmoronar de uma ruína. À proporção que o estertor se tornava mais forte, o eclesiástico precipitava as suas orações, que se misturavam e se confundiam com os soluços sufocados de Bovary; às vezes tudo parecia desaparecer no surdo murmúrio das sílabas latinas que tangiam como dobres de finados.

De repente ouviu-se no passeio um ruído de tamancos, o bater de um pau no passeio de tamanco, o bater e um pau e uma voz que se elevava, uma voz rouca que cantava.

Aí observa-se a chegada da morte que é anunciada pelo ouvido através da metáfora do cego, uma das mais poderosas do romance, com a força do tamanco a marcar pelo ritmo — Flaubert tinha obsessão pelo ritmo narrativo — a presença da morte dolorosa com a voz cantando os versos que resumem a tragédia de Emma. Tudo isso é técnica apurada. Apuradíssima. A grande obra de arte precisa desses movimentos técnicos e não apenas de impressões. A morte de Emma exige, ainda, não somente os olhos, mas também os ouvidos como se o leitor estivesse executando uma melodia. Verdadeira revolução literária.

Por isso mesmo destaque-se que a narrativa é construída em dois movimentos.

1) Com efeito, Emma relanceava os olhos em torno, como quem desperta de um sonho; depois, com a voz nítida, pediu o espelho e esteve inclinada para ele algum tempo;

2) Até que dos olhos se desprenderam grossas lágrimas. Em seguida, soltou um profundo suspiro e deixou cair a cabeça no travesseiro. ❶

• Clube

Aí criei o Clube de Escrita para Mulheres, também pensando nisso, que precisávamos ter um grupo de mulheres que escrevessem para que esse quadro mudasse. De 2015, naquele lugar em que estava, me sentindo solitária, com o mercado absolutamente branco, num nível de supremacia gritante, até hoje, quando a gente vê a Eliana Alves Cruz, o Jeferson Tenório e o Itamar Vieira Junior sendo premiados, a Conceição Evaristo sendo muito reconhecida, parece que as coisas mudaram um pouco.

• Melhorou, mas não muito

Acho que muita coisa melhorou, mas ainda há muito para melhorar. Às vezes, penso se isso não é uma onda passageira, porque tem esses grandes fenômenos, como o Geovani Martins, essas pessoas que aparecem e explodem, e só de sabermos assim de cara citá-los, já é um indício de que são exceções. Pode ser um fenômeno pontual. Então fico observando e tentando entender. Leio muitos contemporâneos, priorizo essa leitura, não só de grandes editoras, mas dos independentes também. Porque quero entender o que está acontecendo na literatura brasileira e ver quem está tendo reconhecimento, quem vai para listas, recebe prêmios. Porque é a partir daí que vemos o quadro social e político da literatura no Brasil.

• Repertório dos curadores

Problema de repertório de curadores é uma coisa que me chama muito atenção. Quando são os mesmos nomes convidados para falar sobre as mesmas coisas... E aí eu me coloco. Se sou eu sempre a pessoa convidada para falar sobre literatura feita por pessoas do Nordeste, de mulheres nordestinas, então há um problema de repertório da curadoria. E isso é cansativo. É uma marca que me colocaram. Se eu não escrevesse nada sobre o Nordeste, a caixinha onde iriam me colocar era na de escritores negros. É onde às vezes me colocam. Porém, depois de **Redemoinho em dia quente**, virou mais Nordeste. E sempre o tema mulheres também. É algo que incomoda, porque não sou convidada para falar sobre outros temas da literatura, porque sempre partem desse enquadramento.

• Ser mulher no Brasil

Até quando é fácil, é difícil ser mulher no Brasil. Mesmo quando se está em um lugar confortável socialmente falando, há preocupações que não desaparecem. E é muito difícil ser mulher e escritora no Brasil. É um constante cansaço, completamente enfadonho falar sobre as mesmas coisas, ficar observando como as mulheres estão sendo tratadas e lidas. Como a crítica está reagindo às mulheres. Tem tantas nuances e detalhes. E ficamos nesse papel ingrato de colocar luz em cima do problema e ouvir que é exagero, que melhorou muito e tantas coisas...

• Desconforto necessário

E o desconforto é sempre necessário, preciso. Se estou desconfortável, também quero que outras pessoas fiquem desconfortáveis com meu desconforto. E que a gente fique em um grande desconforto, ache tudo ruim, para que aí melhore. Tenho como missão de vida trazer o que é incômodo para as minhas criações literárias. Porque eu estou em uma posição muito complicada, não tenho como escrever sobre besteira e colocar crises idiotas nas minhas coisas, se estou lidando com a realidade tão profunda e tão complexa de misoginia, de homofobia.

• Pautas importantes

Eu sou bissexual, então estou nesse lugar com muitas questões envolvidas, de alguém que tem o pé no sertão. Mas não sou do sertão que as pessoas imaginam que é o sertão, um lugar seco, da vaca morta, da casa de taipa, então preciso explicar isso também. Como não vou incomodar e ser incomodada com tudo isso girando em torno de mim? E ainda tem o lugar racial, que também é uma questão grande para mim e pessoas parecidas comigo, que é essa coisa da miscigenação.

• Dinâmica de trabalho

Não me sinto solitária quando escrevo. A parte do ofício, que é sentar e escrever, realmente faço só, mas tem muitas etapas que compartilho com outras pessoas: a edição, a revisão, a leitura crítica, o leitor beta, que geralmente é um amigo. Muitas etapas são bem compartilhadas na minha experiência. Não me sinto isolada fazendo isso. O trabalho e a visão das outras pessoas acrescentam e melhoram muito o que eu faço. E me sinto muito acompanhada pelas personagens que crio.

• Corpo desfeito

No caso de **Corpo desfeito**, isso foi tão intenso para mim, que sentia que a Amanda, protagonista da obra, era uma criança de verdade que estava me pedindo para contar a história dela. Porque tive que mergulhar tanto no tema do abuso infantil, resgatar muito as coisas que já conhecia, ler muitas biografias, ver muitos filmes, só pensava nisso 24 horas por dia. Escrevi esse livro durante dois anos, ao longo da pandemia, sendo que estava tratando um câncer. Então eu não saía de casa pra nada, porque não poderia me expor de maneira nenhuma. E mesmo assim, na minha terapia, passei dois anos falando desse livro. Porque me sentia me afogando na coisa, e em constante conflito com a minha criatividade para retratar esse tema, que é pesado.

• Sofrimento

Gosto muito de livros com temas difíceis, com sofrimento. Porque a vida do ser humano é repleta de sofrimento. E lendo ficção a gente pode até mesmo elaborar esse sofrimento de uma forma que traga autorreflexão e autoconhecimento. Muitas vezes um processo inicial de cura. Acho que a literatura tem essa possibilidade também. Gosto muito de histórias tristes, é uma preferência de leitora. Só não gosto do sofrimento de escrever, porque sou muito perfeccionista e nunca nada está bom. E sempre é um processo muito tenso. Eu me irritado e me frustro muito. Costumo dizer que não gosto de escrever, gosto de quando já está feito e as pessoas estão lendo. O processo criativo para mim é muito conturbado.

• Caminhos da escrita

A pessoa que começa a escrever, precisa entender que essa angústia com o que escreve não é exclusividade dela. No Clube de Escrita Para Mulheres, escuto esse tipo de coisa o tempo todo: de que a pessoa tem vergonha do que escreve, de que não se acha escritora, etc. E quando encontramos outras mulheres que também falam essas coisas, mas que superaram essa fase, isso faz com que esse medo vá embora. Então é preciso saber que isso é um processo social das mulheres. Tem que enxergar o quanto isso é social, coletivo e político.

• Vida

Parece que sempre estamos em guerra. Nosso Estado, o Brasil, está em frangalhos, está todo mundo muito cansado e destemperado. Uma polarização absurda. Ao mesmo tempo em que vejo tantas coisas positivas acontecendo, tanta coisa que me dá esperança, sinto medo do nosso contexto. Há muito ímpeto de violência e pouca disposição para o diálogo nas pessoas. Isso no geral, não só em um lado específico, mas entre nós mesmos, que estamos no mesmo lado. Tem muito cansaço envolvido. Eu mesma me cansei muito. Foram dois anos em que estive exausta. Mas ainda assim, acho que passei bem durante a pandemia, mesmo com câncer e tudo. ❷


tércia montenegro

TUDO É NARRATIVA

LITERATURA EXPANDIDA

José Leonilson Bezerra Dias faleceu há trinta anos, e sua obra nunca foi tão conhecida. Se a régua do tempo serve para testar a qualidade de um autor, estas décadas já confirmam que Leó cresceu em público postumamente. Várias exposições, documentários e livros surgiram (com destaque para o bellissimo *Catalogue Raisonné*) — e, dentre as pesquisas que se debruçam hoje sobre o artista, ressaltam o trabalho de Lúcio Flávio Gondim, *Leonilson expandido*. Recentemente defendida no doutorado de literatura comparada na Universidade Federal do Ceará, esta tese — que pode ser acessada online, pelo repositório institucional da UFC — é uma das mais sensíveis investigações que li sobre o diálogo entre literatura e artes plásticas.

Logo no resumo, o pesquisador anuncia a escolha por um elemento, a rosa dos ventos, como um híbrido sintetizador da obra de Leonilson, que “em 36 anos de vida construiu um repertório de cerca de quatro mil produtos artísticos e muitas incógnitas imagético-verbais”. A partir daqui, pensamos: talvez o enigma da obra de Leonilson (que, entretanto, à primeira vista pode parecer tão simples, tão *espontânea*) seja o que, no âmbito estrutural, continua a instigá-la. Veiculadas por suportes multimodais, suas produções são dificilmente classificáveis ou reduzíveis a rótulos. Livres para circularem por múltiplas camadas, suas peças incluem desenhos, pinturas ou bordados que sempre fazem a linha transitar entre o traço e a palavra. Ora, essa fronteira diluída também se aplica hoje a certas práticas literárias, misturadas ao visual e ao performático...

Em conteúdo, o aspecto subjetivo ergue-se como um grande atrativo em Leonilson: “Seja costurando por influência da mãe ainda na infância, na pintura das primeiras composições e até na produção de *fanzines* (pequenas publicações com colagens), esse artista cearense, mundivagante — como é próprio de seus conterrâneos — almeja falar de seus fluxos e dores, assumindo sua subjetividade como meio de expressão”. A identificação do público acontece pelo tom diarístico; “entre frases e bordados”, Leó desenvolve a história de suas tristezas, sobretudo depois de ter sido diagnosticado com HIV, numa época em que o tratamento da doença ainda não era eficaz.

Transitando entre memória e invenção de si mesmo, “Leonilson passa a ter uma difusão

popular cada vez mais intensa, transformando sua solidão e/ou carência em espelho para que seu público se veja e compreenda seu interior. Vida e arte, agrupadas, fazem da escrita de si uma escrita do mundo e, de Leonilson, um expoente de sucessivas gerações para as quais pautas de identidades marginalizadas encontram ressonância na produção artística” — lemos na pesquisa citada.

O deslizar entre a linguagem imagética e verbal justifica a ideia de uma literatura instável, ambígua, expandida; uma literatura em processo, que, assim como a própria intimidade que marca a obra de Leonilson, não se completa jamais e, exatamente por isso, está disponível para ser revista e revigorada, sem cessar. Além disso, o conceito da inespecificidade da arte vem ancorar, sob tal visada, os trabalhos de Leonilson no âmbito contemporâneo, pelo seu estilo polimorfo.

Florência Garramuño é lembrada como referência nos estudos sobre as práticas de Nuno Ramos, que igualmente fogem a uma classificação em única linguagem, constituindo na verdade “um espaço-tempo sensorial”. Segundo a pesquisadora, tais realizações artísticas estariam acontecendo por meio de um “modo ou dispositivo que evidencia uma condição da estética contemporânea na qual forma e especificidade parecem ser conceitos que não permitem dar conta daquilo que nela está acontecendo”.

Além disso, pode-se também tratar de “literatura pós-autônoma”, conforme Josefina Ludmer, na qual os limites estéticos da escrita se estendem e abarcam marcas de outras modalidades artísticas. Trata-se de uma reformulação que mescla conceitos como o de literário e não-literário. Diante da questão que trata de um possível ponto de partida, qual seja, a tendência de Leonilson moldar as artes visuais por uma perspectiva literária ou expandir a literatura para uma perspectiva multimídia, o pesquisador faz o que se deve: revira o seu objeto de estudo, olha o mesmo fenômeno de ângulos diferentes até surpreendê-lo sob mais de um viés.

Lúcio Flávio Gondim busca o avesso de Leonilson, descostura o tecido de sua obra, puxa-lhe os fios, para ver de que matéria a trama foi feita. Com esse gesto, longe de destruir o produto que analisa, consegue desdobrá-lo, propagá-lo de uma nova maneira. Afinal, é tarefa do espaço acadêmico aumentar as diretrizes do


 Ilustração: **Obra de Leonilson (Reprodução)**

conhecimento sobre um determinado assunto, e esta tese alcança toda a grandeza no que se propõe, desconstruindo Leonilson para aprofundá-lo e torná-lo ainda mais abrangente — não só no que diz respeito às questões técnicas, conceituais e mesmo historiográficas das suas criações artísticas, mas sobretudo, penso eu, no que tange às possíveis leituras, abertas e potencialmente infinitas, que tais peças inspiram, no diálogo com as recepções que surgem. Lúcio Flávio é um leitor que conduz, guia e articula as chances íntimas que qualquer um(a) de nós pode ver desenvolvidas, a partir da estética de Leó. Nesse sentido criativo, é um leitor-artista, um pesquisador performer, um escritor que também “pinta e borda”.

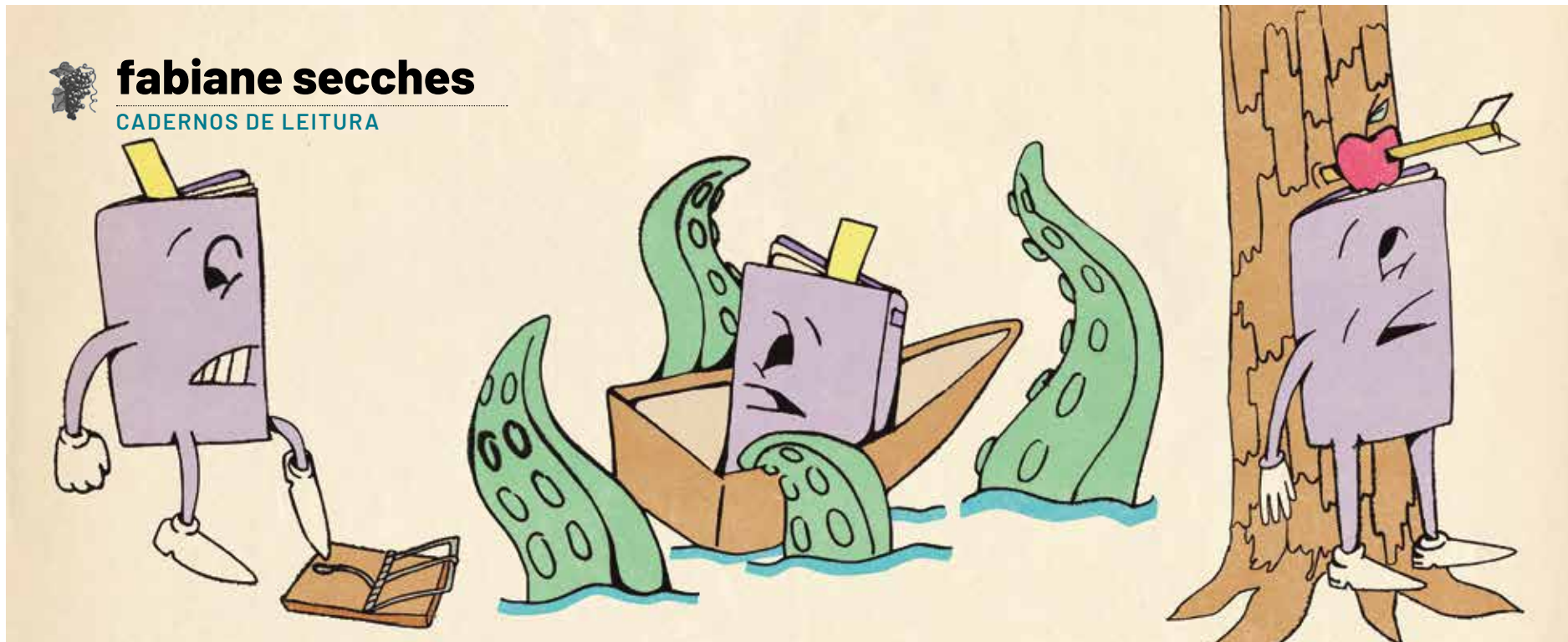
No intuito de aplicar ao seu próprio trabalho um teor polivalente, para além de uma profunda investigação bibliográfica, Lúcio Flávio Gondim abriu seu campo metodológico, conforme explica à página 115 da tese: “foi criado também para esta pesquisa um espaço de troca e de atualização constante a respeito de nosso objeto de pesquisa. Tratou-se de um perfil na rede social iminentemente imagética *Instagram* chamado ‘Leonilson Expandido’. Fundada desde o início da pesquisa de doutorado, a página serviu primeiramente como uma convocatória e, logo em seguida, como um relicário da produção verbovisual de artistas, admiradores e pes-

quisadores da obra de Leonilson. A reunião de tais trabalhos e afetos foi possível especialmente pelo mecanismo de uma *hashtag* com o nome do artista”.

Dessa maneira, através de um aprofundamento das influências de Leonilson, com a análise da obra de outros artistas que com ele dialogam, demonstra-se, na prática, como essa expansão se propaga. A grandeza de Leó extravasa pelas ramificações possíveis — e potencialmente intermináveis — com outras obras, biografias e estéticas. É mais um momento de profunda coerência na tese, pois não apenas se desenvolve aqui uma investigação com texto híbrido, poético e científico, e permeado pelas imagens de análise, mas também se demonstra de fato a hipótese de expansão apresentada, fazendo uma pesquisa ainda mais abrangente do que poderíamos imaginar. **U**

fabiane secches

CADERNOS DE LEITURA

Ilustração: **Thiago Thomé Marques**

FUTURO ANCESTRAL

O romance é concebível sem o mundo moderno? — essa é a questão que nomeia o ensaio do italiano Claudio Magris sobre os paradigmas do romance literário no mundo contemporâneo. A pergunta também ocupa as páginas de **A arte do romance**, antologia de ensaios e entrevistas do tcheco Milan Kundera: o romance como gênero literário, tal qual o conhecemos no mundo ocidental desde **Dom Quixote**, estaria fadado à morte?

O ensaio de Claudio Magris encerra o primeiro volume de **A cultura do romance**, organizada por Franco Moretti, coletânea de mais de mil páginas, divididas em quatro partes, propõem-se a pensar a história do romance como gênero literário através de suas sucessivas crises. Na introdução, Moretti argumenta que o romance combina três perspectivas distintas: 1) o romance como grande acontecimento cultural, “que redefiniu o sentido de realidade, o fluxo do tempo e da existência individual, a linguagem e as emoções e os comportamentos”; 2) o romance como forma: “(...) aliás, formas, no plural, porque na sua longa história encontram-se as criaturas mais surpreendentes, e o alto e o baixo trocam de lugar de bom grado, e os próprios limites do universo literário se tornam incertos”; 3) o romance como o que chama de “geografia planetária”: “Às vezes, ocorre-nos pensar em Babel; mas é exatamente essa flexibilidade que fez do romance a primeira forma simbólica verdadeiramente mundial”.

Mas, para Magris, uma vez que o mundo moderno ou “a modernidade com *m* maiúsculo acabou ou está acabando, em uma guinada histórica de enormes dimensões, que só pode ser comparada ao fim da Antiguidade”, também o romance como gênero literário estaria morrendo.

A produção romanesca média parece florescer viçosa, ao menos no plano quantitativo, na absoluta ignorância do mundo e de sua transformação, no tranqüilo desconhecimento da realidade; a maior parte dos romances assemelha-se a aparelhos antiquados e obsoletos. Nesse sentido, o romance médio cada vez mais se assemelha (...) àqueles gêneros literários envelhecidos e antiquados que o grande romance moderno, ao irromper violentamente em cena, havia varrido.

Magris lembra também que o romance é impensável sem a nova função do dinheiro e a ascensão da burguesia. Menciona o fenômeno dos *best-sellers* no século 18, como **Robinson Crusoe**, de Daniel Defoe, e **Os sofrimentos do jovem Werther**, de Goethe. O romance seria, portanto, um paradoxo, uma “lança de Aquiles que fere e cura”, no sentido de que, a um só tempo, representa a crítica ao mundo moderno, como também o assimila e se torna parte dele.

Segundo Magris, somente um romance que assumisse os dilemas atuais poderia alcançar o sentido da realidade e de sua dissolução. Conclui observando que, atualmente, vivemos em um “supermercado político-social” onde os romances, que seriam apenas *remakes* da tradição, aparecem como produtos secundários, porém vendáveis. “Talvez o romance termine em uma auto paródia involuntária”, mas isso, diz ele, seria uma outra história.

De outro lado, temos Virginia Woolf, para quem o romance é “a mais maleável de todas as formas”. Pensar o romance como um gênero literário que se relaciona mais com um espírito do que com essa ou aquela forma parece um caminho interessante. Mas não podemos dizer que os argumentos de Magris não são razoáveis: se o romance é uma forma artística intrinsecamente vinculada a um período histórico, com o processo de derrocada desse período, essa forma poderia de fato ter se tornado insuficiente para dialogar com esse novo momento. As crises do romance podem ser pensadas também como um movimento dialético entre mundo

externo e mundo interno, literatura e história como um processo dinâmico. Para Hegel, a percepção da realidade e as técnicas de representação vão se modificando conforme o entorno se transforma. A questão que nos assombra é: será que o romance é uma forma elástica o bastante para seguir como tal no mundo de hoje?

Em **A arte do romance**, Milan Kundera reflete sobre a evolução do romance e de seus aspectos centrais desde Miguel de Cervantes, autor daquele que é considerado a pedra angular ocidental do gênero pela maior parte dos historiadores do romance. Embora Kundera concorde que tudo que é humano traga em seu nascimento também o germe de seu fim, argumenta que o romance não é apenas uma representação do mundo moderno, mas também a sua gênese, já que, a partir dele, passamos a lidar com outra realidade: “em vez de uma só verdade absoluta, muitas verdades relativas que se contradizem”. Para ele, o romance tem como única certeza a sabedoria da incerteza.

“O espírito do romance é o espírito da complexidade. Cada romance diz ao leitor: ‘As coisas são mais complicadas do que você pensa’. Essa é a eterna verdade do romance que, entretanto, é ouvida cada vez menos no alarido das respostas simples e rápidas que precedem a questão e a excluem”, escreve.

O romance poderia ser pensado como o espírito de continuidade, uma vez que cada obra é resposta às obras que a precederam; cada obra contém toda a experiência anterior do romance, ainda que seja para romper com ela. No entanto, há aqui um paradoxo observado por Kundera:

O espírito de nosso tempo está fixado sobre a atualidade, que é tão expansiva, tão ampla, que expulsa o passado de nosso horizonte e reduz o tempo ao único segundo presente. Incluído nesse sistema, o romance não é mais obra (coisa destinada a durar, a unir o passado ao futuro), mas acontecimento de atualidade como outros acontecimentos; um gesto sem amanhã.

Para o escritor, o romance não pode “viver em paz com o

espírito de nosso tempo: se ainda quer continuar a descobrir o que não foi descoberto, se ainda quer ‘progredir’ como romance, ele só pode fazê-lo contra o progresso do mundo”. Poderíamos fazer uma analogia com algo que o escritor indígena Ailton Krenak, um dos pensadores brasileiros mais importantes da atualidade, defende desde o título em seu livro mais recente: **Futuro ancestral**.

Gosto bastante desse pensamento, mas acho importante acrescentar uma observação que a italiana Elena Ferrante faz em uma entrevista, ao ter sua obra comparada à de Alexandre Dumas, grande autor francês do século 19:

Posso escolher reutilizar alguns dos potentes dispositivos da literatura popular, mas se faço isso, estou em uma época completamente diferente, gostando ou não, da que essa literatura teve seu auge. O que quero dizer com algum pesar é que de modo algum posso ser Dumas. Pertencer à grande tradição dos romances populares não significa mais, para o bem ou para o mal, criar esse estilo de narrativa, mas sim utilizá-la, distorcê-la, violar suas regras, frustrar suas expectativas, tudo a serviço de contar uma história do nosso tempo. (...) Nós podemos apagar a fronteira entre as diferentes experiências literárias e utilizá-las simultaneamente para dar forma a nosso momento histórico.

De um lado, temos a importância de experimentar novas formas estéticas que dialoguem com as características do mundo atual — com a velocidade, a efemeridade dos vínculos, os fragmentos de experiência —; de outro, a constatação de que, para manter o espírito do romance, talvez a grande subversão do nosso tempo seja resistir à celeridade e à fragmentação.

Faço aqui uma mistura de citações de autores tão diferentes para tentar demonstrar a minha aposta de que existem caminhos distintos que apontam para a longevidade do romance também como possibilidade literária e não apenas como mercadoria. Apesar disso, é importante reconhecer: é uma raridade quando acontece e, por isso mesmo, um tesouro. **1**

nilma lacerda e maíra lacerda
CALEIDOSCÓPIO

LIVROS DE VIAGEM

O encontro entre livros e quem os lê acontece de várias formas e, sendo o livro um objeto, supõe-se ser o sujeito quem o busca, ainda que não sejam incomuns as histórias em que o livro encontra o leitor. Essa descoberta costuma ocorrer devido a uma demanda latente, acionada pelo olhar despretensioso, pela súbita aparição de um título ou nome de autor, por uma quarta capa convidativa. Fortuito momento, esse, em que um livro chama de forma imperativa por seu leitor. Como em casos amorosos, uma fálca pode deflagrar a paixão. Bibliotecas e livrarias são, por excelência, os espaços propícios a isso.

O acesso ao livro é marcado ainda por uma seletividade, seja financeira, social, ou vinculada a um sistema pessoal de referências. Se alguns desses limites de acesso vêm, muito lentamente, sendo deixados para trás, o círculo que nos envolve dita suas determinações. Como buscar uma coisa que você não sabe que existe?

Uma viagem marca a quebra de paradigmas. Ao menos, uma viagem bem usufruída. O lugar é outro, o tempo se faz outro, o novo reclama atenção. O conhecido ato de passear por livrarias se transforma em experiência inusitada: destinada a outro público, é diversa a produção ali exposta, por vezes é diverso o idioma, e serão outras, inevitavelmente, as vozes que nos chamam. A célebre frase atribuída a Picasso — “Eu não procuro, eu acho” — tem aqui o seu valor.

O que achamos em recente viagem à Patagônia? O roteiro começou em Ushuaia, na Argentina, onde chegamos à livraria local procurando pela obra de Bruce Chatwin, **Na Patagônia**. Entre as edições inglesa e argentina, optamos pela primeira, em função do idioma original e da capa gráfica, a evocar as cores da paisagem natural. Atentas aos chamados amorosos, fomos encontradas pela belíssima edição de **Bambi, una vida en el bosque**, ilustrada por Benjamin Lacombe, com prefácio do filósofo Maxime Rovere. Trazer este volume pedia ponderação, em razão do preço e do peso que representaria na bagagem.

Não resistimos. A obra de Lacombe é luxuriante, tem páginas rendilhadas, folhas triplas que se abrem em amplo quadro de seis páginas; os desenhos são elaborados, com predominância de uma expressão *art nouveau*, junto a pinturas monocromáticas a *crayon*, em contraste com guaches exuberantes. A par de uma linguagem tradicional, Lacombe tem, na exploração de *frames*, um diálogo evidente com o cinema e com

produções contemporâneas, nas quais a ilustração toma a si parte da narrativa, em lugar do discurso verbal. Ainda da Boutique del Libro, trouxemos um livreto de Alan Pauls sobre criação literária: **Fallar otra vez**, um anúncio a favor da escrita imperfeita, em convite a fazer da falha um exercício perpétuo e original.

Em Puerto Natales, Chile, uma loja de produtos típicos abrigava um pequeno canto com livros. De lá vieram, **Pikinini**, **El calafate** e **Gabriela, la poeta viajera**. Surpresa bem significativa, essa loja. Entre camisetas, peças para adorno doméstico ou pessoal, pequenas telas, ímãs de geladeira, lá estavam livros de qualidade surpreendente, itens que — supõe-se — não seriam encontrados em meio aos *souvenirs*. E foi lá, na tímida e competente livraria, que nos demoramos mais tempo, e de onde veio também grande fruição. Se Lacombe é um nome já admirado, e **Bambi** um clássico, cuja referência visual se faz reinventada na edição que nos chegou às mãos, o mesmo não acontece em relação às autoras e aos autores das demais obras. Os projetos, no entanto, revelam um imaginário local e histórico dos mais ricos e instigantes.

Gabriela, la poeta viajera, de Alejandra Toro, com ilustrações de Isabel Hojas, integra a Lista de Honra do International Board on Books for Young People, além de distinção recebida do Banco del Libro, da Venezuela. Síntese da vida de Gabriela Mistral, a obra tem foco em suas constantes viagens, como professora de zonas rurais no Chile, ou como embaixadora da cultura de seu país. A ilustração em aquarela toma o texto caligráfico como componente chave, em construção similar a uma textura, na qual se pode perceber um subtexto verbal, em claro diálogo com as próprias linhas de vida da poeta.

As linhas estilizadas de grafismos primordiais, característicos de povos originários da região que, posteriormente, se configurou como América do Sul, são a base das ilustrações de Paloma Valdivia para o texto de Ana María Pavez e Constanza Recart. **El calafate: cuento basado en una leyenda aónikenk** relata a história da avó que não consegue mais acompanhar a tribo em seu deslocamento sazonal, e, apesar dos esforços contrários da família, se deixa ficar em sua tenda. A relação com a neta é especialmente es-

treita e, na volta do povo à aldeia, será ela a descobrir que, onde estaria a avó, há agora uma árvore, que tempos depois frutificará.

A importância dos ancestrais e o reconhecimento de uma jornada cultural configuram esse conto de origem, que traduz nos tons e padrões das estamparias uma história a preservar. O glossário ao final, detalhado no desenho e no texto verbal que o acompanha, permite identificação e respeito com a história precedente da humanidade.

O compromisso que impõe a necessidade de não permitir a repetição de injustiças e crimes, que marcaram o processo de colonização, mostra-se patente em **Pikinini**. Em coragem incomum, Raquel Echenique ilustra a narrativa de José Miguel Varas, jornalista e escritor, que tomou o testemunho de dona Clementina Fidret Bonard, em 1958, na cidade chilena de Punta Arenas. A narrativa em primeira pessoa não economiza nas tintas dramáticas para relatar a selvageria com que os Onas ou Selkman foram tratados até o extermínio. Também a ilustradora não poupa os olhos de quem lê do mar de sangue sobre a terra da Patagônia, fosse do lado chileno ou argentino.

A compartimentação em ilustrações sequenciais, em uso semelhante ao de Lacombe, confere um tom narrativo diferencial, em que a paleta de cores em tons terrosos sublinha o impacto do azul — usado principalmente para as roupas dos colonos e os ambientes dominados pelo branco — e do vermelho, sangue vertido que contamina toda a terra. Uma Patagônia feita de sangue.

Uma viagem marca a quebra de paradigmas, dissemos. Encontramos, nessa viagem, uma paisagem natural deslumbrante, livros que *narram e poetizam o mundo, que o vertem em perplexidade, náusea, anseio e deslumbramento...* A paisagem se fazia anunciar, embora em pequenas porções, por fotos e anúncios turísticos; os livros, porém, foram *achados*. Sem se mostrarem previamente em nossas ferramentas usuais de busca, chegamos a eles por meio da presença mútua em um mesmo lugar.

Não voltamos para casa da forma como partimos. A paisagem de fotos ou cartões-postais desfaz-se em palidez em face da visão direta, cara a cara com o glaciar. E os livros, bem, os livros são parte dos chamados amorosos. Que paradigmas resistem ao amor ou ao deslumbramento? O que nos diz, você, leitora, leitor? Que livros têm te levado a escutar esses chamados e por eles se deixar guiar? **📖**

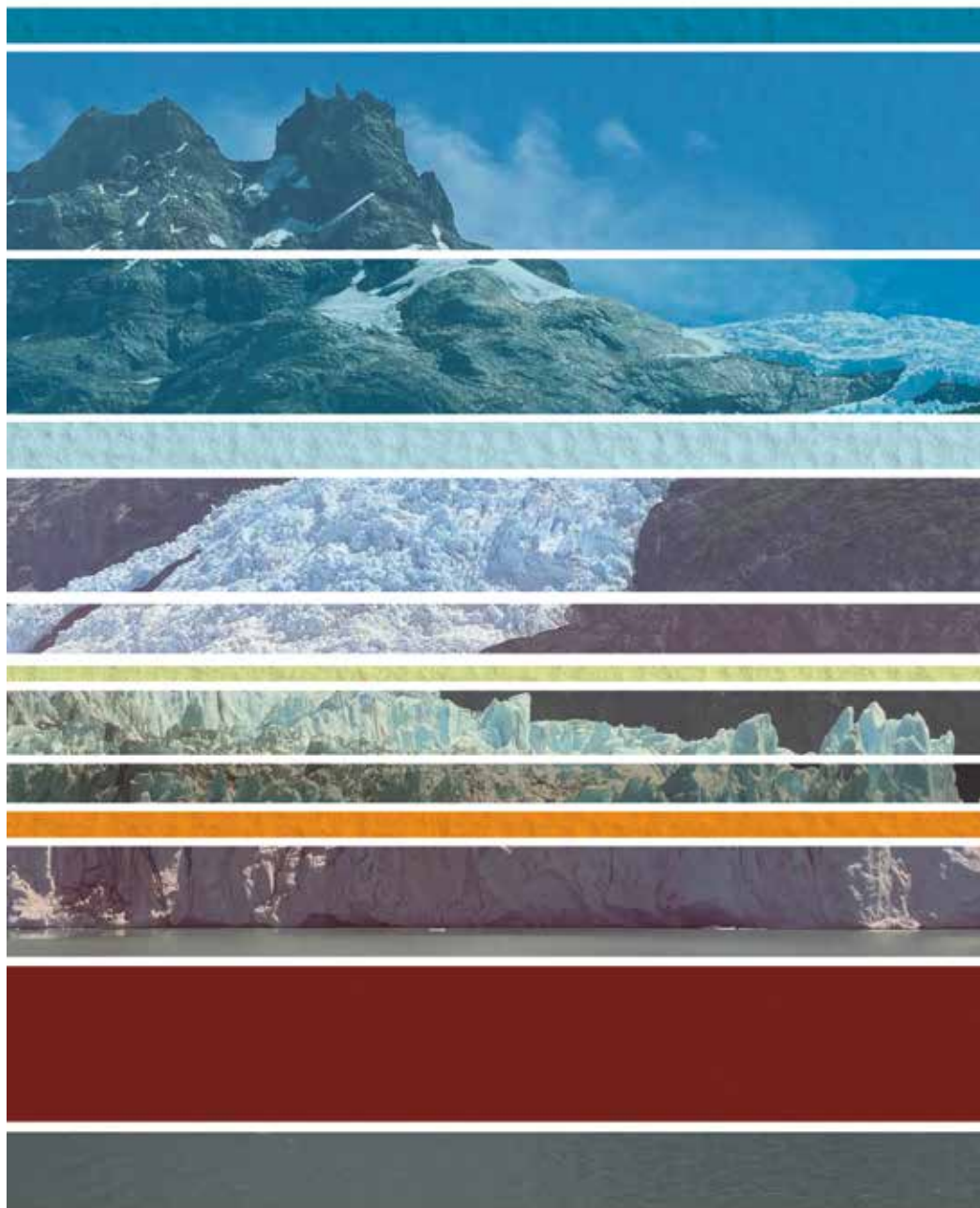


Ilustração: Maíra Lacerda

rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs

Versões reúne contos de alguns dos maiores escritores latino-americanos, adaptados em HQs desenhadas pelo mais importante quadrinista do continente: Alberto Breccia. Com a ajuda de Carlos Trillo e Juan Sasturain, dois grandes roteiristas argentinos, Breccia adapta histórias célebres de autoria dos gigantes Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Alejo Carpentier, Juan Carlos Onetti e Horacio Quiroga. O resultado em *A galinha degolada*, de Quiroga, por exemplo, é considerado por muitos o ápice de Breccia. **Versões** é um livro aclamado como um monumento na história dos quadrinhos e um delicioso passeio pela literatura latino-americana do século 20. Alberto Breccia nasceu em 1919, no Uruguai, e se mudou com a família para os subúrbios de Buenos Aires aos três anos de idade. Nos anos 1950, começa a colaborar com quadrinhos para a editora Fronteira Editorial, então dirigida pelo roteirista Héctor G. Oesterheld, que iniciava uma revolução nos quadrinhos argentinos. Com Oesterheld, Breccia produziria alguns de seus trabalhos mais famosos, como **Mort Cinder** (Figura, 2019), **O Eternauta 1969** (Comix Zone, 2020) e **Che** (Comix Zone, 2021).

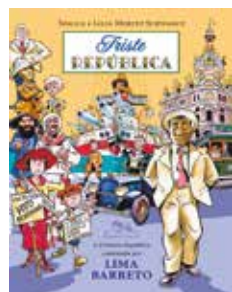


Versões

ALBERTO BRECCIA,
JUAN SASTURAIN
E CARLOS TRILLO
Trad.: Marcelo Barbão
Veneta
80 págs.



REPRODUÇÃO



Triste República

SPACCA E LILIA MORITZ SCHWARCZ
Quadrinhos na Cia.
196 págs.

O cartunista Spacca e a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz narram o nascimento e as contradições da Primeira República através do olhar de um dos principais escritores brasileiros de todos os tempos: Lima Barreto (1881-1922). Guiados pela narrativa da vida desse personagem fundamental, autor do clássico **Triste fim de Policarpo Quaresma**, nasce a República brasileira, carregada de marcas autoritárias, num “mundo em que a cor atua como marcador e discriminador social”. Escritor militante, como ele mesmo se definia, Lima Barreto professou ideias políticas e sociais à frente de seu tempo, com críticas contundentes ao racismo (que sentiu na própria pele), aos estrangeirismos e outras mazelas crônicas da sociedade brasileira. Em **Triste República**, Spacca e Lilia Moritz Schwarcz — autores de **As barbas do imperador** e **D. João Carioca** — voltam a contar a história do Brasil em quadrinhos, desta vez investigando a Primeira República e prestando um tributo a um dos maiores prosadores da língua portuguesa de todos os tempos.



Demônio na floresta

LEIGH BARDUGO E DANI PENDERGAST
Trad.: Isadora Helena Prospero
Planeta Minotauro
208 págs.

Leigh Bardugo é autora best-seller do *The New York Times* de romances e contos de fantasia. Ficou mundialmente famosa por sua série **Grisha**. Agora está de volta a esse universo com a *graphic novel* **O demônio na floresta**, que conta com as ilustrações de Dani Pendergast. Bardugo narra o início do que se tornaria o Darkling, um dos personagens mais complexos da série. Aqui, Ravka ainda não foi liderada pelo Segundo Exército, e a Dobra das Sombras ainda não existe. Mas existe um garotinho, muito antes de se tornar o Darkling. Aliás, Eryk tem um poder extraordinário, que o torna solitário e oprimido. Ele e a mãe, Lena, só sabem fugir em busca de um refúgio que nunca encontram. Afinal, eles são os mais raros e perigosos Grishas. Entretanto, isso significa que muitos querem explorar esses dons e, portanto, Eryk e Lena escondem os poderes de todos.

Isadora Moon faz aniversário é o segundo volume da série britânica que tem como protagonista a Isadora Moon do título. Com mais de 3,5 milhões de exemplares vendidos no mundo, já foi traduzida para 36 línguas. A mãe de Isadora é uma *fada* e seu pai, um *vampiro* — e a menina é um pouco dos dois. Ela adora a noite, morcegos e sua saia de balé preta, mas também ama a luz do sol, sua varinha mágica e o Coelho Rosa, seu fiel companheiro de aventuras. Desde que começou a frequentar uma escola humana, Isadora já foi a várias festas de colegas — e amou. Quando o seu aniversário se aproxima, ela não quer uma festa à moda dos vampiros e nem à moda das fadas, mas uma igualzinha a de seus amigos.



Isadora Moon faz aniversário

HARRIET MUNCASTER
Trad.: Caroline Chang
L&PM
128 págs.

Neste livro-poema, Sofia Mariutti e Yara Kono criam novos significados para palavras e expressões e, dessa forma, provocam o leitor a pensar um novo universo de formas e sentidos — algo natural para toda criança. Afinal, por que uma faixa de pedestres não pode ser uma zebra? E uma pinta na palma da mão, uma pintura? Editora, tradutora, poeta e mestra em língua e literatura alemã, Sofia Mariutti é autora também da compilação de poemas **A orca no avião**. **Vamos desenhar palavras escritas?** é o seu primeiro livro infantil.



Vamos desenhar palavras escritas

SOFIA MARIUTTI
Ilustrações: Yara Kono
Companhia das Letrinhas
40 págs.

Por causa da crise econômica, Luana não poderá ir à praia com a mãe. Mas o amigo André faz um convite especial: passar as férias escolares no sítio do avô argentino, que mora no Brasil. Serão dias repletos de aventuras em contato com a natureza, e o aparecimento de um livro misterioso, escrito pelo avô para o filho na época da ditadura na Argentina e no Brasil, vai mostrar por que a economia e a política fazem parte da vida dos adultos e também das crianças. Ao longo da narrativa, os autores demonstram na prática conceitos como democracia, ditadura, eleições e governos.



Dicionário fácil das coisas difíceis

DÉBORA THOMÉ
E LUCIO RENNÓ
Jandaira
112 págs.

A vida de Ella Brook parece normal, mas ela e a família guardam um segredo muito especial: mamãe é uma fada! E, quando tiver idade suficiente, Ella também será uma. Enquanto isso, a garotinha é uma fada-na-fila-de-espera que sempre ajuda a mãe quando uma coisinha ou outra dá errado com os feitiços. Neste volume de **A fada mamãe e eu**, as aventuras de Ella e da Fada Mamãe incluem carros voadores, panes mágicas, sapatilhas encantadas de balé e até um belo unicórnio... na cozinha.



A fada mamãe e eu — Desejos de unicórnio

SOPHIE KINSELLA
Galera Júnior
176 págs.

Bullying, apoio familiar e aceitação são alguns dos temas tratados pelo autor francês Marc Majewski em **Criança-borboleta**. O livro narra a história de um garoto que adora se fantasiar de borboleta e sair pelo bairro, rodopiando e batendo suas asas. Mas nem todos os colegas entendem sua brincadeira e o excluem. Com a ajuda do pai, ele vai ganhar forças para se reestabelecer e superar o preconceito. A história é autobiográfica, pois o próprio autor, ao se sentir rejeitado na infância, teve o incentivo do pai para não deixar a própria essência de lado e a construir seu caminho.



Criança-borboleta

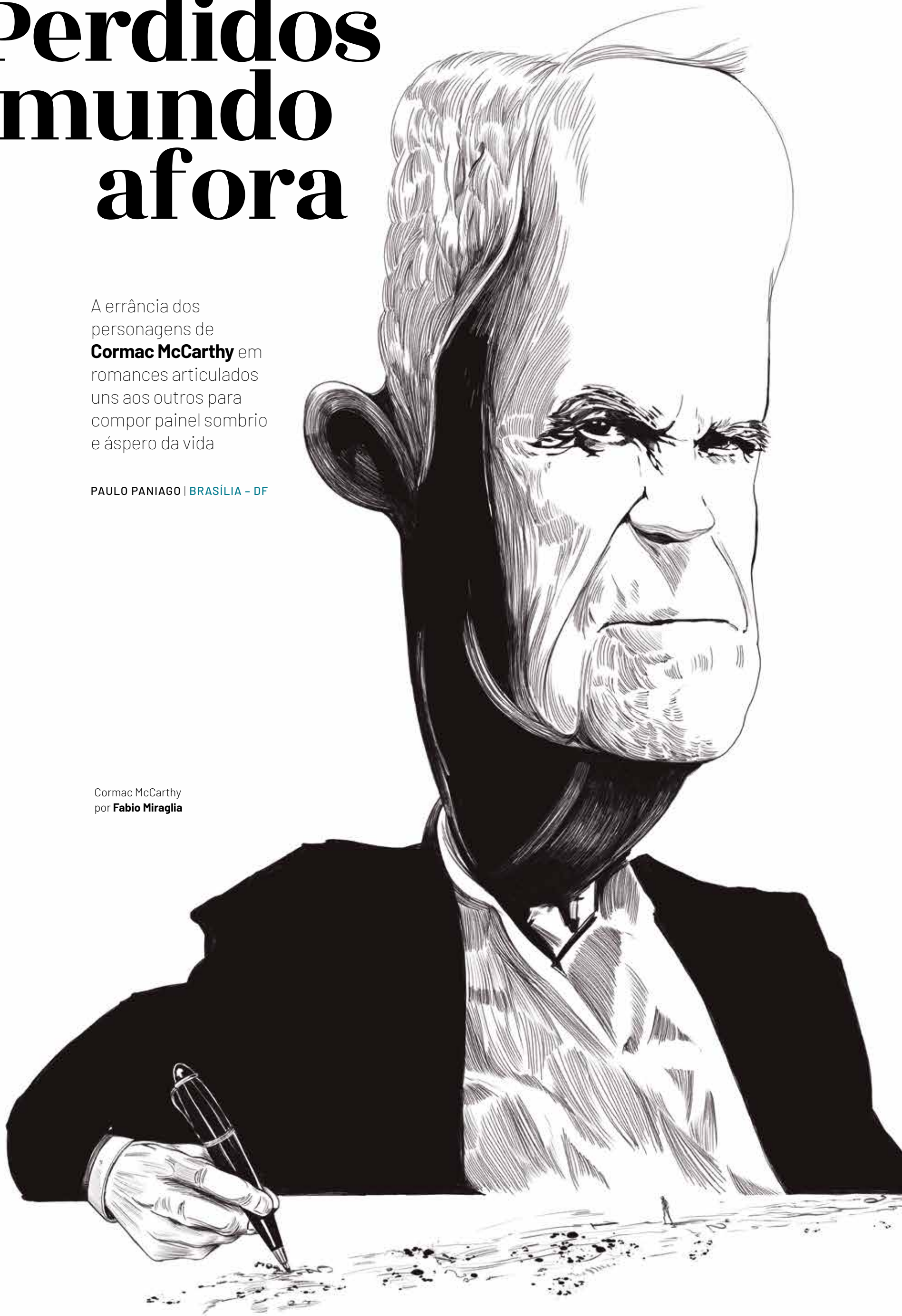
MARC MAJEWSKI
Trad.: Thaise Macêdo
VR
48 págs.

Perdidos mundo afora

A errância dos personagens de **Cormac McCarthy** em romances articulados uns aos outros para compor painel sombrio e áspero da vida

PAULO PANIAGO | [BRASÍLIA - DF](#)

Cormac McCarthy
por **Fabio Miraglia**



Trios e duos. O norte-americano Cormac McCarthy parece gostar de combinações de números e uma nova edição do livro central da *Trilogia da Fronteira* acaba de ser lançada. Trata-se de **A travessia**, que junto com **Todos os belos cavalos** e **Cidade das planícies** (este, esgotado há tempos) fecha a conta. Mas se o Meio-Oeste norte-americano — misturado a alguns cenários áridos do México — dá forma a uma trilogia em que a errância rege e confere o tom, o duo composto por **O passageiro** e **Stella Maris** parece abrir uma nova frente de trabalho importante na obra do escritor, quase sempre apontado como um dos grandes nomes da prosa dos Estados Unidos, o que não deixa de carregar certo exagero. É uma obra toda cheia de articulações, isso sim, como essa preocupação com números parece transparecer.

Por exemplo, o que mais sobressai em **A travessia** é a atenção minuciosa a detalhes, uma prosa meticulosamente realista, que acompanha a trajetória de um garoto de dezesseis anos, Billy Parham, do Novo México, nos Estados Unidos, até o México propriamente, em ida e volta várias vezes, a pretexto de lhe contar a predisposição para a errância.

Billy mora numa fazendola da família com pai, mãe e o irmão mais novo, Boyd. Tudo bem, há um lobo à solta que ataca o gado e é preciso capturá-lo. Mãos à obra, pegam-se armadilhas emprestadas de um vizinho, mas o lobo é esperto demais e leva bastante tempo até cair numa das armadilhas. Ou melhor, loba, feminino, porque entre os rastros e pegadas do animal na neve é possível vislumbrar sinais das tetas, indicação de que está grávida. Leva-se um tempo razoável até a captura. E então, do nada, o garoto decide que vai levá-la de volta ao México, de onde ela deve ter vindo. Sem comunicar nada a ninguém, claro, é uma espécie de decisão súbita fruto de epifania, do tipo que muda a vida de alguém para sempre. A decisão, no caso, pela errância.

Ele se torna subitamente aqueles caubóis que você vê nos filmes de faroeste, dormindo à noite em torno de uma fogueira, com o cavalo por perto, enrolado em manta. E no dia seguinte cavalga. Homem e cavalo meio que se tornam a mesma entidade. Se a loba estava perdida muito além das fronteiras, agora é Billy quem parece mergulhar num mundo estranho. Embora ele fale espanhol muito bem, não é a língua o problema de fundo, veja bem. A avó era mexicana e ele cresceu falando espanhol, que aliás está salpicado o tempo todo pelo livro.

Um velho que encontra pelo caminho lhe diz para interromper as perambulações, porque poderiam virar paixão “e por essa paixão se apartaria dos homens e por fim de si mesmo”. É uma espécie de profecia, porque é justamente o que vai acontecer com Billy. Quando ele volta para casa, os pais morreram e o irmão o aguarda. Eles agora voltam juntos ao México, à procura dos cavalos que foram levados com o assassinato dos pais. Mas é só pretexto para mais errância. A certa altura o que se percebe é que McCarthy está interessado no conteúdo das narrativas: “Todas as histórias são uma só”. As diferenças do mundo, ou das pessoas nele, se reduzem à mesma similaridade. Nas idas e vindas, Billy chega a tentar se engajar na Segunda Guerra, mas é recusado três vezes por três médicos distintos em três cidades diferentes, por ter um descompasso no coração que o inabilita para o recrutamento. A última vez que volta ao México é para trazer de lá os ossos do irmão mais novo, Boyd. É a primeira vez que encontra o que procurava: “Mas não tenho a menor dúvida de que não é o que eu queria”. Há uma tristeza comovida nesse personagem em constante deslocamento, que se reflete num deslocamento que sente em relação ao entorno, uma inquietação permanente e incômoda que transparece o tempo todo, embora nunca se saiba o que vai pelo interior das personagens, a não ser aquilo que se justifica pelos diálogos esparsos. O que se sabe é o que fazem, as ações, gestos.

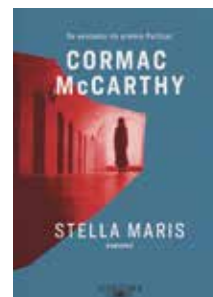
Tristeza infinita

Por isso, é curiosa a forma como a *Trilogia da fronteira* se articula com o díptico composto por **O passageiro** e **Stella Maris**. Porque o primeiro volume do duo parece guardar algo dos livros da trilogia, a errância como fundamento, o realismo descritivo como técnica. Embora ele tenha, no início de cada capítulo, um começo de estranhas conversas grafadas em itálico, e que o leitor demora a entender bem do que se trata. **O passageiro** conta a história de um mergulhador, Robert, ou melhor, Bobby Western, especializado em salvamento, isto é, qualquer carga que tenha se perdido no fundo do mar, ou de rio, vai contratar a empresa para a qual Bobby trabalha e ele entra em ação. É algo perigoso, mas um perigo controlado. Sabe-se que Bobby tem tendência a gostar de atividades arriscadas, correu de carro na Europa, acidentou-se, ficou em coma por um tempo. Sabe-se que Bobby é apaixonado pela irmã mais nova, Alicia, que é muito bonita e foi matemática, mas está envolvida demais com a própria lou-



O passageiro

CORMAC MCCARTHY
Trad.: Jorio Dauster
Alfaguara
392 págs.



Stella Maris

CORMAC MCCARTHY
Trad.: Cássio de Arantes Leite
Alfaguara
184 págs.



A travessia

CORMAC MCCARTHY
Trad.: José Antonio Arantes
Alfaguara
408 págs.

O AUTOR

CORMAC MCCARTHY

Nascido em Providence, Rhode Island (Estados Unidos), em 1933, Cormac McCarthy passou quatro anos na Força Aérea e depois estudou artes na Universidade do Tennessee. Um de seus livros, **Onde os velhos não têm vez**, foi adaptado ao cinema pelos irmãos Ethan e Joel Coen, com o título em português *Onde os fracos não têm vez*. Aveso a entrevistas, McCarthy acumula prêmios importantes, como o National Book Award e o National Book Critics Award. Em 2007, ganhou um Pulitzer por **A estrada** (também transformado em filme).

cura (o que explica as conversas estranhas no início dos capítulos, são as conversas da irmã com as alucinações). E agora sabe-se que Bobby se envolveu numa história estranha, depois de mergulhar para ver o que se salvava num avião que caiu no mar e percebe que falta um passageiro e talvez seja ele quem tenha provocado o acidente, porque falta também a caixa-preta do avião e os planos de voo. A partir daí, a vida de Bobby muda a ponto de parecer que nada mais dará certo e ele nem sabe exatamente quem está mexendo os cordames para assegurar isso, se FBI, CIA, ou talvez coisa pior, ou ainda pior do que pior: apenas a própria paranoia. O fato é que ele precisa sair do radar e também inicia uma trajetória de errância e tristeza infinita, outro ponto de articulação entre as obras, além do realismo empedernido e aparentemente superficial.

O que tira o risco de cena, no caso do autor, é o domínio em que ele quer se mostrar competente, o de escavar as profundezas humanas, mesmo revelando tão pouco, na aparência, ao fingir permanecer na superfície. Nesse sentido, **O passageiro** é livro bastante competente, também minucioso, está tudo certo, tudo na linha do que vinha acontecendo até agora em se tratando de um romance de Cormac McCarthy. Um pouco de estranheza com as passagens em itálico, vá lá, mas ainda assim um McCarthy clássico, dentro da cartilha, que discorre a respeito de personagem errante, tristonho, macambúzio, curtido pelas adversidades do caminho.

A coisa muda de figura, e muda radicalmente, com **Stella Maris**, de longe o melhor dos três livros e sozinho um dos melhores que McCarthy escreveu. Literatura de alto padrão e talvez um dos grandes livros que ele jamais escreveu ou conseguirá escrever de novo. Se alguém sinalizava que o escritor pertence a estirpe dos grandes romancistas norte-americanos, com esse livro sozinho pode cravar: está correto. Aqui acabou a errância, pelo menos no sentido mais trivial de mobilidade. Se **O passageiro** acompanha a versão de Bobby dos acontecimentos, **Stella Maris** é o ponto de vista de Alicia, e o impressionante é como as diferentes abordagens ajudam a iluminar certos pontos escuros de um e de outro dos livros. O título faz referência a uma instituição psiquiátrica em que Alicia, por livre e espontânea vontade, se faz internar pela terceira vez, aos vinte anos de idade, no estado de Winsconsin. Vinte, é isso mesmo, ou seja, muito jovem. Mas com uma história cabulosa de inteligência e tristeza.

O que o livro tem são as aparentes transcrições das fitas de sete sessões de Alicia com um psiquiatra, o doutor Michael Cohen, em que falam a respeito de tudo, tudo mesmo, o que importa. E se existe uma tradição romanesca de pacientes a conversar no divã (lembram-se do clássico de Philip Roth, **O complexo de Portnoy**, do fim dos anos 1960?), esse aqui chega com vontade de desbancar os demais. Trata-se de um longo diálogo de forças conflitantes, em que Alicia é claramente a mais inteligente dos dois, mas assolada por paranoia esquizofrênica, como diz o prontuário de internação. Ela tem alucinações visuais, seria algo a ser dito, do ponto de vista formal. Ou melhor, teve, no passado. Mas a definição que dá para o que vê ganha outros nomes. Por exemplo, o doutor Cohen fala em espíritos familiares, enquanto ela chama a trupe que lhe aparece de as hortas. Entre as personagens com as quais interage está um anão nomeado Kid Talidomida, por ser um anão (Alicia corrige o doutor todas as vezes, ao preferir o politicamente correto gente pequena) deformado, que em vez de braços tem barbatanas. Para gerações mais jovens, talvez seja necessária uma explicação lateral aqui, ou seja, dizer que talidomida foi medicamento para enjojo de grávidas que resultou em efeitos colaterais danosos: crianças que nasceram sem alguns membros do corpo, nos anos sessenta e setenta do século 20. E que demorou mais do que devia para ser banido do mercado.

Alicia estava no doutorado, sim, com parcos dezessete anos e antes de abandonar a instituição mais careta que é a academia para trocá-la pela clínica para lunáticos. Alicia estudava topologia, a teoria dos topos (faça um teste, leitor, digite essa expressão na Wikipedia e tenta entender o que está escrito ali, se faz favor). O criador dessa teoria, o matemático alemão naturalizado francês Alexander Grothendieck, teria sido um dos chapas e coleguinha de Alicia, antes de ele também se afastar da matemática. Ela, entre outros motivos, porque a tese que escreveu prova três problemas na teoria dos topos e depois passa a demolir o mecanismo das demonstrações, o que coloca em xeque inclusive o que fundamenta a teoria e os problemas que tenta provar. Não é brincado.

Quando o doutor Cohen pergunta a ela se está decepcionada com a matemática, ela responde que esse seria um modo de dizer. O que aconteceu?, o médico quer saber.

“Fui influenciada por um grupo de equações diferenciais parciais malignas aberrantes e totalmente maliciosas que conspiraram para usurpar sua própria realidade dos circuitos questionáveis do cérebro de seu criador de um modo não muito diferente da rebelião descrita por Milton e para hastear as cores de sua bandeira como uma nação independente que não presta contas nem a Deus nem ao homem”, ela responde. “Algo nessa linha.”

A coisa muda de figura, e muda radicalmente, com **Stella Maris**, de longe o melhor dos três livros e sozinho um dos melhores que McCarthy escreveu. Literatura de alto padrão e talvez um dos grandes livros que ele jamais escreveu ou conseguirá escrever de novo.

TRECHO

A travessia

Sim, fala dele. Conta o que você quiser que conte. Conta o que faz o conto ser recontado. O corrido é a história do homem pobre. Não tem a obrigação de ser fiel às verdades da história, mas às verdades dos homens. Conta o conto do homem solitário que são todos os homens. O corrido acredita que onde dois homens se encontram uma de duas coisas ocorre e nada mais. Num caso nasce a mentira e no outro a morte.

TRECHO

O passageiro

Western pôs a mão em cima do copo. O amigo alto sorriu. Você não me leva a sério. Mas ainda vou falar por um tempo. Talvez você seja apenas um colecionador de tristezas. Esperando que subam os preços no mercado.

Não sou triste, John.

Bem, você é alguma coisa. O quê? Um estudo sobre remorso? Isso é clássico. O fundamento da tragédia. A alma do drama. Enquanto o sofrimento é somente o tema.

Não tenho certeza de que entendo o que diz.

TRECHO

Stella Maris

A gente fala só pra gravar o que está pensando. Falar não é a coisa em si. Quando converso com você uma parte separada da minha mente compõe o que estou prestes a dizer. Mas não ainda na forma de palavras. Então na forma de quê? Sem dúvida não existe nenhuma sensação de um homúnculo sussurrando as palavras que estamos a ponto de dizer. Excetuando o espectro de uma regressão infinita — do tipo quem está sussurrando para o sussurrador —, isso toca na questão de uma linguagem do pensamento.

Perceba, o que acontece é que se está diante de uma inteligência superior, muito superior, capaz de ser genial e enlouquecida (uma coisa não exclui a outra, bem entendido, e loucura é um dos riscos colaterais de ser gênio, todo mundo sabe) e ainda humorada, um tipo de humor muito refinado, porque é capaz de rir da própria desgraça. Quando o psiquiatra lhe pergunta que outra coisa ela gostaria de ter feito, se não fosse a matemática, ela dá resposta sucinta: “Morrido”. Agora, para se criar uma personagem com esse nível de inteligência e refinamento, é preciso ser ainda mais inteligente e refinado, o que leva de volta à questão a respeito do passo além que esse livro pode representar na trajetória literária de McCarthy.

Questões importantes

Entre outras façanhas, o livro passa em revista testes psiquiátricos (o Stanford-Binet, por exemplo), as teorias matemáticas em andamento (teoria dos jogos, topologia, o modo como Wittgenstein atrapalhou os projetos de muita gente, a teoria do maço de fibras), engloba filosofia, ideias suicidas, música (o violino Amati em que ela investiu grande parte da herança recebida e os desdobramentos decorrentes disso e de ou-

tros fatores), enfim, uma série de questões importantes, discutidas de maneira competente e densa, mas não menos dramática e sensível. Por exemplo, as implicações de o pai dela ter sido um dos físicos que trabalharam com Oppenheimer no Projeto Manhattan. “Quem não percebe que o Projeto Manhattan é um dos eventos mais significativos da história humana não está prestando atenção”, arrisca a paciente. Ao lado do fogo e da linguagem, acrescenta.

Acontece que, não bastasse, Alicia nutre um amor não só fraterno pelo irmão, o que é mencionado e discutido no primeiro livro, mas tratado por Bobby de maneira meio rasteira, ou assim me pareceu. Talvez porque Bobby faça parte da obra descritiva, realista e fingidamente superficial de McCarthy. Mas agora que o leitor está aqui no divã junto com Alicia, não tem mais sentido qualquer tratamento superficial. Ela discorre, sem papas na língua, a respeito dos sentimentos e também dos impedimentos, o tabu do incesto, limitações sociais, convenções que afinal contiveram o irmão (ela não estava disposta a seguir os protocolos da civilização, ao contrário dele, e para certo desconforto do psiquiatra, que parece desolado e algo perdido em meio a tantas confissões, embora siga mantendo a pose).

No entanto, o peso maior é mesmo o de uma existência miserável e dramática e não só em decorrência das convenções. A inteligência em algumas pessoas, mais do que bênção, lembra far-do insuportável. Alicia tem ideias suicidas? Sim, e conversa também a respeito delas. No primeiro dos livros, sabe-se que Alicia acabou por se suicidar. Então o que se lê agora é a antessala do fato, o que é forma de uma obra anterior iluminar a outra (cronologicamente, a leitura deveria começar por **Stella Maris**). Quando o assunto aparece, ela diz a certa altura, como crítica ou como queixa, difícil definir, para o psiquiatra: “Seu mundo se sustenta numa coletividade de concordâncias”. E aí espicaça o que resta. Em prol do doutor Cohen é possível dizer que ele pelo menos está atento, preocupado, interessado na escuta (o que não se pode dizer de muitos de seus colegas). Até a respeito do momento em que raiva vira tristeza, na infância, é tema para eles. Alicia pensou a respeito do assunto e acha que sabe o motivo que faz essa conversão em crianças:

A injustiça que motiva o desespero é irremediável. E a raiva está reservada apenas ao que acreditamos que pode ser consertado. Todo o resto é tristeza. Chega uma hora em que elas percebem isso.

Por último, o fecho do livro é um dos mais pungentes que já li, embora o leitor saiba desde o anterior o que acontece (talvez por isso mesmo). Está num nível de desolação que poucos autores conseguem alcançar. Enfim, não há outra expressão para definir o resultado: obra-prima. **U**



luiz antonio de assis brasil

O CÂNONE NA MOCHILA

CONFISSÕES

1.

Bispo, santo, professor, teólogo, filósofo, Doutor da Igreja. Eis Agostinho de Hipona, autor de **Confissões**, escrita pelo ano 400. Suas qualificações podem levar ao pensamento de que se trata de uma obra piedosa, dedicada a cristãos-católicos que buscam o caminho da perfeição, que os levará aos céus. Não é assim. Para já, Agostinho teve uma vida que, na juventude, foi marcada por relações amorosas não sacramentadas, teve um filho, variou de pensamento filosófico — até que foi tocado pelo cristianismo e deixou-se batizar. Começava o homem que seria santo. Não importa, também, neste momento, seu pensamento teológico, polêmico em sua época, e que fica para os especialistas. Quero referir-me ao ser humano Agostinho, a partir do que ele mesmo escreve.

2.

Confissões é uma autobiografia, e pode ser considerada a primeira que o Ocidente conheceu. Eis o primeiro ponto de originalidade. Recuperar a própria vida em primeira pessoa, com toda a sinceridade, e dá-la para leitura alheia é coisa de quem sabe medir e avaliar tudo o que fez, inclusive as ações de que se arrepende, e essa não era a prática dos intelectuais, que tentavam afastar-se do eu, assumindo uma atitude catedrática, especialmente ao tratar de temas filosóficos. Alguns falaram de si próprios, mas apenas parcialmente e somente para argumentar, como o Cícero do **De senectute** [Acerca da velhice]. Assim, Agostinho é uma singularidade absoluta.

3.

O que proponho, na leitura de **Confissões**, é que nos abstenhamos de posições apriorísticas e intransitivas, como: “não acredito em Deus, portanto nada vale para mim”. Quanto a isso, cabe relevar dois dados: trata-se de grande literatura, magistral mesmo, tanto sob o aspecto linguístico como argumentativo — um encanto de narrativa e de sólida disposição das ideias; depois, é o exemplo da escrita de uma pessoa que acredita numa razão metafísica, e, assim, constrói sua vida — e eis aí uma atitude que está longe de frequentar o século 21, o qual anda à beira de retornar, ou já retornando, a ideias pré-iluministas. A propósito: Agostinho foi um iluminista *avant la lettre*, e sem o saber.

4.

Nosso autor pode ser considerado um dos primeiros “filósofos da existência”. Dentro dessa disponibilidade existencial, que já anunciava o livre-arbítrio, Agostinho estabelece um jogo muito moderno: dado que a existência me foi dada, sou responsável pelas decisões que tomo. Nada mais simples, nada mais complexo, pois implica reconhecer-se como um ente único perante as circunstâncias da vida. As atuais doutrinas de autoajuda ficam a repetir essa ideia como se tivessem descoberto a roda.

5.

Dado tudo isso, cabe, agora, ver do que trata essa autobiografia. A coluna central que a sustenta é o caminho que levou Agostinho à fé cristã que ele decide aceitar; mas atenção: esse caminho foi de longa humanidade, e ele se julga no dever de consciência de relatar sua vida desde que era bebê, e não me lembro de outro texto autobiográfico que comece no berço, e eis aí mais outra originalidade, que nos deixa intrigados, pensando até que estamos perante uma peça literária experimental do nosso século.

6.

A conduta narrativa é de um homem que já descobriu a graça, e que se diverte com o bebê que ainda não a conhecia:

Pouco a pouco ia reconhecendo o lugar onde me encontrava, e queria manifestar meus desejos às pessoas que deviam satisfazê-los, mas não conseguia, porque esses desejos estavam dentro de minha alma e elas estavam fora, e através de nenhuma percepção teriam podido penetrar no âmago de minha alma. E assim eu me debatia e gritava, exprimindo uns poucos sinais proporcionais aos meus desejos, como eu podia e de maneira inadequada. Se não me obedeciam, ou porque não me entendiam ou por medo de me fazerem mal, eu me indignava com essas pessoas grandes e insubmissas que, sendo livres, recusavam ser minhas escravas, chorando, eu me vingava delas.

Esta gênese emocional já indica o caminho de insubmissão de Agostinho.

7.

O seu itinerário pessoal mostra o homem voluntarioso e que não resistiu às tentações mais prementes da idade jovem: “Não obstante eu ser feio e indigno, apresentava-me, num excesso de vaidade, como pessoa elegante e refinada. Mergulhei então no amor em que desejava ser envolvido”. Depois: “Fui amado e cheguei ocultamente às cadeias do prazer; mas, na alegria, eu me via amarrado por laços de sofrimento, castigado pelo ferro em brasa do ciúme, das suspeitas, dos temores, das cóleras e das contendas”. Não cabe aumentar as citações que tratam desse aspecto, pois já entendemos tudo: Agostinho foi um ser humano que, em certo momento, revela, por exemplo, o gosto pelas paixões representadas no teatro, em que afirma ter se divertido e chorado com as tragédias dos amantes que se separavam.

8.

Agostinho pertence a uma vertente seminal, que depois seria partilhada por nomes como Pascal, Kierkegaard, Heidegger, Sartre, Clément Rosset, que se maravilhavam pelo simples fato de existirem, de estarem no aqui e agora, e, se Agostinho explicava esse fato pela existência da graça divina, já Pascal perturbava-se com o fato de estar aqui e não noutro lugar, sendo que Clément Rosset retoma a ideia da graça, mas nada divina, e inexplicável.

9.

O cerne “existencialista” do pensamento de Agostinho está aqui, em sua própria voz:

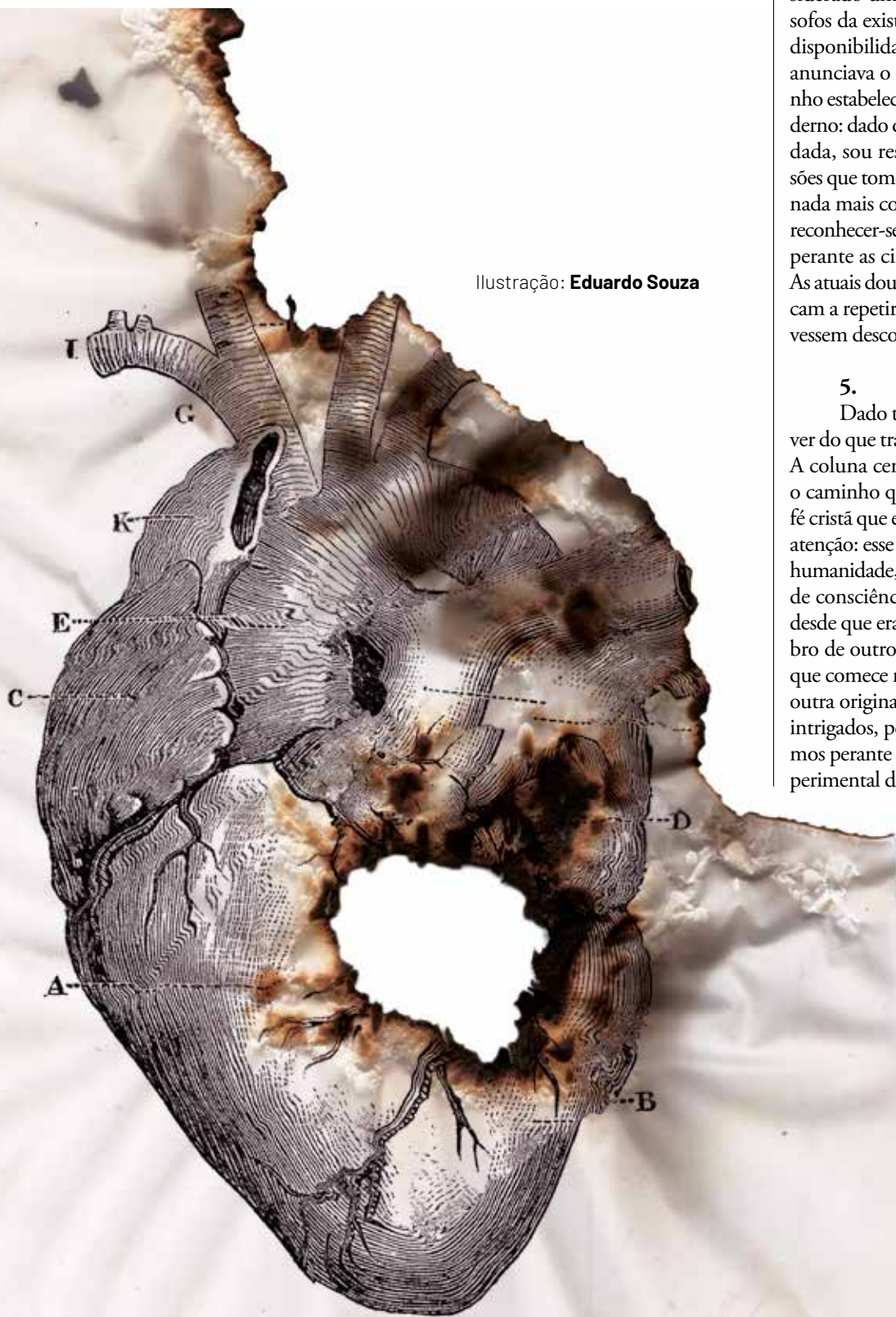
Nem tudo envelhece, mas tudo morre. Portanto, no exato momento em que nascem e começam a existir, quanto mais rapidamente crescem para o ser, tanto mais correm para o não ser. Tal é a condição que tu, Deus, lhes impuseste, por serem partes de coisas que não podem existir simultaneamente. São as coisas que, desaparecendo e sucedendo-se umas às outras, compõem o universo. Também assim se pratica a fala, através de sinais sonoros. E o discurso não seria completo, se cada palavra, depois de pronunciada, não morresse para deixar lugar a outra.

Este fragmento, brilhante pela sua precocidade, poderia ser assinado por um filósofo de século 20, e aqui penso, mais concretamente, no existencialista cristão Emmanuel Mounier ou, excluído o vocativo divino, pelo ateu já citado, Clément Rosset. Ou, fazendo uma aproximação mais linear, diria Pascal no século 17: “Tudo o que sei é que devo morrer em breve. O que, porém, mais ignoro é essa morte que não posso evitar”.

10.

Um pensamento tão vasto e complexo, uma obra igualmente vasta, da qual alguns pontos foram trazidos com pinças, pedem, é claro, uma leitura completa, sem preconceitos: ela nos revelará um homem único, profundamente sofrido e com o qual nos solidarizamos, pois nos sentimos ali representados em nossas fraquezas. E, como bônus, leremos uma obra soberba e atual. Realmente: se este livro não merecer a nossa mochila, nenhum mais merecerá. **1**

Ilustração: Eduardo Souza



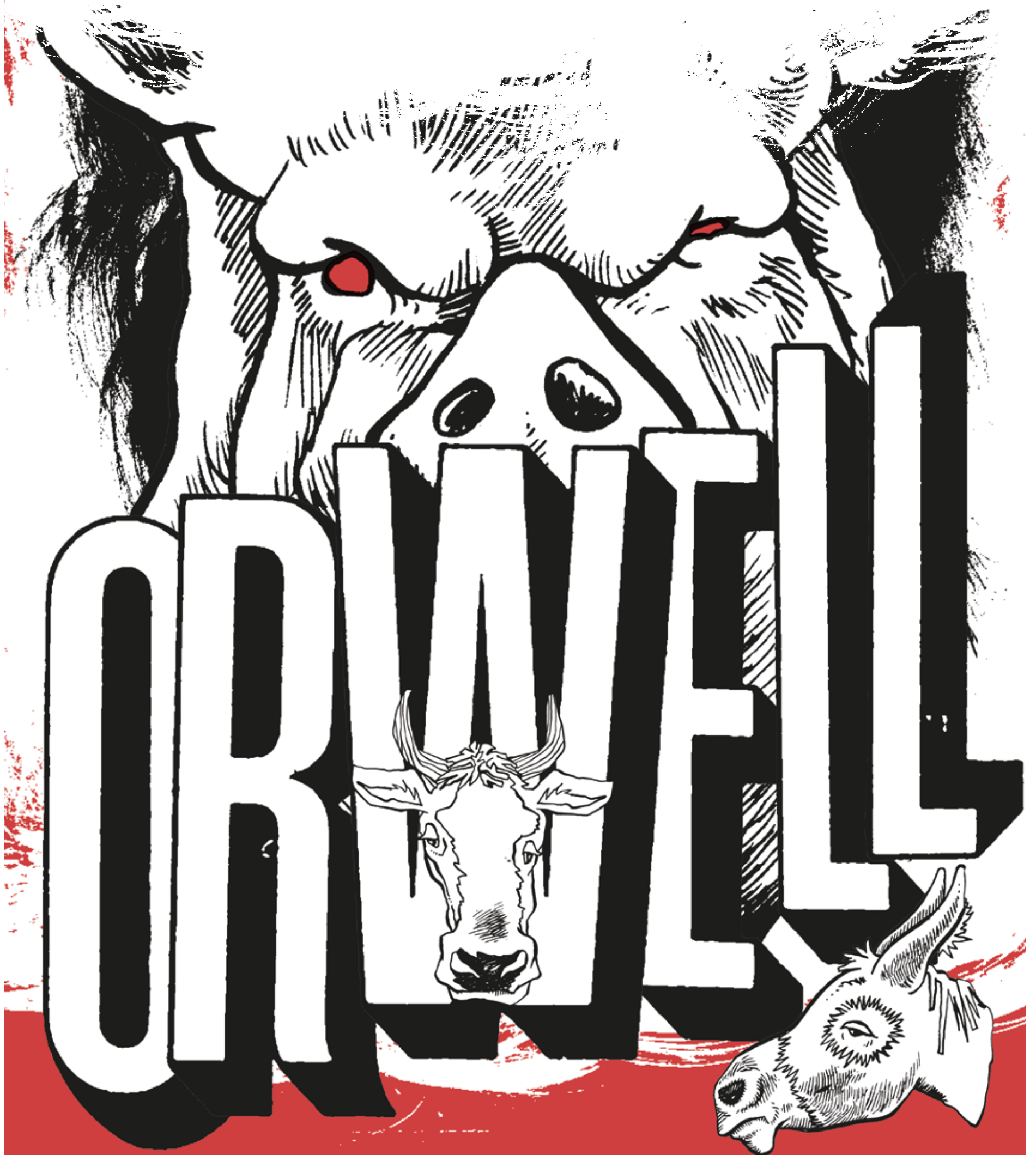
Revolução dos Bichos

O clássico de Orwell em uma edição exclusiva.

BAIXE
GRÁTIS



gazetadopovo.com.br/revolucaodosbichos



GAZETA DO POVO

Contos do inferno

Nas histórias absurdas de **Friday Black**, Nana Kwame Adjei-Brenyah elege demônios e zumbis para descrever o consumo exacerbado e o racismo americano

LUIZ REBINSKI | CURITIBA - PR

Os contistas não me levam a mal, mas é mais fácil encontrar bons romances do que bons livros de contos. Primeiro, pelo óbvio, porque há mais romances sendo editados desde sempre, é uma preferência do mercado editorial (e dos leitores?). Segundo, é bem difícil achar certa unidade em um livro com várias narrativas, às vezes com histórias e formatos bem diferentes — o que também pode ser um trunfo, mas apenas em exceções.

Por isso, quando encontro um grande livro de contos, faço questão de espalhar a notícia. **Friday Black**, estreia do norte-americano Nana Kwame Adjei-Brenyah, é uma reunião de narrativas curtas que empolga como os melhores romances. Publicado nos Estados Unidos em 2018, foi editado por aqui no final de 2022. E saiu por conta do esforço do tradutor Rogério Galindo, que apresentou o livro a várias editoras até que fosse publicado pela Fósforo.

Poderia começar falando de qualquer uma das 12 histórias (todas excelentes), que são diferentes entre si, mas ainda assim possuem a tal unidade que faz tão bem (na maioria das vezes) aos livros de contos. Então começo pelo começo. A primeira história, *Os cinco de Finkelstein*, é certamente uma das melhores do livro. É um conto forte, contestador e com uma fabulação incrível. Ainda assim, é narrado de uma forma muito sóbria. Tanto é que dei uma googleada para saber se a história não havia mesmo acontecido — porque parece e poderia ser real.

Nana (vou chamar o escritor assim, porque é o nome mais fácil que ele tem) relata o assassinato de cinco crianças perto de uma biblioteca por um homem branco chamado George Wilson Dunn. Ele decapitou as crianças com uma (pasmem!) motosserra porque “se sentiu ameaçado por jovens negros”, que ao invés de estarem lendo, estavam à toa fora da biblioteca.

Quem narra a história é Emmanuel, jovem e igualmente negro que busca um emprego e luta para driblar o preconceito diário a que é submetido — como ser seguido por seguranças no shopping, algo bem rotineiro no nosso Brasa também.

Todas essas histórias são permeadas por um espectro chamado racismo. Mas a habilidade de Nana é tamanha, que esse ele-



ALEX M. PHILIP

mento de crítica social é incorporado à narrativa de tal forma que é impossível chamar **Friday Black** de panfletário, na pior acepção da palavra. Ainda que o seja, na melhor acepção do termo.

O conto é o mais longo do livro e cheio de nuances. Como a “escala de negritude” que Emmanuel cria para cada situação vexatória que passa por causa da cor. Se está vestido como um *rapper*, o índice aumenta, assim como quando entra em algum comércio sozinho e de gorro. O desfecho injusto do julgamento do branco decapitador de crianças negras causa uma onda de revolta, e Emmanuel entra nessa e não se dá nada bem.

Ambiente opressivo

A questão racial perpassa também *O hospital onde*, em que um jovem negro tenta dar conta das idas e vindas a um hospital onde o pai está internado. O que guia a história é o pacto que o narrador, um aspirante a escritor, faz com uma entidade chamada “Deus de Doze Línguas”. “Ele tinha prometido que eu melhoraria nossa vida. Que eu poderia usar o poder que ele tinha me concedido para mudar as coisas.” “As coisas” não saem tão bem como o planejado e o conto termina de forma surpreendente, em uma espécie de dia de fúria do narrador.

Nana volta ao “sobrenatural” em uma história ao mesmo tempo divertida e deprimente. *Cuspindo luz* narra como Superballofo, um “solitário desagradável” que sofre bullying na universidade, mata uma colega com um tiro na cabeça e depois se suicida.

Os dois se reencontram no purgatório e o conto todo é um cabo de guerra entre Deirdra, a garota assassinada, e seu algoz. Ela acha que vai para um “bom lugar”, enquanto ele, que vai aos poucos se desintegrando, luta para não virar “um nada”. Os diálogos, mais uma vez de forma indireta, dão o tom do ambiente escolar opressivo nos Estados Unidos.

O conto-título, *Friday black*, é hilário, amedrontador e uma paulada no consumismo desenfreado dos Estados Unidos. A história se passa em uma loja de roupas no dia da maior promoção do comércio americano, a Black Friday.

Quem narra é o melhor vendedor da loja, que segue firme tentando bater “as metas” e se manter como o primeiro da equipe. Com um toque surrealista, os clientes são descritos como verda-



Friday Black

NANA KWAME ADJEI-BRENYAH
Trad.: Rogério W. Galindo
Fósforo
224 págs.

TRECHO

Friday Black

Num flash a anja e Superballofo estão de volta à Universidade de Ridgmore no banheiro acima do corpo do Superballofo, que está flácido e pálido sob a luz fluorescente, um buraco na bochecha, uma arma na mão inerte. O Cabo Grosso está no vaso. Paramédicos e a polícia estão em volta dele. Tufos soltos de papel higiênico bebem o sangue no chão. Um homem, uma mulher e mais um homem olham por cima do corpo.

O AUTOR

NANA KWAME ADJEI-BRENYAH

Nasceu em Spring Valley, Nova York (EUA). Já publicou em veículos como *New York Times Book Review*, *Esquire* e *Paris Review*. Selecionado por Colson Whitehead como um dos laureados da National Book Foundation “5 abaixo dos 35”, venceu também o prêmio PEN/Jean Stein Book.

deiros zumbis sedentos por calças, jaquetas e acessórios, que arrancam membros uns dos outros para conseguir os melhores produtos. É um ótimo conto, que tem a cara dos filmes de George Romero.

Os contos *No varejo* e *Como vender uma jaqueta, segundo o Rei do Gelo* têm a mesma temática. No geral, mostram como o capitalismo gera demandas e necessidades ilusórias e como isso afeta a mente das pessoas, que veem no consumo uma razão para viver. Tudo isso torna ainda mais impressionante o fato de **Friday Black** ter se transformado em um best-seller da famosa lista do *New York Times*.

Nana acaba de publicar nos Estados Unidos seu primeiro romance, **Chain-gang all-stars**, sobre duas mulheres negras tentando sobreviver no sistema carcerário privado. Torço, sinceramente, para que o romance seja tão bom quanto o grande livro de contos que ele escreveu. **U**

UM BRINDE NA PRIMAVERA

Ao acordar com o sino da igreja batendo, Ana nem chegou a contar as badaladas. Estava mesmo disposta a se levantar cedo. Sem ser por obrigação nem horários a cumprir. Nessa segunda-feira, tinha até vontade de festejar o campanário medieval que a despertava barulhento, logo ali, na exata altura da janela de seu quarto de hotel, do outro lado da viela estreita em que se sentira tão bem acolhida até mesmo pelas pedras centenárias. Queria a manhã inteirinha.

Já obedecera a uma agenda carregada nos últimos cinco dias. Agora, com o fim dos compromissos profissionais, pretendia aproveitar ao máximo os únicos momentos à toa disponíveis, na folga que se dera. Por isso comprara a passagem de trem para o meio da tarde, preferindo ter menos tempo livre na chegada a Roma e então se deslocar direto da Stazione Termini para o aeroporto. Mas garantia a si mesma umas horas descompromissadas para agora explorar as ruas e becos da cidade onde trabalhara tão intensamente durante uma semana. Podia sair logo e caminhar a esmo por seus becos estreitos ou suas calçadas cobertas de arcadas, entre palácios e casarões em todos os tons de terra, descobrindo pequenas praças, largos inesperados, fontes surpreendentes, fachadas revestidas de glicínias floridas.

Não pretendia fazer compras. Mas como se livrara da maior parte da papelada que trouxera, Ana sabia que havia lugar na mala para se dar o presente de uma eventual descoberta irresistível. E talvez o mercado ao ar livre que antes vislumbrara na vizinhança a tentasse com alguma delícia gastronômica transportável.

Nem sentiu o tempo passar. Quando deu por si, o estômago vazio lembrava que já era quase uma da tarde. Por sorte, estava perto do restaurante tão elogiado em que não conseguira lugar para jantar, por estar lotado nas duas tentativas que fez para reservar mesa. Mas agora, para um almoço de segunda-feira, quem sabe?

Deu sorte. Um jovem ajudante de garçom acabava justamente de fixar um cavalete junto à porta, anunciando o cardápio e confirmando que o *Buca San Pietro* estava aberto. Num sorriso que parecia espontâneo, o rapaz notou que ela diminuía os passos e lhe deu as boas-vindas, convidando-a a descer os degraus um tanto estreitos que levavam a um subterrâneo de teto abobadado e paredes de tijolinho aparente. Em uma delas, as estreitas janelas no alto davam para a rua, deixando ver os pés de algum eventual passageiro. Assim quebravam um pouco o fechamento daquele porão ou adega bem iluminado e convertido agora em amplo salão, com suas mesas cobertas por toalhas engomadas imaculadamente brancas, onde se dispunham louça clara, guardanapos em leque nos copos de pé e vasilhas com frésias coloridas à espera dos fregueses. Que ainda não haviam chegado.

No salão vazio, Ana foi encaminhada a uma mesa próxima à parede onde se situava a porta de entrada. Enquanto bebericava água e esperava pela meia garrafa do Sangiovese da casa, estudou o cardápio. Não queria nada complicado. Atenta à perspectiva de ainda ter pela frente uma viagem de trem a emendar com aeroporto e travessia aérea transatlântica, preferia não ter nada pesado no estômago. Escolheu um *antipasto* e uma massa leve. Ia se con-



ANA MARIA MACHADO

Ilustração: **Denise Gonçalves**



tentar com isso, mas percebeu nas sugestões do dia uns aspargos frescos à Bismarck. Depois de ouvir a descrição entusiasmada que lhe fez o garçom, deixou-se tentar pela perspectiva dos vegetais da estação com um ovo estalado por cima. Lembrou-se do pai, a dizer que não há refeição que não melhore quando vem coroada com um ovo frito. Sorriu para si mesma e achou que esse toque de primavera no prato não chegaria a comprometer sua escolha de uma refeição frugal.

Acabando de mordiscar um *grissini*, Ana percebeu que não estava mais sozinha no recinto. Enquanto estivera entretida com o cardápio, entrara mais alguém. Uma senhora de certa idade fora conduzida a uma mesa de canto, quase em frente à sua em diagonal, e agora dava instruções ao rapaz que a atendia. Alguns fios de cabelo grisalho lhe escapavam de um turbante bem definido sobre o rosto suave, quase sem maquiagem. Vestia um paletó de tweed sobre blusa e suéter, talvez agasalhada demais para o sol que brilhava lá fora, mas precavida para as surpresas climáticas da estação. De costas para a parede, seguiu com os olhos o movimento do garçom a se afastar com seu pedido. Na volta da mirada, deu com Ana olhando para ela. Cumprimentou a moça num aceno de cabeça quase imperceptível.

Algo constrangida ao ser flagrada em sua observação curiosa, a jovem sorriu ligeiramente de volta, e logo tratou de se concentrar nos objetos de sua mesa, na taça com seu vinho perfumado e vermelho intenso, no primeiro prato que chegava.

Já pelo meio da refeição, quando começava a saborear os aspargos, apreciando sua rara explosão de sabor, aroma e consistência, se surpreendeu com a chegada do garçom, trazendo uma *flute* e uma garrafa de *prosecco* aberta.

— Aquela senhora a convida a brindar com ela — explicou, enquanto servia o espumante.

— Eu? Tem certeza? — estranhou Ana, para dizer qualquer coisa, um tanto sem jeito.

— É... Ela está celebrando algo muito especial, e não quer brindar sozinha. Além disso, só tínhamos uma garrafa grande, ela contou que vai fazer uma viagem importante, receia ficar um pouco tonta... Explicou que não queria desperdiçar o vinho nem tomar demais. Convidou nós dois para festejarmos com ela.

Fez uma pausa e completou:

— Eu expliquei que não posso beber em serviço...

Outra pausa e novo comentário:

— Então ela disse que gosta muito da ideia de que sejam duas mulheres celebrando. O brinde perfeito, disse.

Sem saber o que dizer, Ana deixou que o rapaz lhe enchesse a taça e a ergueu em direção à dama de ar refinado, com seu turbante a evocar uma certa elegância dos anos 1940, fazendo lembrar a Duquesa de Windsor ou Simone de Beauvoir. Sorriram ambas, levaram a bebida aos lábios. Em seguida, discretas e elegantes, não se olharam mais. Cada uma seguiu concentrada em seu próprio almoço.

Depois da sobremesa, café e conta, ao se preparar para sair do restaurante, Ana pensou em chegar perto da senhora mais velha e cumprimentá-la, agradecendo pela gentileza inesperada. Mas não a viu sentada em seu lugar, agora vazio embora marcado pelo *blazer* aberto no encosto da cadeira. O excesso de agasalho na certa fizera efeito e o calor a levava a se livrar de tanta lã. De qualquer modo, não estava em seu lugar, devia ter ido ao banheiro. Não era o caso de esperar que voltasse.

Já na rua, a caminho do hotel para recolher a bagagem que deixara na recepção, Ana viu algumas pessoas aglomeradas em frente a uma banca de jornal, falando alto e olhando as primeiras páginas expostas. Ia passar direto mas algo no vozerio do grupo chamou sua atenção e a fez diminuir o passo. As manchetes falavam da marinha dos Estados Unidos, junto a fotos do presidente Ronald Reagan e de navios de guerra.

A moça parou para ler as manchetes e ficou sabendo da grande notícia do dia: a Sexta Frota norte-americana avançava em direção à Líbia pelo Mediterrâneo. O mar do meio da terra, quase doméstico, casa e pátria de gregos e troianos, campo líquido lavrado por fenícios, cartagineses e venezianos, cujas ondas ao longo dos tempos embalaram Ulisses e Marco Polo. Em terra firme, daí a pouco seu trem avançaria pelo meio de campos sólidos, plantados de aspargos e alcachofras, olivais, vinhedos e trigais. Há quem semeie a guerra e quem plante alimento, pensou. Como os dessa refeição delicada que acabara de celebrar.

Comprou um jornal para ler no trem. Ao recebê-lo, dobrado, viu no canto de baixo da primeira página uma notícia menor, dando conta de que na véspera, em Paris, Simone de Beauvoir morrera de pneumonia.

Ana teve um sobressalto. Sabia que seu horário estava quase ficando apertado para chegar à estação de trem com uma certa folga, como pretendia. Mas num vislumbre de mistério, quase num arrepiamento, lhe ocorreu que talvez tivesse acabado de compartilhar um brinde encantado com a dama do turbante, saudando misteriosa partida para alguma viagem muito mais longa que a sua.

Não podia deixar de conferir.

Deu meia volta e retornou rapidamente sobre os próprios passos, em direção ao restaurante de onde acabara de sair. Desceu apressada os degraus que levavam ao salão. Estava deserto. Tanto sua mesa quanto a da velha senhora estavam perfeitamente arrumadas, à espera de fregueses, sem qualquer sinal de que tivessem sido ocupadas. Procurou o garçom. Veio lá de dentro da cozinha um velho, de guardanapo pendurado no antebraço, andando bem devagar, arrastando os pés em passos curtos e quase hesitantes. Em resposta a suas perguntas, teimava em responder que eles tinham acabado de abrir a casa, não havia nenhuma senhora a quem tivessem atendido, nenhum cliente ainda fora servido.

— Mas acabei de almoçar aqui. Aliás, uns deliciosos aspargos à Bismarck.

— Desculpe, a *signorina* deve estar confundindo alguma coisa. Não temos isso em nosso cardápio. Pode ver.

E enquanto lhe estendia a carta, completou em tom de brincadeira:

— E, se não me engano, Bismarck era um político alemão, um general. É o nome de um homem de guerra, não de uma delícia da terra como os aspargos...

Não adiantava discutir. Nem com ele nem com o cardápio, claramente omisso nesse ponto.

No máximo, Ana podia rezar mentalmente uma ave-maria pela alma de Simone, enquanto se apressava na volta ao hotel, quase correndo, para não perder a hora do táxi já contratado para levá-la à estação.

Como uma menina bem comportada. 📖



ANA MARIA MACHADO

É autora de 10 romances, 12 livros de ensaios e dezenas de infantojuvenis. Traduzida em diversos idiomas, é ganhadora do Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra, de três Jabutis, do Hans Christian Andersen, do Príncipe Claus, do Casa de las Américas, entre outros. Seu título mais recente é a coletânea de contos **Vestígios** (Alfaguara).

DAVID LEHMAN

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

Radio

I left it
on when I
left the house
for the pleasure
of coming back
ten hours later
to the greatness
of Teddy Wilson
“After You’ve gone”
on the piano
in the corner
of the bedroom
as I enter
in the dark.

Rádio

Deixei-o
ligado quando
saí de casa
pelo prazer
de voltar
dez horas depois
para a grandiosidade
de Teddy Wilson em
“After You’ve gone”
no piano
no canto
do meu quarto
quando eu entrasse
no escuro.

March 8

Every so often my father comes over
to a visit he hangs his overcoat and hat
on my hat rack I brief him on recent
developments and serve us coffee
he is surprised that I like to cook
once when he made an omelette
he flipped it in the air much to my delight
and it landed on the floor yes that
was the summer of 1952, he remembered
the high breakers and how fearless
I was running into the ocean anyway
the important thing is to see you doing
so well he said and took his coat and hat
and left before I remembered he was dead

8 de março

Ocasionalmente meu pai aparecia
para fazer uma visita ele pendurava sobretudo e chapéu
na minha chapeleira eu conto a ele os progressos
recentes e sirvo café a nós dois
ele se mostra surpreso que eu goste de cozinhar
uma vez quando fez uma omelete
ele a lançou ao ar para meu grande deleite
ela aterrissou no chão sim isso
foi no verão de 1952, ele se lembrou
das ondas enormes e o quão sem medo
eu corria para o mar de qualquer forma
o que importa é ver que você está se saindo
tão bem ele disse e pegou seu sobretudo e chapéu
e saiu antes que eu me lembrasse que ele estava morto

Homily

Man has the will
to grieve
a week and no longer.

Ever the stranger
he will kill
with righteous anger.

What does he believe?
In his right to trade
a season of greed

for an hour
of love in an unlit corner.
Such is love’s power,

though it last no longer.
And such is his need
than which nothing is stronger.

Homilia

O homem se dispõe
a lamentar
por uma semana, não mais.

Sempre o estranho
que ele matará
com justificada raiva.

No que ele crê?
Em seu direito de trocar
uma temporada de lamentos

por uma hora
de amor numa esquina escura.
Tal é o poder do amor,

mesmo que não perdure.
E tal é sua necessidade
que não há nada mais forte.



DAVID LEHMAN

O novaiorquino David Lehman (1948) é mais conhecido como o editor da prestigiada série anual *The Best American Poetry*, já na trigésima terceira edição (que a mim, pessoalmente, revelou muitos poetas, alguns dos quais apareceram nas páginas deste **Rascunho**), e do *Oxford Book of American Poetry*. Mas Lehman, também jornalista, crítico e professor universitário, é sobretudo um autor de obra poética sofisticada, urbana e culta.

Dutch Interior

He liked the late afternoon light as it dimmed
 In the living room, and wouldn't switch on
 The electric lights until past eight o'clock.
 His wife complained, called him cheerless, but
 It wasn't a case of melancholy; he just liked
 The way things looked in air growing darker
 So gradually and imperceptibly that it seemed
 The very element in which we live. Every man
 And woman deserves one true moment of greatness
 And this was his, this Dutch interior, entered
 And possessed, so tranquil and yet so busy
 With details: the couple's shed clothes scattered
 On the backs of armchairs, the dog chasing a shoe,
 The wide-open window, the late afternoon light.

Interior de estilo holandês

Ele gostava dos fins de tarde quando a luz esmaecia
 Na sala de estar, e não acendia as luzes
 Elétricas até depois das oito da noite.
 Sua mulher reclamava, chamava-o de sombrio, mas
 Não era um caso de melancolia; ele apenas gostava
 De como as coisas se mostravam no ambiente mais e mais escuro
 Tão gradual e imperceptivelmente que parecia
 O próprio elemento no qual vivemos. Cada homem
 E cada mulher merece um verdadeiro momento de grandiosidade
 E aquele era o dele, a interior de estilo holandês, entrava
 E possuía, tão sereno e ao mesmo tempo tão ativo
 Com seus detalhes: as roupas do casal largadas
 Nos encostos das poltronas, o cão perseguindo um sapato,
 A janela bem aberta, a luz do fim de tarde.

Sexism

The happiest moment in a woman's life
 Is when she hears the turn of her lover's key
 In the lock, and pretends to be asleep
 When he enters the room, trying to be
 Quiet but clumsy, bumping into things,
 And she can smell the liquor on his breath
 But forgives him because she has him back
 And doesn't have to sleep alone.

The happiest moment in a man's life
 Is when he climbs out of bed
 With a woman, after an hour's sleep,
 After making love, and pulls on
 His trousers, and walks outside,
 And pees in the bushes, and sees
 The high August sky full of stars
 And gets in his car and drives home.

Sexismo

O momento mais feliz na vida de uma mulher
 É quando ela ouve girar a chave de seu amante
 Na fechadura, e finge que está dormindo
 Quando ele entra no quarto, tentando fazer
 Silêncio mas desajeitado, tropeçando nas coisas,
 E ela sente o cheiro de álcool em sua respiração
 Mas perdoa porque ela o tem de volta
 E não vai ter que dormir sozinha.

O momento mais feliz na vida de um homem
 É quando ele salta da cama
 Com uma mulher, depois de uma hora de sono,
 Depois de fazer amor, e veste
 As calças, e sai para a rua,
 E mija nas plantas, e observa
 O céu alto de agosto cheio de estrelas
 E entra no carro e dirige para casa.

Flashback

The lonely boy in the blue snowsuit playing
 With the dog that didn't exist
 In the yard of the house that hadn't yet been built
 Was the older brother I never had, and he was
 Carving a snow palace guarded by soldiers and stone lions
 Where violins played waltzes from the Vienna woods
 While in the big bay window in the living room
 You could see the mouths of his parents moving
 And though you couldn't hear the words
 You knew a divorce was in the cards, and then you see
 A close-up of the mother's face and suddenly
 You can tell what she will look like in twenty years
 And what she looked like twenty years ago.
 The boy vanishes. It continues to snow.

Flashback

O garoto solitário com casaco para neve azul brincando
 Com um cachorro que não existia
 No quintal da casa que ainda não fora construída
 Era o irmão mais velho que nunca tive, e ele estava
 Esculpindo um palácio de neve protegido por soldados e leões de pedra
 Onde violinos tocavam valsas das florestas de Viena
 Enquanto na grande janela da sacada da sala de estar
 Você podia ver as bocas de seus pais se mexendo
 E ainda que não conseguisse ouvir as palavras, você
 Sabia que um divórcio estava à vista, e então você viu
 Um close-up do rosto de sua mãe e de repente
 Podia dizer como ela seria em vinte anos
 E como ela foi vinte anos antes.
 O garoto esvanece. Continua a nevar. ❶



O PAÍS DAS MARAVILHAS

PAULLINY TORT

Ilustração: **Marcelo Frazão**

Can I touch him? A americana de olhos azuis e cabelo amarranhado pergunta antes de intentar com as mãos, se agachando, se aproximando. Sorina abaixa e levanta a cabeça coberta pelo lenço verde-pálido, autoriza. Não entende a língua da americana, apenas sabe o que ela quer. Dou um pulo à frente, para fora desse tecido que é todo meu pasto, mas Sorina me detém pela coleira. Ah, sempre me esqueço da desgraçada coleira que me enlaça pelo peito e me mantém humilhado como um cachorro. De relance, vejo sapatos de salto passarem apressados. Galochas, botas, tênis, pernas que se entrecruzam costurando a cidade. As pessoas são agulhas de bordar sobre uma colcha de retalhos feita de pedra, concreto e asfalto. Depois da calçada, correm faróis acesos à luz do dia, motocicletas, bicicletas, carros. Choveu pela manhã, os pneus chiam na pista, um depois do outro, um depois do outro, um depois do outro, até um sinal fechar. Reconheço um bueiro no fim da faixa de pedestres. Há tempos quero escapar por um bueiro. Antes que eu possa tomar novo impulso, Sorina me puxa para perto de si, me imobiliza. Na ponte, um casal de chineses vestidos de branco posa para um fotógrafo. A mulher pesadamente maquiada, com uma estola de pelúcia sobre os ombros, e o homem

enforcado numa gravata azul-bebê. Ridículos, os dois. Todos vocês são ridículos! É o que grito do meu silêncio, sacudindo os pés, esquecido da americana e perturbado por esses outros transeuntes. Quem dera pudesse mandar essa gente à merda. Quem dera Sorina o fizesse, porque também ela, velha, cansada, sentada num pedaço de pano, desperta uma curiosidade perversa e os turistas só não lhe passam a mão como fazem comigo porque têm nojo. Se até as pessoas têm nojo das pessoas, por que eu não teria? Intento uma última escapada, mas a coleira me agarra firme. Não há remédio. Sem me resignar, porque não há um pingão de aceitação nessa derrota, desisto de fugir por enquanto. A americana me devora. Enfia as garras por baixo do meu casquinho de lá (Sorina o tricotou) e me assanha, me apalpa. Repuxa as minhas orelhas para trás, vendo nesses gestos um carinho que eu retribuiria à bala, se pudesse. Mordo ou não mordo? Encolhido sob seus dedos armados de anéis, sinto um perfume forte demais e espirro.

Satisfeita, a americana atira uma moeda de um euro num copinho de papel que Sorina mantém ali, sempre com pequenos valores, para estimular a clientela. Quando a moeda bate contra o fundo do copo, os sinos da Notre Dame soam, espantando as aves na borda do rio. Depois que a americana se afasta, Sorina mete os dedos no copo, cata a moeda e guarda no bolso. Deixa apenas os valores miúdos mesmo, pois é preciso estimular sem parecer que goza de boa situação. Bebe um gole d'água, da garrafa que mantém por perto, enche meu pote e pega um punhadinho de ração na bolsa. Junta esse punhadinho ao capim de trigo e à cenoura que faz questão de manter à vista, sobre o tecido. Ajeita a placa em que pede dinheiro para me alimentar, um pedaço de papelão em que se lê a mesma mensagem em quatro idiomas distintos, incluindo o romeno, único que ela entende. A placa é decorada com dois ícones bizantinos. Embora não costumem se apiedar da velha, que é bigoduda e muito enrugada, se apiedam de mim, então, para Sorina, é um negócio razoável. Uma vez, ela disse para Ion que isso nunca aconteceria no país deles, alguém oferecer dinheiro a uma pessoa só porque ela está sentada no chão com um coelho, mas aqui parece dar certo. Paris é muito diferente de Bucareste, de Rahova, a França é muito diferente da Romênia, a velha costuma repetir em casa durante a contagem dos cobres. Agora assoa o nariz num lenço de pano, porque está resfriada. Logo aparecem um brasileiro, uma italiana, uma japonesa, e todos me perturbam, me esfalfam; em troca disso, largam suas moedinhas no cofre de Sorina. Os franceses não, os franceses, graças a deus, nunca param. Coelho, para eles, só tem graça na panela. *Lapin sauté chasseur; lapin à la moutarde, lapin sauté chasseur à la cocote*, coisas assim. Se temos pelos brancos e olhos vermelhos, é irrelevante.

Pelo fim da tarde, com os bolsos pesados, Sorina se levanta. Já recolheu meus comes e bebes e nossa garrafa. O copo de papel que usou para as moedas, atira-o longe, no chão. Como tantos outros, esse copo acabará nas profundezas do Sena. Sem capricho, dobra o pedaço de pano que usamos como tapete, as minhas fezes caem e pipocam na calçada. Franze o nariz ao guardar numa sacola o tecido dobrado (detesta o cheiro do meu mijo). Organizada essa bagagem modesta, Sorina recolhe a mim. Vou embaixo do braço, onde me aqueço na umidade flácida de sua axila. Notre Dame canta os sinos de suas torres outra vez. As pessoas se agitam nas mesas dos cafés, nas barracas de antiguidades, nos automóveis. Vejo aves, vejo cães. Coelhos é que não há, exceto talvez os que jazem nus e sem cabeça nos freezers dos restaurantes. Passamos pela Fontaine Saint-Michel, onde os turistas, onde os pútridos turistas fotografam e ignoram as sacolas e os papéis que boiam na água. No caminho para a estação, ela entra em uma padaria para comprar uma baguete. A padaria tem um cheiro morno, fermentado, de açúcar, o melhor cheiro da França, mas não há nada aqui para mim. Sorina usa as três palavras em francês que conhece, paga e sai. Quando chegamos ao Odeón, antes de descer a escadaria, ela me guarda na bolsa. Então não vejo mais nada.

No trem, sentada em um banco, é que ela coloca minha cabeça para fora. Há homens e mulheres de pé, pendurados nas barras do vagão como bichos de abatedouro. Inspiro esse ar de lotação máxima e, como sempre, olhos se voltam para mim. Há quem sorria, há quem reclame, há quem permaneça indiferente, mas se voltam para mim, depois se distraem de novo e se perdem na escuridão solitária dos túneis. Trocamos de trem duas vezes e essa cena mais ou menos se repete. No último que tomamos, há uma criança, uma menina muçulmana sem os dentes da frente, e ela se encanta com minha presença. A menina pede para me fazer carinho e, embora eu tenha resistido inicialmente, o afago dela é dócil, fácil. Acabo adormecendo como há muito não adormecia. Sonho com o que conheço de longe, a partir da distância infinita dos braços da velha: a grama fresca do Jardin du Luxembourg na primavera, as árvores desfolhadas do Jardin des Tuileries no outono. Sorina se levanta, eu acordo — o trem está completamente vazio. Só então me lembro que estamos a caminho de casa. Memória mais curta, a minha! Todos os dias o mesmo esquecimento, todos os dias a mesma surpresa desagradável. Os vagões voam nos trilhos, enquanto nos observamos no reflexo das janelas. O som do ferro contra ferro aqui parece mais alto.

No apartamento em que vivemos, cabem dois colchões, um fogareiro, três ou quatro caixas de papelão e uma gaiola de ferro. Não há janelas, banheiro e

calefação. Por isso, Ion, neto de Sorina, Ion, que vive de vender miniaturas chinesas da torre Eiffel no Trocadéro e cadeados na Pont des Arts, Ion, que vez ou outra foge da polícia com suas muambas, Ion diz preferir a rua. Eu também preferiria. Pelo menos, cá fora vejo o sol, a neve, o rio. Ou mesmo o interior desse túnel sinistro. No apartamento, tudo o que vejo é Sorina. Ela e suas missas imaginárias, seus rosários, seus mistérios bizantinos, seus dentes pouquíssimos, contados. É muito religiosa. Aos domingos e nos dias santos, não trabalha. Passa prostrada diante dos ícones que colou na parede, rezando em romeno. Em tudo, gruda esses ícones, umas figurinhas autocolantes em que figuram uma virgem Maria e um Cristo, ambos sérios, coloridos em tristes tons de sépia. Por ela me considerar uma ferramenta de trabalho, acabo esquecido na gaiola nesses dias, o que é pior que ser exposto aos turistas, pois, preso tanto tempo num espaço sem limpeza, minha comida se mistura às fezes e tenho experiências bastante desagradáveis. Sem falar no ardor do mijo. Mas, para Sorina, tanto faz. Ela só reza e reza. Às vezes me pergunto por que tipo de milagre roga tanto. Como deus a salvaria? A porta do trem se abre, meu peito dispara, tento saltar da bolsa, mas sou empurrado para dentro. De novo, a escuridão.

O bairro em que descemos é diferente dos arrondissements de Paris. Aqui não há turistas. Franceses, muito raros, só um ou outro. Mesmo de dentro da bolsa, sem ver nada, dá para notar a diferença. Em vez de cheiro de croissant, cheiro de kebab. Em vez de francês, dialetos, romani, árabe. Até o jeito que ela caminha aqui é diferente, mais relaxado, como se não tivesse tanta vergonha de ser uma estrangeira de pernas tortas com um lenço amarrado na cabeça. Nosso apartamento fica na sobreloja de uma tabacaria cujo dono é um franco-argelino chamado Said. Por causa da fumaça dos clientes, uma bruma adocicada feita de vários tabacos, sempre sei quando estamos chegando, mas hoje ouço a voz de Said antes de sentir esse cheiro. Forço os pés contra as tralhas que a velha carrega na bolsa e despono a cabeça para fora. Vejo Ion de pé na calçada, os dois colchões, as caixas, o fogareiro, a gaiola. Said repete uma única frase em romeno: *nicio plată, nici o afacere*, sem pagamento, sem acordo. E volta para a tabacaria, desinteressado das moedas e das súplicas de Sorina. As lágrimas dela batem nas minhas orelhas, que estremeçam e as espirram longe.

Escureceu. A velha me enfia na gaiola, que permanece na calçada junto ao restante da mobília. Ela e Ion conversam sentados no meio-fio sobre as possibilidades que restam. Como quem evita, mas não encontra outra solução, Ion sugere timidamente tentarem algo na Boulevard Ney. Sorina eriça os bigodes, balança a cabeça. De jeito nenhum viverá nos

trilhos com os ciganos, no meio do lixo e dos ratos. Deus intercederá por eles, ela diz e aponta para o céu. O neto continua matutando, com o queixo apoiado nos joelhos. Quem sabe em Auberwilliers consigam vaga ao menos para passar as próximas noites? Sorina faz muxoxo, não gosta de uma ideia nem de outra. E continuamos pela calçada. Tanto os gatos quanto os ratos já saíram das tocas, se esgueiram às sombras noturnas nas fachadas dos prédios. Guincham, miam, brigam, há bastante coisa acontecendo entre eles. Confesso que a ideia de fugir agora me dá uma certa paúra, mas amanhã, se ainda estivermos pelas ruas, amanhã quando for dia e abrirem minha gaiola para atirar um pedaço de cenoura, amanhã pularei com tanta força que ninguém me deterá. A noite esfria, as estrelas prescrevem. As lojas, inclusive a tabacaria de Said, descem pesadas mantas de ferro. Sorina e Ion roem a baguete pura que esperavam comer com sopa. Fora os dois, não vejo mais ninguém. Ela assoa o nariz no lenço, não sei se pelo resfriado ou pelo choro. No futuro, quando eu estiver longe, talvez pense em Sorina sozinha na Pont Saint-Michel, com seu copo de moedas e esse focinho molhado. Talvez ainda ouça o murmúrio de suas preces. Mas não sentirei falta dela. De Ion, muito menos. E não me importarei com o destino deles, pois amanhã serei enfim o que sou. De dentro de uma das caixas, Sorina toma os ícones de papel rasgados, arrancados às pressas da parede. Reza, como de costume. Na sarjeta, ela também cumpre essas obrigações, quiçá com mais fervor que as beatas perfumadas nas igrejas. Considero positivo que reze, que se distraia. Quem sabe depois deus não arranje para Sorina outro coelho? Isso quando eu estiver distante, quando eu tiver aprendido a ser selvagem, como esses gatos e esses ratos que correndo brilham na penumbra. Quem sabe deus não a transforme, ela própria, num coelho branco? Somos animais de fuga, cabemos em frestas, escapamos por buracos, encolhemos, crescemos, pode ser uma vantagem. Bom, mas isso não é problema meu. Estarei longe, muito longe. Isso é entre Sorina e deus. ❶



PAULLINY TORT

Nasceu em Brasília (DF). É jornalista e mestre em Comunicação e Sociedade pela UnB. **Erva brava** (Fósforo), seu primeiro livro de contos, foi vencedor do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e finalista do Jabuti 2022. Estreou na literatura em 2016, com o romance **Allegro ma non troppo** (Oito e Meio), semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura.



ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



PATRÍCIA LAVELLE

PATRÍCIA LAVELLE

Em poesia, publicou **Sombras longas** (Relicário) e **Bye bye Babel** (7Letras), menção honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte e cuja reescrita autoral está no prelo. Contribuiu com poemas e traduções de poesia para revistas como *Po&sie* e *Place de La Sorbonne* e foi traduzida em espanhol, francês e inglês. Participou das antologias **Um Brasil ainda em chamas**, **Brésil: poésie intraitable**, **Poetas contemporâneas do Brasil**. Professora da PUC-Rio, é doutora em filosofia e também autora de ensaios, entre os quais **Walter Benjamin metacrítico**.



 **rogério pereira**
SUJEITO OCULTO

NÓS, OS VELHOS

Você é um velho, meu filho. As palavras mastigadas pelos dentes falsos da dentadura desenharam um leve sorriso no canto da minha boca, um esgar irônico carregado da certeza de que a assertiva materna arrastava um punhado de verdade. Eu ainda era um homem jovem, de músculos firmes e certezas inabaláveis. E vislumbrava alguns sonhos no delicado equilíbrio da vida. Portanto, apenas um velho metafórico. Ou nem tanto. Não lembro o motivo da ralhação da mãe. Vivíamos num mundo de poucas palavras, silêncios pesados e afetos esparsos. Às vezes, quebrávamos o pacto doméstico e tínhamos alguns momentos que tentavam dissipar as negras nuvens que pairavam sobre a nossa família — conduzida com elevados índices alcoólicos corpo adentro do pai, transformados em safanões, socos e ofensas ridículas. Éramos feras enjauladas a brincar de pai, mãe e filhos. O lobo estava sempre dentro da casa dos três porquinhos.

O irmão riu. E reproduziu baixinho a alcunha proferida pela mãe: velho. A palavra — mesmo numa casa moldada de vazios semânticos — transformava-se em marca à brasa no lombo. Velho. Talvez a mãe tivesse razão. Sempre reclamando pelos cantos, os ombros arqueados para baixo, como se amparasse o corpo magro numa bengala imaginária. Um típico personagem das horrendas histórias infantis: espécie de bruxo urbano, com certo exagero. Detestei quase todas as tecnologias. Evito atender chamadas telefônicas. E ainda fujo das imprescindíveis redes sociais feito um cachorro sarnento apedrejado. Tenho um trauma: nunca postei uma foto de café expresso ao lado de um livro. Talvez, o faça, trocando a xícara de café por um penico ou a dentadura num copo d'água. Enclausuro-me em casa e só saio para o necessário da vida. Alguns poucos amigos garantem que não sou velho, sou um misantropo literário. Tomo isso como um elogio. Afinal, não posso me dar ao luxo de perder os amigos que chegaram até aqui, nesta encruzilhada rumo a um fim tão previsível.

Mas não me preocupo com a maldição que me acompanha mesmo com a morte da mãe há dez anos. Engraçado: para o epílogo, o câncer instalou-se na garganta daquela mulher quieta e escavou buracos que a impediram de falar. Inclusive os médicos furaram um buraco sem seu pescoço para que respirasse. Havia duas opções: morrer sufocada ou morrer mastigada devagarzinho feito

uma barata devorada por pequenas e famintas formigas. Optou-se pelas formigas. No final, a mãe não falava (mas para que palavras se elas nunca contaram uma história completa?), apenas grunhia e, vejam que incrível, comunicava-se por palavras escritas em tirinhas de papel. Um tanto irônico para uma mulher quase analfabeta. Como bom filho, decifrei até o fim cada hieróglifo esculpido na caverna assombrada pela morte. Reproduzi a história possível.

O que me preocupa agora — neste instante em que chego ao terço final da vida, caso a lógica prevaleça — é que coloquei no mundo outro pequeno velho. Esperávamos pelo arremedo dos Beatles no teatro quase lotado. A noite de sábado era agradável e um amor imenso nos envolvia. Ele com a clássica camiseta preta e o nome da banda inglesa em le-

tras brancas. É um menino feliz, tem muitos amigos, articula com facilidade pensamentos lógicos, vai bem na escola, joga futebol com desenvoltura, gana e elegância. Mas algo está fora do lugar, desloca-se para um tempo pretérito, em direção aos antepassados que não tivemos.

Caminha com os ombros arqueados. Vejo em sua mão esquerda (sim, ele se declara de esquerda para certo desespero da mãe e da irmã) uma bengala de carvalho. Estamos lado a lado a ombrear nossas senilidades precoces. Tem um gosto musical peculiar: além de Beatles (de onde veio o amor pela banda de Liverpool?), de quem sabe todas as mais de duzentas músicas (Algumas ainda não sei a letra toda, diz com a certeza de que logo saberá), carrega em sua discoteca afetiva: Belchior, Chico Buarque (fomos ao

show), Tom Jobim, Mônica Salmaso, Vinicius de Moraes, The Velvet Underground, The Kinks e por aí afóra rumo aos anos sessenta, cinquenta, quarenta. Aos treze anos, é um velho de bom gosto. Um velhinho com a vitalidade de um leão.

No domingo, o pai completou setenta e cinco anos. Não teve festa. Eu não liguei. Não teve o feliz aniversário, pai. Não teve bolo. Nem velas. Nem parabéns pra você. Nem nada. Meu irmão esqueceu do aniversário. Me mandou mensagem perguntado se já tinha passado a data. Eu disse é hoje, setenta e cinco anos. Vou mandar uma mensagem, ele disse. Eu não disse nada. Minha vingança é literalmente silenciosa. Não se trata de vingança, na verdade. É apenas a falta absoluta de ter o que dizer. Nunca tivemos palavras a entregar um ao outro. Nunca tivemos quase nada nesta troca imposta pelo acidente genético que nos colocou um no caminho do outro. Mas não temos escolha: vamos suportando a existência que logo será apenas uma lembrança meio borrada.

Dançamos com a timidez que nos assombra. Um quase imperceptível movimento de braços e pernas entre as poltronas do teatro, onde velhos de todas as idades sonhavam uma juventude infinita. Desafinado, ele cantou com gosto todas as músicas. Eu inventei palavras, movimentei os lábios em falsete: um títire de Lennon à sorrelfa. Somente na infantil *Yellow submarine*, consegui esboçar versos completos apesar da canhestra pronúncia. Mas, neste caso, trata-se da vingança particular de um daltônico. Escondo motivos diabólicos em minhas interações sociais.

Após mais de duas horas dos falsos Beatles, todos de São Paulo, esforçando-se num carregado sotaque britânico, saímos a passos lentos, amparados numa fraternal felicidade, como convém a dois anciãos. Já sob um céu estrelado rumo ao estacionamento, ele disse com um ar de normalidade “agora estou ouvindo muito a Celly Campello”. Os versos de *Estúpido cupido* solaparam a minha cara de incredulidade. Consegui apenas retribuir com um “muito bom, meu filho”. Mas queria era devolver na mesma moeda a herança familiar: você é um velho, meu filho.

Restou-me entregar-lhe a bengala para que tivesse mais firmeza nos passos até o charmoso Simca Chambord que nos levaria de volta ao passado. **1**

Ilustração: **Carolina Vigna**



Chão



23 anos de Rascunho
4 anos de Chão

Livros que revelam seu tempo
e ajudam a entender o nosso

www.chaoeditora.com.br

[chaoeditora](#)